

## Câmara decide multar "escritores" de parede

# INSCRIÇÃO A 9 CONTOS POR LETRA

O velho tema das inscrições nas paredes da capital voltou à discussão em sessão camarária, por proposta de um vereador do PSD. Desta vez, foi possível obter uma maioria contra os votos da APU (que sempre defendeu o princípio da «liberdade de expressão») e assim se estabeleceu uma coima que pode ir até aos 200 contos para os «escritores» de parede. Mas, porque também se trata de levar os cidadãos a tomarem consciência, uma campanha de sensibilização prévia está também já anunciada. É de fazer contas, portanto, por parte de quem se sentir tentado: é ver quanto lhe pode custar cada letra...



Pág. 9 Quanto às inscrições já feitas... paciência. Mas as novas estão sujeitas a multa



A Serra da Estrela e a região de Bragança são as únicas exceções registadas em Portugal — o único país europeu até agora poupado pelo mau tempo, que já fez 125 mortos no resto do continente. Na foto: uma estrada nos arredores da Guarda

## EUROPA:

*Pior vaga  
de frio  
do século  
poupa  
Portugal*

# A Lei da Rádio garante o pluralismo

Fito de Moraes

*Pecado da gula — Raul Rego dixit — é o mínimo que dizer se pode da campanha histórica desencadeada por certos sectores responsáveis da Igreja Católica, contra a chamada Lei da Rádio, há dias aprovada pela Assembleia da República.*

Tomou esta campanha, que procura fundamentalmente atingir o Partido Socialista, tais formas de destempero que se impõe procurar esclarecer a opinião pública certamente baralhada com tanto dislate. Façamos um pouco de história.

Há muito tempo, por razões que são óbvias, se considerou necessário acabar com a autêntica anarquia existente na utilização das frequências de radiodifusão.

Impunha-se a promulgação de uma lei que pusesse esta casa em ordem, sem atingir — se fosse possível — situações existentes e que distribuisse equitativamente as frequências de rádio disponíveis.

A lei é finalmente aprovada na Assembleia da República no fim do ano passado. Trata-se de uma lei equilibrada, que respeita o que existe com condições técnicas de funcionamento e encontra uma solução democrática para a atribuição das três frequências FM de âmbito nacional disponíveis. Isto é, prevê o concurso público entre os interessados, e até aborda o problema do número de frequências já concedidas, embora o faça, a meu ver, com demasiada timidez e certamente com pouco sucesso, por poder mesmo assim permitir a violação do espírito da lei que procura evitar situações de privilégio.

Mas não há dúvida que a lei procura sobretudo moralizar, democratizando todo o processo de atribuição de frequências.

E é contra esta moralização que se levanta a Rádio Renascença — emissora oficial católica — e até, imagine-se, o Conselho Permanente da Conferência Episcopal e outros altos dignitários da Igreja, fazendo-o, ainda por cima, em termos que democratas, crençantes e não crençantes, só podem considerar como pouco próprios para as funções eclesásticas que exercem.

Pressionam por todos os meios de que dispõem, no sentido da revogação da lei e invocam principalmente os seguintes argumentos:

## I — Vêem-se expoliados de um direito adquirido

Uma das frequências em causa já havia sido concedida à Rádio Renascença e outra à Rádio Comercial, por governo anterior, provisoriamente.

É evidente que a Assembleia da República tem o direito, que em democracia não pode ser contestado, de legislar sobre a matéria e fá-lo seguindo a regra da maioria. Portanto, mesmo que a Emissora Católica e a Rádio Comercial tivessem adquirido o direito de explorar as frequências em causa — o que de forma alguma aconteceu — a Assembleia da República estava, ela, no seu pleno direito de retirar a concessão se entendesse que era justo fazê-lo, abolindo privilégios que são inadmissíveis mesmo em termos constitucionais.

Mas nem isso aconteceu, porque a atribuição destas frequências foi feita a título provisório, precisamente porque



se sabia — toda a gente sabia, inclusivamente a Rádio Renascença — que estava em preparação uma lei sobre o assunto e que este despacho não queria nem devia condicionar, de qualquer maneira, o que viesse a ser legislado.

Argumentar de forma diversa, chegando a afirmar-se que existe um qualquer compromisso de Estado, é insinuar que por detrás deste despacho existiam motivos pouco claros. Não se descortina, com efeito, onde poderia existir o interesse do Estado.

Recuso-me a aceitar sequer a hipótese, que desacreditaria gravemente todos os intervenientes.

Outras eram evidentemente as intenções da Rádio Renascença ao solicitar antecipadamente a concessão.

Conseguiram dessa forma apresentar um facto consumado ou pelo menos forjar um argumento que pudesse provocar toda esta polémica que, ainda por cima, procura transferir a questão para o campo de uma luta religiosa.

Agiu, evidentemente, de má fé!

## II — A lei procura abafar a voz da Igreja!

Toda a gente sabe que a Rádio Renascença é a emissora mais potente existente em Portugal, possui a melhor cobertura radiofónica em onda média e frequência modulada e transmite ainda para os quatro cantos do mundo, em onda curta, privilégio ímpar.

Também se sabe que, para além das frequências de que dispõe em várias emissoras, a Igreja utiliza emissoras particulares distribuídas pelo País e ainda as emissoras do Estado que todos nós pagamos. Sem falar na utilização abusiva que faz dos programas da RTP.

É evidentemente hipócrita a afirmação, que se destina a confundir a opinião pública e a especular sobre os sentimentos religiosos dos católicos.

Aproveita-se a lei para criar um conflito artificial com a cumplicidade do Governo.

Um Governo que se mantém num quase permanente conflito — que ele

próprio provoca — com o órgão de soberania mais representativo da democracia e que não hesita em rebelar-se contra decisões da Assembleia, como o faz neste problema.

Governo e Igreja deviam ter consciência dos perigos por que fazem passar o regime ao desencadear campanhas do estilo desta a que estamos assistindo.

Que diria a tudo isto o cônego Manuel das Neves, meu companheiro de cativeiro que foi desterrado no tempo do fascismo pela hierarquia da Igreja da época?

Que diriam tantos outros sacerdotes católicos que se bateram pela moral do Estado, pelo direito, pela igualdade, pela liberdade, se assistissem a esta estranha campanha, movida, ainda por cima, por quem a faz?

## III — A lei causa-lhe prejuízos materiais

Argumenta ainda a Rádio Renascença com os milhares de contos que teria gasto na convicção de que a frequência lhe seria atribuída. Esta convicção só a poderia ter se tal atribuição de frequência não desse lugar a dúvidas nem objecções futuras, o que não era o caso, pois sabiam bem que lhe tinha sido concedida a título provisório — como expressamente diz o despacho — e portanto lhe poderia ser em qualquer momento retirada.

Estava longe de ser uma conquista definitiva, antes pelo contrário, devia ser considerada como provisória.

É evidente que a Emissora Católica quis correr um risco e premeditou toda esta ofensiva para o caso de lhe não vir a ser confirmada a concessão. Estava no seu pleno direito de correr o risco. Se tem ou não direito, nestas condições, a qualquer indemnização é matéria para os Tribunais resolverem. Mas será que no fundo de toda esta questão não está tão somente em jogo um problema puramente comercial que nada tem a ver com aquilo que devia ser o empenhamento exclusivo da Igreja Católica de divulgação da sua mensagem espiritual?

Custa a acreditar que se misturem as duas coisas, mas é ao que se assiste. Importante parece ser na realidade a exploração da publicidade, a divulgação da Fé está em segundo plano.

Ao espírito da gula que a faz lutar por um estatuto de privilégio, de quase açambarcamento, vem juntar-se um espírito ambicioso de ganância por bens materiais. São pecados «feios» que deveriam exigir grande penitência.

A Lei da Rádio é uma lei justa, democrática, que garante o pluralismo na radiodifusão e coloca todos no mesmo pé de igualdade.

O Estado português é um Estado laico. Tem o dever de não privilegiar qualquer confissão religiosa, respeitando-as a todas no exercício das suas funções espirituais.

12 de Janeiro de 1987

\* Presidente do Partido Socialista



Maria João Henriques  
22 anos, estudante de design

## "A política chateia-me, prefiro a intervenção estética"

Se tu pudesses, o que melhorarias no mundo que te rodeia? — Sinto-me muito impotente. Oiço as notícias, sei o que se passa e fico chocada. Mas não poder fazer nada dá uma sensação desagradável.

Não encontras qualquer possibilidade de intervenção nas coisas, é assim tão desesperado? Há as organizações partidárias, por exemplo...

— A política chateia-me. Prefiro a intervenção estética. Por meio do design?

— O meu curso não contribui em muito para a sociedade. Foi até contra esse estado de coisas que eu resolvi escrever para a Unicef, aqui há tempos. Ofereci-lhes os meus préstimos.

E a Unicef precisou deles?

— Sim. Eu é que ainda não fui lá. Não me surgiu a ocasião. A resposta da Unicef deu-te então a certeza de que o design poderia ser interventivamente útil?

— Isso. Mas eu entro em contradição comigo própria: é que o design não vai servir as pessoas que não dispõem de bens nem podem vir a dispor. O que o design cria... são bens, não é?

É um dilema, de facto. Grandes desejos teus, contas?

— Fundar uma escola de design, com apoio teórico. Algo que movimentasse isto tudo.

Viabilidade, tem?

— Precitaria de montes de dinheiro.

Em Lisboa, onde quase tudo o mais está?

— Nem pensar nisso. Tinha de ser no interior do País. Já te apercebeste das aberrações estéticas que há por aí? Onde há novos ricos é onde se está pior.

Estás então disposta a abandonar a comodidade da capital?

— Pois estou. Vou para as Caldas da Rainha.

Opção?

— Opção. Já lá arranjei casa e tudo.

Ouve lá: as tuas preocupações estéticas reflectem-se no dia-a-dia da tua vida?

— Sim. Defendo constantemente os meus pontos de vista, participo em acções culturais, diversifico actividades.

Como?

— Faço montras, por exemplo.

E na tua maneira de vestir, também se reflecte?

— Não tanto como desejaria, pois estou limitada no meu poder de compra. Tenho fases, uma vezes preocupo-me com esse cuidado estético nas roupas, e noutras não ligo. Apercebo-me que não é necessário, afinal.

## O espaço social-democrata e a governação do PSD

**E**xistirá, no Portugal dos nossos dias, um «espaço social-democrata»? Referimo-nos, como é bem de ver, a um espaço ideológico, e político, e eleitoral, distinto do espaço político-partidário que o Partido Socialista ocupa qualquer que tenha sido o processo de social-democratização por que passou desde a fase heróica em que se proclamava, *urbi et orbi*, «partido marxista». Ora esse «espaço social democrata» — se diferenciadamente existe —, não será perfeitamente coincidente com o partido que usa o título. O Partido Social Democrata (PSD) inclui áreas políticas e eleitorais de direita, e a sua prática política não se mostrou capaz de atrair, ou de invadir, os meios do «socialismo democrático» que o Partido Socialista (PS) abrange, lidera ou para os quais constitui pólo de atracção. Coloca-se, portanto, o problema de sabermos o que é, presentemente, esse «espaço social-democrata» e em que medida ocupá-lo, ou controlá-lo, é a vocação profunda do PSD.

Estas questões revestem-se de irrecusável actualidade. Surgiram comentários à política do professor Cavaco Silva que o inculcam como «líder da direita». E até se adianta que será provável que o actual Primeiro-Ministro venha a ser o candidato presidencial («da direita»), numa disputa eleitoral bipolarizada. Mas, a estes dias regressando, Cavaco Silva exerce uma liderança *de facto* dada a conjuntura político-governativa, mais que *de direito*, se tivermos em conta o seu discurso eleitoral (eleições legislativas de Outubro de 1985) e a própria designação do partido de que é, presentemente, o máximo dirigente. Cavaco Silva está entalado entre um «projecto político» e uma «realidade política». À direita do PSD apenas se evidência uma força política: o CDS.

Só o CDS, no «espaço político de direita», tem uma intervenção na vida pública; só o CDS tem uma liderança política; só o CDS tem ideias e capacidade crítica; só o CDS tem uma prática política autárquica e parlamentar; só o CDS tem representação na Assembleia da República. A restante *direita*, conservadora e saudosista, ultramontana e antidemocrática, não conseguiu emergir da grande confusão ideológica, nem conseguiu constituir uma liderança. Mas, o CDS tem-se desgastado por razões internas e externas. Esse desgaste dá ao PSD possibilidades e encargos. É no espaço conservador, num *centro* que é *direita*, que o PSD se instala. Para o *centro-direita* deslizando do *centro-esquerda* que era o seu espaço próprio na original intenção de Francisco Sá Carneiro.

Ocorre perguntar se, para Francisco Sá Carneiro, na versão primeira que deu à «social-democracia» que deveria constituir a prática política e o objectivo do PSD, o *centro-esquerda* não seria, caracterizadamente, uma posição de competitividade com o Partido Socialista. Com efeito, Francisco Sá Carneiro afirmou: «A social-democracia não é mais do que o socialismo democrático. Este não é um fim em si, mas um meio de libertação do Homem. E a social-democracia não é apenas via para atingir um socialismo diferente do caminho, mas sim construção mesma desse socialismo, troço inicial da estrada a rasgar, melhorando-a, para que, por essa via do



Francisco Sá Carneiro  
*social-democracia = socialismo democrático*

socialismo democrático e personalista, se atinja a libertação do Homem.» Para ele caminhar para o socialismo não era um exclusivo político do Partido Socialista. As suas palavras são claras. Claro é o rumo que traça e o objectivo que define: «A sociedade que defendemos é uma sociedade socialista, sem distinção de classes, em que o homem seja liberto da exploração, da alienação e da opressão.» Não se reconhecerão no seu *radicalismo* os que hoje falam no PSD, e pelo PSD. Recorde-se que dizia: «Repetidamente afirmamos que a social-democracia é possível em Portugal e desejável para o nosso país, com argumentos que ainda não vimos refutados por ninguém./Sempre evidenciámos não reear as nacionalizações ou, melhor, a socialização da riqueza e dos meios de produção dos sectores — chave da economia.» E, indo muito longe em relação à opinião actual daqueles que invocam o seu nome, Francisco Sá Carneiro assumia uma posição anticapitalista: «A social-democracia não mantém nem procura manter o sistema capitalista.»

Não descendo ao fundo do pensamento de Francisco Sá Carneiro, mas não o tendo completamente esquecido como se nos afigura ter sucedido a dirigentes partidários, ministros, secretários de Estado e deputados do PSD, o presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira e dirigente insular do PSD afirmou, na coluna de opinião que se reservou num semanário sur-realista de Lisboa, que: «Todos os que, desde 1974, optámos por seguir Sá Carneiro no seu esforço de sempre para encontrar uma terceira via para os portugueses, entre o conservadorismo e a esquerda, não há dúvida de que temos de reagir e de dizer BASTA de fossilização.» Esta «fossilização» é para Alberto João Jardim o facto consumado da redução das «opções políticas dos portugueses a uma Direita colaboracionista com o sistema e a uma Esquerda situacionista». E, para Alberto João Jardim, esta situação ganha terreno: «Como se o Partido Social Democrata português deixasse de constituir um projecto autónomo em relação a essa Direita e a essa Esquerda» («Tempo», 8/1/1987).

O líder social-democrata madeirense não terá assimilado a doutrina, que, numa primeira versão, foi a de Francisco Sá Carneiro. Para este a Democracia era «inseparável do socialismo que defendemos», e defendia, ao regressar à plena actividade política em Setembro de



Cavaco Silva  
*social-democracia contra liberalismo conservador*

1975, que a social-democracia não era «apenas» via para o socialismo, mas simultaneamente o socialismo possível em cada momento segundo a escolha do Povo através do sufrágio. Alberto João Jardim não tem esse entendimento da «via social-democrática», mas não adere à perversão do ideário e da prática. Comentando o que considera ser «fossilização» escreve: «De facto, é artificial ignorar que, em Portugal, ainda existem muitos concidadãos que, se por um lado nada querem com o socialismo, por outro lado também recusam uma sociedade conservadora, de «tabus» hipócritas, assente em profundas diferenças de classes e no domínio selvagem de certos grupos económicos e de poderosas famílias do eixo Lisboa-Cascais, agora aclaradamente promovidas através de colunas de *jet-set* e para fins que não são inocentes, que não são apenas de fútil mexerico.»

Passemos além, no texto de Alberto João Jardim, das imprecisões ideológicas, da referência provinciana à «Filosofia Portuguesa», e tomemos nota de que o articulista repele, por igual, o conservadorismo do «freitismo» e a sua fundação, e o «socialismo de Eanes e Constâncio». Crê na existência de um espaço político diferenciado que pertence ao PSD, espaço político que partilha um *centro* e deverá repudiar a «alternativa radical Direita ou Esquerda». Segundo o texto que temos presente: «Encaixar o Partido Social Democrata na Direita que temos, bem como tudo o que se recuse a enfileirar nas opções socialistas, é uma tentativa de apropriação indevida de um património político-cultural do maior partido português e dos sacrifícios e esforços de muitos, ao longo dos anos duros, para fins que nada têm a ver com o ideal de uma social-democracia autenticamente portuguesa.»

O dirigente «social-democrata» da Madeira teme que, por abandono desse «ideal de uma Social-Democracia autenticamente portuguesa», sejam os «partidos socialistas» (o de Constâncio e o de Eanes) a «invadir a área política do Centro, repescando eleitoralmente naqueles que recusam identificar-se com os planos freitistas e da sua Fundação». E, neste ponto, haverá que reconhecer ao «jacobino» Alberto João Jardim, a coragem de denunciar o plano restauracionista em toda a sua nudez e eventual extensão. É o de Freitas do Amaral, e da sua Fundação, um restauracionismo conservador, um projecto de inversão da marcha histórica, um regresso. Do reacçãoarismo primário de um Kaulza de Arriaga e do seu MIRN ao restauracionismo com superficial verniz cultural de Freitas do Amaral vai, como é evidente, uma apreciável distância. Mas, num caso e no outro, estamos perante projectos de regresso e de restauração. O espírito que os inspira e enforma é conservador. O horizonte de ambos é salazarista.

Na sua apressada leitura da fórmula política de Francisco Sá Carneiro, o social-democrata Alberto João Jardim ergue a sua voz contra o «domínio selvagem de certos grupos económicos e de poderosas famílias do eixo Lisboa-Cascais», em defesa de um «espaço político social-democrata».

E o problema é o de sabermos se esse «espaço» existe. Se — apesar do seu discurso de campanha eleitoral contra o «liberalismo» de Lucas Pires — o líder «social-democrata» Cavaco Silva se não enleou e perdeu nas malhas de conservadorismo que um Governo minoritário teceu.



Kaulza de Arriaga  
*a direita salazarista e saudosista (dita «antiga»)*



Freitas do Amaral  
*a direita saudosista e restauracionista (d'ta «moderna»)*

# MOTA AMARAL:

## a estrela empalidece

**D**urante anos, o ex-deputado à Assembleia Nacional, constituiu uma autêntica reserva: desde Primeiro-Ministro quase certo, a candidato à Presidência da República, vários foram os cargos para os quais o seu nome foi insistentemente apontado. A dois mil quilómetros de distância de Lisboa, no meio do Atlântico, Mota Amaral foi jogando e esperando prudentemente. Agora, em pouco mais de três meses, a sua estrela empalideceu.

Nuno Ribeiro

«Já lá vai o tempo em que ele dizia que não eram precisas creches porque as crianças ficavam com as mães». A frase, referente a Mota Amaral, não é de um militante da oposição, mas de um jovem quadro da administração regional que, nos tempos do liceu, no ano de 1975, distribuiu panfletos da FLA. Um curso superior e a experiência de vida no Continente modificaram-lhe o discurso, e vive agora entusiasmado com o seu trabalho, o montar de uma máquina administrativa com quadros jovens e uma legião de 10 mil funcionários directos a que se juntam cinco mil tafeiros.

Como outros militantes do PSD, é adepto de uma visão tecnocrática, pois «o caciquismo já não é necessário», contrastando com os tempos em que «eramos vistos como heróis, quando as pessoas recebiam os papéis da FLA impressos com dinheiro vindo da América». O seu percurso e actual posicionamento é comum a muitos outros quadros, na sua maioria extremamente jovens, que não contestando abertamente a liderança de Mota Amaral, temem que as suas concepções constituem um empecilho a um desenvolvimento mais acelerado da região, que iniba a satisfação das suas ambições. «Quem me dera ser tecnocrata», suspira, medindo as diferenças da sua actuação no presente e num futuro que deseja próximo.

Para eles, a solução passaria de uma promoção do Presidente do Governo Regional para um cargo diplomático em representação do Estado Português, mantendo-o como Presidente do PSD dos Açores. Um «pontapé para cima», beneficiando, no entanto, da presença e influência moderadora do líder contra os «radicais».

Mas, como prontamente reconhece, «se dez anos é muito tempo, muito desgosto, o problema passa por se encontrar a figura à altura do cargo e de Mota Amaral». A promoção de Alvaro Dâmaso, considerado como o líder

dos tecnocratas do Executivo Regional, é problemática pois a sua alegada militância a seguir ao 25 de Abril no MDP, ainda enquanto movimento, poderá constituir um obstáculo.

Embora a oposição divida os membros do Governo e do PSD regionais em diversas «sensibilidades» — o citado secretário regional das Finanças como «tenor» dos tecnocratas, Natalino Viveiros, ligado aos históricos, e João Bernardo Rodrigues, numa posição intermédia — o «mau momento» de Mota Amaral não parece propiciar-lhe, por agora, apoios para voos mais altos.

«Ele controla tudo»...

Aparentemente indiferente a todas estas questões, Mota Amaral pretende mostrar-se desinteressado, embora não deixe de levantar pontas do véu. «Vivo ao dia», declarou aos jornalistas, sublinhando que «quanto ao futuro logo se vê», mas adiantando que «em Portugal e por aí fora há tarefas interessantíssimas». Um discurso para todos os gostos, com as camufladas necessárias e... propiciadas, de não fechar portas e comprometer saídas.

Que mais adivinhar por detrás de uma personalidade enigmática, que veste com combinações de cor sem arrojado, indiscutível, segundo uns, paternalista, de acordo com outros, responsável, para alguns, com um passado e um presente de adaptação, de acordo com os seus críticos?

Dizem que tem humor, e se é certo que no encontro com os jornalistas demonstrou ironia nalgumas respostas, mais reveladora foi a forma como falou... sem falar de alguns temas quentes, assemelhando-se a um ponto de teatro que deixa cair as frases, levantando questões como se os interlocutores soubessem o texto, conhecessem a peça.

«Conhece muito bem a realidade», dizem os seus fiéis. «Dispõe de uma máquina enorme», adiantam

opositores, referindo-se às estruturas por onde passou e onde permanece, da ANP à «Opus Dei».

«O PSD é o partido do dr. Mota Amaral, e os homens do PSD que são da Opus Dei são os homens de confiança do dr. Mota Amaral», sintetiza Decq Mota.

«Ele tem o poder total, controla tudo», refere Roberto Amaral: «executivo, legislativo, o sector público, as Empresas Públicas, está tudo nas mãos do PSD», prossegue, concluindo que «este não é um sistema democrático». A afirmação viu-a repetida em manchete do «Diário Insular», da Terceira: Rui Meireles, secretário regional do CDS, afirmou que «as pessoas manifestam medo de se declararem da oposição».

Se aos jornalistas continentais causou alguma estranheza o facto de terem sido recebidos pelo vice-presidente da Assembleia Regional na sala de reuniões do PSD..., para a oposição esse facto enquadra-se na realidade que se vive na região.

O controlo é total, e os nomes de figuras, simultaneamente importantes do PSD dos Açores, do sector público e de Empresas Públicas sucedem-se, no que os mesmos círculos denominam como o «lobby» do PSD: «Natalino Viveiros, deputado regional, secretário regional do PSD, presidente da Electricidade dos Açores (EDA-Empresa Pública); João Vasco Paiva, antigo membro do governo regional, antigo deputado à Assembleia da República, actual deputado regional, administrador da EDA; Carlos Teixeira, deputado da Assembleia Regional, administrador da Norma Açores; Castanheira Cruz, vice-presidente do grupo parlamentar do PSD-Açores, presidente do Fundo de Abastecimento Regional; João de Brito, deputado do PSD e presidente do órgão regional que gere os ex-grémios da lavoura».

Aos nomes avançados por Decq Mota, Carlos César junta outros «Pacheco de Almeida, deputado, vice-presidente da Comissão Política Regional do PSD e presidente do Conselho de Administração da SATA, a linha aérea dos Açores; Madrugada da Costa, presidente do grupo parlamentar do PSD, nomeado director de zona de uma entidade bancária; Raul Gomes dos Santos, presidente do Conselho Regional do PSD e gerente do Banco Comercial dos Açores». O diri-

gente socialista refere ainda que «os investidores que são socialistas não têm os subsídios e as regalias económicas que têm os investidores anexados à política do Governo».

«...e tem de se explicar»

O controlo do Governo estende-se, também, a órgãos da comunicação social onde, com excepções pontuais, é feita a propaganda das realizações oficiais. Se o PS se queixa da opção da RTP, que preferiu mandar uma equipa de reportagem a um encontro de voleibol do que à reunião da comissão de ilha de S. Miguel dos socialistas, não menos sintomático é, de acordo com Carlos César, o facto do «milésimo tétrapode (pedra de suporte ao nove molhe do porto de Praia da Vitória) ter sido inaugurado por Mota Amaral com discurso, pompa e circunstância»...

Os socialistas apontam ainda a demissão do director da ANOP por ter participado como quinto suplente numa lista do PS para uma Assembleia de Freguesia, e referem que o facto da sua propaganda política ser impressa em instalações situadas no rés-do-chão do prédio onde mora Mota Amaral, na Rua de Lisboa, desagradou ao Presidente do Governo.

Apesar do «lobby» e do controlo informativo, que segundo a oposição marcam a presença do PSD, a estrela de Mota Amaral empalideceu por outros motivos.

Ao assumir o seu «cruzamento» com os independentistas da FLA como um «segredo de Polichinelo», o Presidente do Governo Regional surpreendeu. E, apesar de ter sido enérgico quando declarou «não somos um território de Portugal, mas Portugal, aqui», para os seus opositores, este é o ponto mais baixo da carreira política do dirigente açoriano.

«A estrela dele empalideceu e não só se desgastou mais depressa porque, através do Governo, ele controla tudo», refere Roberto Amaral acrescentando que «ele tem que se explicar melhor, explicar melhor as suas ligações à FLA». «Ele não pode inspirar confiança quando vem da «antiga senhora», se adaptou ao pós 25 de Abril, quando lutou pela independência de uma parcela do território nacional». Em causa, de acordo com o deputado à Assembleia da República do PRD está o crédito do diri-



Depois de uma ascensão rápida, a fase descendente?

gente político açoriano mais conhecido: «que garantias dá ele para o futuro?», interroga-se. «Nem eu, nem ninguém tem garantias...».

A imagem negativa dada pela «perversão separatista», na expressão de Decq Mota, a que o líder do Governo Regional aparece associado, e que teve como «ultrapassagem» o envio a Lisboa de uma delegação da Assembleia Regional para negociar o artigo sexto dos Estatutos, terá sido aproveitada por aqueles que, «no Governo da República põem em causa a autonomia, com o acentuar da política centralista seguida pelo Governo de Cavaco Silva». «Foram os dirigentes não separatistas do PSD-Açores, em conjunto com as forças democráticas, que levaram ao recuo», concluiu o dirigente comunista açoriano.

Ou, na frase de Roberto Amaral, «desta forma, se a utilização da FLA é prejudicial ao processo de consolidação e aprofundamento da autonomia regional, Mota Amaral também o é».

Separatismo: filho da conjuntura

Numa complexa rede de influências, onde se enquadram interesses relacionados com o reequipamento das Forças Armadas através de uma fatia maior do «bolo» do dinheiro das Lajes, e das contradições entre o PSD nos Açores e em Lisboa, Mota Amaral foi derrotado, precisamente pelo «cruzamento» com a FLA ressuscitado por declarações de José de Almeida.

Trata-se da reafirmação de que o separatismo aparece como fruto da conjuntura. E, se em 1975, era usado nos Açores e no Continente, por quem se opunha à evolução política, explorando as aspirações abafadas por décadas de centralismo político-administrativo e de ostra-

cismo, não deixa de ser paradoxal a sua utilização para reforço de meros fins contabilísticos e de imediatos interesses político-partidários.

Nos Açores, dirigentes do PSD e quadros da administração minimizam o ressurgimento das pinturas da FLA que, aliás, aparecem em locais estratégicos, junto a hotéis ou em miradouros, como no de Espalimaca, de onde se admira a cidade da Horta e se vê o Pico. A minimização surge com a voz «autorizada» de quem, de uma forma ou de outra, no Verão quente de há 11 anos, participou num processo que, se não tivesse deparado com a alteração das relações de força a seguir ao 25 de Novembro poderia ter levado à aventura da independência.

«Poderá haver indivíduos que, ingenuamente acreditem que a independência podia ser melhor, não sei se para todos os açorianos ou se para eles próprios, pois podem ter interesses que numa via não independentista não seriam conseguidos», observa Roberto Amaral.

Para Decq Mota, o facto de se estar «em vésperas de uma recuperação económica monopolista, que afecta os interesses económicos mais débéis da classe dirigente na região», poderá levar ao reaparecimento do espectro da separação. Em apoio desta tese, o deputado comunista refere que todos os movimentos autonómicos tiveram como base uma burguesia liberal, com expressão no partido autonómico que ganhou as eleições para o Parlamento Monárquico, consagração no primeiro decreto da autonomia de 1895, e manifestação pública na primeira campanha autonómica da década de 90 do século passado. Em causa estavam, então, os seus interesses económicos face aos monopólios do álcool, açúcar e tabaco.

## José de Almeida: um separatista ao balcão



O mesmo homem que há 11 anos «obrigou» jornalistas a mudarem de identidade para desempenharem em segurança o seu trabalho nos Açores, recebe agora o repórter com um sorriso.

Na livraria «Nove Estrelas», na Rua do Mercado, em Ponta Delgada, é fácil encontrar o Presidente do auto-proclamado «Governo dos Açores no exílio» que, segundo relato da revista «Boston Magazine» tinha como sede a cidade de Fall River, na Nova Inglaterra, nos... Estados Unidos.

A segunda sala do estabelecimento, onde o também professor de História do Liceu Antero de Quental conserva grande espaço destinado às obras sobre os Açores, é a sua coroa de glória: «sabe, isto está fraco por causa do livro escolar», diz, pedindo desculpa quando observa a nossa curiosidade.

De biografias de Antero de Quental às mais diversas monografias, os Açores ocupam o grande espaço da livraria. Abirindo e fechando as hastas dos óculos, num tique frenético, José de Almeida acompanha o nosso deambular pela livraria que, segundo nos disseram em Ponta Delgada, é pertença de um companheiro de aventura do separatismo, Denis Raingeard, em casa de quem o líder da «Frente de Libertação dos Açores», até ao 25 de Abril de 1974 com uma existência parda como deputado fiel da Acção Nacional Popular por Viana do Castelo, fica quando das suas estadias em Lisboa.

Sorridente, dizendo que os jornalistas «são sempre VIP's», perde um pouco da sua aparente bonomia quando, observando as recentes pinturas da FLA, lhe perguntamos se perde a noite a pintar a montra. «É uma vingança vermelha», responde olhando para as siglas de «spray» encarnado, adiantando que «o meu filho já tentou tirá-las, mas não saem».

### As siglas e os confitos

Ao vê-lo, no corropio entre o escarpate e a caixa registadora, torna-se difícil imaginar José de Almeida em contactos com senadores norte-americanos, envolvido em negociações com homens ligados à OAS que, segundo a «Boston Magazine», desde 1963 escolheram Portugal como «base» das suas operações, em intercâmbios com a antiga polícia política que falta investigar.

«Ele é uma marionete», dizem nos Açores, lembrando que há oito anos um comunicado da FLA fazia duras críticas a Moita Amaral que, em declarações recentes, reconheceu ter tido contactos com José de Almeida «em casa de amigos comuns». «Eu só disse para lhe perguntarem», declarou ao «DL»: o homem que continua a ser apontado como o rosto visível do separatismo.

Mesmo para os que, em 1975 se «cruzaram» com os separatistas, o fenómeno não tem expressão na região, e mais de que um campo de batalha é uma reserva guardada na gaveta para ser agitado em momento oportuno.

Só que, as declarações de José de Almeida terão escapado ao momento julgado «oportuno», e o ex-presidente do Governo dos Açores no exílio da Nova Inglaterra, terá «saltado sem se aperceber do que estava a fazer», segundo uns, ou foi movido por um desejo de revanche, de acordo com outros.

Mas os caminhos da História esqueceram o professor, e se o fim do «gonçalvismo» foi o seu fim, a autonomia consagrada constitucionalmente matou, pela raiz, as tentações separatistas.

Em apoio desta tese, enumeram-se as diversas organizações que têm reivindicado a independência, numa guerra de influências e siglas: MAPA, FLA, UDA/PDA, esta última com expressão eleitoral da ordem dos zero vírgula por cento..., e mais recentemente fala-se de guerras intestinas para a condução do movimento entre José de Almeida e Vitor Cruz, funcionário do consulado norte-americano de Ponta Delgada.

Mas, como observam fontes da oposição, se hoje os que se afirmam separatistas constituem uma pequena parcela dos que se «acomodaram» à autonomia, se o separatismo está na gaveta e «salta» como filho de conjuncturas que lhe escapam, um futuro que não seja de desenvolvimento ou as tendências centralizadoras, poderão constituir terreno fértil de exploração.

E, então, outros dirigentes, outros «Presidentes de Governos no exílio» substituirão José de Almeida, o separatista que está ao balcão, na Livraria «Nove Estrelas», na Rua do Mercado, em Ponta Delgada.

N.R.

# POLITICA

## JARDIM VÊ NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA UMA "FRENTE POPULAR"

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, é de opinião que «existe uma situação de frente popular» na Assembleia da República. O líder madeirense falava numa conferência de imprensa - a primeira (formalmente considerada) desde 1984 - efectuada no Palácio do Governo.

Para Jardim, a «Frente popular» de que fala é «uma realidade quotidiana, quando todos os partidos das áreas comunista e socialista se juntam em questões vitais para tomar decisões a nível do Estado». Na reunião com os jornalistas, o presidente do governo regional, além de tecer considerações de carácter político, abordou diversas questões, designadamente a que diz respeito à Lei da Rádio. Sobre este assunto Jardim manifestou, de resto, a opinião de que ela «representa uma violência e um ataque claro, preconceituoso e reaccionário aos direitos da Igreja Católica em Portugal».

No estilo que o caracteriza, o chefe

do executivo da Madeira «avisou» o PS, PRD e PCP que «não lhes consentirá a repetição de 74 e 75». Este aviso deixou contudo perplexos alguns observadores políticos, visto que ainda não há muitos dias o líder madeirense ameaçara reeditar o chamado «Verão quente» se o continente não lhe respeitasse a autonomia... Diga-se, a propósito, que na conferência de imprensa, Jardim voltou a denunciar o que considera uma campanha contra a Região Autónoma.

O responsável madeirense tituló Vitor Constâncio «líder caloiro», numa reacção às declarações do secretário-geral do PS, segundo as quais «as regionalizações deverão ser feitas sem que nasçam outros Albertos Jardins e Moitas Amarais». Na conferência de imprensa, o presidente do governo regional madeirense fez algumas considerações sobre política local e, antes mesmo de terminar a reunião, voltou a atacar a Assembleia da República para dizer que ela se preocupa com aspectos de «baixa política».



### Eanes sobre Timor-Leste

## Portugal deve desencadear acções diplomáticas

Ramalho Eanes afirmou ontem no Porto que Portugal deve desencadear acções diplomáticas que visem impor aos países aliados a situação de Timor Leste, «devendo nomeadamente fazer tentativas de recuperar as abstenções, mobilizar apoios financeiros para assistência ao povo maubere, elaboração de um plano de concertação e paz e uma justa repartição de riquezas».

O ex-Presidente da República falava no decorrer de um colóquio, no anfiteatro da Faculdade de Ciências do Porto, sobre a situação em Timor Leste.

Na opinião de Ramalho Eanes a situação deste território não é só uma questão de Estado mas também uma questão dos portugueses e da juventude.

«Mal da nossa juventude que não se preocupa com a situação do povo maubere e não veja a sua situação resolvida pois poderá envergonhar-se e ter de explicar porque é que já morreram 200 mil timorenses», afirmou.

O líder do PRD disse ainda que a integração de Portugal na CEE «potencia a capacidade de intervenção portuguesa junto das instâncias internacionais no sentido de levar Timor Leste à sua autodeterminação».

O presidente do PRD é o convidado do American Club para o almoço de amanhã. Ramalho Eanes falará sobre a génese do PRD e o seu aparecimento na cena política portuguesa.



## GRUPO ESPÍRITO SANTO

### INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

Relativamente a notícias veiculadas pelos meios de comunicação sobre um «escândalo financeiro» em que estaria envolvido o Grupo Espírito Santo, este informa o seguinte.

As autoridades espanholas acusam um empregado do escritório, em Madrid, de uma empresa incluída no Grupo Espírito Santo, de ter praticado alguns actos que infringem disposições das leis vigentes em Espanha sobre regime cambial.

O caso está a ser investigado não só pelas referidas autoridades como também pelo próprio Grupo Espírito Santo. Os resultados dessas investigações serão em devido tempo tornados públicos.

Desde já, porém, se desmente categoricamente que o mencionado escritório em Madrid faça ou tenha feito parte de «rede» ligada a interesses petrolíferos ou a qualquer outra «rede» organizada para a prática de actos ilegais.

Manuel Ricardo Espírito Santo  
António L. Roquette Ricciardi  
António Espírito Santo  
José A. H. Roquette  
Mário Mosqueira do Amaral  
Ricardo Espírito Santo Salgado



## PSD: expulsão de Adriano Jordão foi anulada

A expulsão do PSD do pianista Adriano Jordão foi anulada pelo Conselho de Jurisdição Nacional daquele partido. A expulsão havia sido decidida na sequência do apoio público de Adriano Jordão à candidatura de Mário Soares. Na mesma altura foi também decidida, pelos mesmos motivos, a expulsão de Sousa Tavares, que agora poderá ser igualmente anulada. A expulsão fora decretada pelo Conselho de Jurisdição Distrital de Lisboa e a intervenção do Conselho de Jurisdição Nacional surgiu após reunião, no passado fim-de-semana, do Conselho Nacional do PSD, na qual foi discutida a expulsão daqueles militantes.

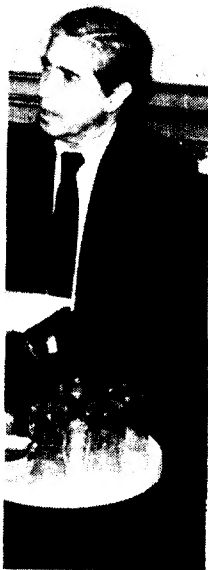
## Soares agraciou academia militar

O presidente da República agraciou ontem a Academia Militar com o título de membro honorário da Ordem Militar de Aviz, no decorrer de uma cerimónia comemorativa do 600.º aniversário daquela instituição. Acompanhado pelos ministros da Defesa e da Educação, do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, do Chefe do Estado-Maior do Exército e de outros altos responsáveis dos três ramos, Mário Soares prestou homenagem aos mortos pela Pátria, percorrendo depois a bibliote-

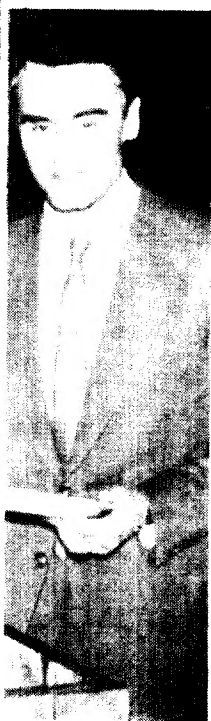
ca e os laboratórios da Academia. Na visita, o general Pereira Pinto, comandante da instituição, explicou a Soares o funcionamento da Academia que ministra cursos de equivalência universitária aos futuros oficiais do Exército.

## MDP/CDE não «copiou» Convenção

Relativamente a uma notícia publicada na nossa edição do passado dia 7, a Comissão Política do MDP enviou-nos uma carta em que esclarece uma «in correcção» contida na nossa informação. Diz o MDP que não é verdade que o seu projecto de Lei das regiões Administrativas tenha sido elaborado depois da ideia ter sido debatida na Convenção da Esquerda Democrática. E acrescenta que o seu projecto de lei se encontrava já em fase de acabamento quando se realizou aquela Convenção. Aqui fica o esclarecimento aos nossos leitores.



que «a realização do mercado interno tem de ser acompanhada pela crescente coesão das economias comunitárias (como o acto único consagra) sob pena de se agravarem dramaticamente os desníveis de desenvolvimento no seio do espaço comunitário». E mais adiante: «Nós portugueses não entendemos a solidariedade europeia como um mecanismo funcionando apenas num sentido e do qual o nosso país seria mero beneficiário passivo: pelo contrário, Portugal também quer contribuir — e já mostrou que contribui mesmo — para esse esforço comum e solidário da Europa».



## Cavaco no seminário sobre portugueses

O primeiro-ministro Cavaco Silva preside na próxima sexta-feira, num hotel de Lisboa, à abertura do Seminário Internacional sobre Língua Portuguesa, que decorrerá até ao dia seguinte. Presentes destacadas figuras da cultura portuguesa, como José Mattoso, Américo Costa Ramalho, José Augusto Seabra e Vitalina Leal de Matos. O seminário centrar-se-á nos temas «A cultura portuguesa perante o mundo», «Os valores essenciais da nossa cultura e civilização» e «As relações culturais entre países de expressão portuguesa». Presentes ainda representantes africanos e brasileiros.

## Crise financeira preocupa MNE

«Sentimo-nos preocupados com as dificuldades de avanço da integração europeia, designadamente com a sempre presente — porque sempre vem sendo adiada a sua solução — crise financeira», disse hoje Pires de Miranda aos embaixadores da CEE em Lisboa. O ministro dos Negócios Estrangeiros, que almoçou com aqueles diplomatas, acrescentou

## Sucedem-se pressões sobre o PR

# MÁRIO SOARES INDECISO SOBRE A LEI DA RÁDIO

A «guerra» da lei da Rádio conheceu ontem novos desenvolvimentos com polémicas declarações do ex-secretário de Estado da Comunicação Social do Governo PS/PSD, Anselmo Rodrigues, e com as audiências de Mário Soares a representantes das administrações da RDP e da RR, ao presidente do Conselho de Comunicação Social e a uma delegação do MDP/CDE. As declarações do ex-secretário de Estado e do administrador da RDP (este à saída de Belém), alegando vícios de forma no diploma da AR, sugerem a possibilidade de envio pelo PR da lei ao Tribunal Constitucional ou da sua devolução ao Parlamento para melhor apreciação.

Artur Portela, presidente do CCS e o líder do MDP, José Tengarrinha, defenderam a lei aprovada pelos deputados. Anselmo Rodrigues, colaborador de Almeida Santos no citado Governo e autor do despacho agora posto em causa pelo diploma da AR, defendeu as concessões feitas, tal como a delegação da RDP, chefiada por Adrião Rodrigues (afecto ao PS), que foi recebida em Belém.

## Ex-governante culpa o PRD

Anselmo Rodrigues disse, em entrevista à RDP, que o seu despacho «não apareceu por acaso», frisando que «o interesse público era mais bem defendido se a atribuição fosse feita à RR e à RDP, duas entidades sérias e dignas, do que através de uma atribuição anárquica».

O ex-secretário de Estado do PS disse ainda que as declarações de Almeida Santos sobre a inexistência de compromisso do Estado com entidades privadas «foram desvirtuadas» e atribuiu ao PRD a «culpa de muita da polémica surgida». Estranhou, por outro lado, que o seu sucessor, Marques Mendes, se tivesse deslocado às instalações da cooperativa TSF, a entidade — disse — «próxima do PRD e que suscitou o problema na AR».

Considerou, finalmente, que Mário Soares tem «o direito, que lhe é dado pela Constituição, de vetar» o diploma em causa.

Ouvindo também pela RDP, um responsável da TSF, Emílio Rangel, contestou as afirmações do ex-governante, classificando-as de «mentirosas» relativamente às condições do carácter democrático do diploma parlamentar.

Adrião Rodrigues, o vogal da administração da RDP que chefiou a delegação da empresa recebida em Belém, disse, à saída, que os prazos para revogação do despacho de Anselmo Rodrigues «já foram ultrapassados».

Segundo o mesmo responsável da RDP, a empresa investiu cerca de 70 mil contos na utilização da frequência concedida e a aplicação da lei não sua totalidade implicaria prejuízos de igual montante. «Em qualquer empresa que não fosse pública, isso implicaria despedimentos de pessoal», acrescentou.

Magalhães Crespo, da RR, disse, depois da audiência com o PR, que a promulgação da lei «implicaria, na prática, o silenciamento de dois terços dos emissores que a Renascença tem no ar». O administrador da emissora católica mostrou-se esperançado de que «o bom senso prevaleça e

que os compromissos do anterior Governo se mantenham».

Acrescentou que a RR tem «pareceres de professores e juristas que confirmam a legalidade do despacho» e anunciou a publicação, para breve, de um dossier com o historial do processo. «Pensamos — disse — que se vão alterar as opiniões».

Também o presidente da comissão episcopal das comunicações, D. Maurílio Gouveia, se pronunciou, em declarações à RR, no sentido do veto presidencial comentando que «a Igreja saberá tirar as lições que forem consideradas mais oportunas desta decisão final».

## CCS defende Lei da Rádio

No final da sua audiência com Soares, o presidente do Conselho de Comunicação Social, Portela Filho, mostrou-se favorável «à igualdade de circunstâncias dos operadores e contra qualquer privilégio a qualquer instituição, por mais respeitável que seja».

Frisou o presidente do CCS que a lei aprovada na AR «é positiva, na medida em que revela transparência democrática, ao estabelecer essa igualdade de circunstâncias e porque coloca um órgão de Estado, como o Conselho da Rádio, na base da atribuição das frequências».

## MDP propõe indemnizações à RDP e à RR

José Tengarrinha, presidente do MDP/CDE, defendeu por sua vez, junto do PR, a atribuição de indemnizações à RDP e à RR «caso se prove que a aplicação da lei da Rádio lhes provoca prejuízos».

Tengarrinha aludia, à saída de Belém, ao anúncio pelas duas estações emissoras de que a aplicação da lei lhes acarretaria prejuízos da ordem dos

70 mil (RDP) e 300 mil contos (RR).

«Devemos demonstrar que isto não é uma guerra religiosa», considerou ainda Tengarrinha, frisando que apenas a Rádio Vaticano pertence à Igreja Católica e que a RR é apenas «propriedade do Patriarcado de Lisboa».

Tengarrinha sublinhou que o despacho do anterior Governo não era definitivo «porque já então se estava à espera de uma Lei da Rádio». Sobre este diploma disse ser «inteiramente correcto estabelecer-se cursos públicos para a obtenção de frequências».

Revelou, por outro lado, ter debatido também com Soares questões relativas à regionalização e outros temas da política nacional.

## UDP contra «palavreado inquisitorial»

A Juventude Socialista de Guimarães enviou um telegrama ao PR, exprimindo solidariedade a Soares relativamente à promulgação da lei e repudiando as pressões que lhe estão a ser feitas.

Também o Secretariado da UDP tomou posição sobre o mesmo diploma, afirmando que a Igreja tenta «atingir a liberdade de expressão» e criticando o «palavreado inquisitorial, sermão e ridiculamente anti-macónico» da conferência episcopal.

«Porque há-de a Renascença deter um monopólio de frequências, prejudicando o desejável acesso, de acordo com normas devidamente estipuladas, por parte de emissoras populares, regionais, locais ou outras», pergunta, a propósito, a UDP.

Também o PPM tomou posição sobre a matéria, mas a favor da RR, considerando que a lei aprovada «não deve em caso algum afectar direitos concedidos legitimamente pelo Governo anterior».

## Falando em maioria de esquerda

# CDS contra projectos sobre a Reforma Agrária

A Comissão Política do CDS insurgiu-se contra a aprovação pela Assembleia da República dos projectos de lei do PS e do PRD que retiram ao Ministro da Agricultura poderes na atribuição de reservas na zona da Reforma Agrária.

Numa moção aprovada na última reunião da estrutura partidária os centristas manifestam «a sua grande preocupação» pelas consequências da aprovação dos referidos diplomas pela «maioria de esquerda», isto apesar de considerar que «o Governo não agiu com a necessária eficiência e rapidez na correcção de irregularidades ou ilegalidades encontradas pelo Supremo Tribunal Administrativo nos processos que lhe foram submetidos, nem actuou atempadamente sobre os funcionários faltosos ou corruptos envol-

vidos em variados actos correlacionados».

Tirar poderes ao ministro assume, na óptica do CDS, «a maior gravidade, não só por tentar transferir para os tribunais actos de condução política geral do país, que são da exclusiva competência do Governo (...), mas também por voltar a introduzir, no Alentejo e no Ribatejo, tal como em 1974-75, um clima de insegurança e instabilidade nada propício aos investimentos».

Depois de recordar que o CDS «sempre se opôs à Re-

forma Agrária», a Comissão Política dos centristas reafirmou o seu propósito de «continuar a pugnar para que rapidamente se dê por findo» tal processo tanto mais que, face à integração europeia, «se impõe dar à Reforma Agrária o cariz dominante do racional uso da terra em detrimento de utopias que só levaram ao seu descrédito e à ruína de muitas explorações agrícolas e à diminuição dos rendimentos reais de quase todos os envolvidos».

## Regionalização

Também a regionalização foi objecto de análise na reunião dos democratas-cristãos tendo sido considerado que tal deveria ser acordado «apenas depois da revisão constitucional, numa perspectiva de interesse nacional».

«Em vista do imperativo constitucional — indica um comunicado da Comissão Política centrista — o CDS vai apresentar um projecto de lei-quadro que tem presente que todas as tentativas de implantação de unidades supranacionais fracassaram sempre que se ignorou a realidade municipal ou não se atendeu à efectiva vontade das populações».

O CDS entende que é necessário reconhecer os princípios da adesão dos municípios e dos povos à criação de regiões, da solidariedade nacional e interregional, da homogeneidade e da complementaridade.

na definição da região, o princípio da definição a nível nacional de um adequado ordenamento urbano, industrial e agrícola do território.

Velho advogado do Porto põe dedo nas feridas de Monsanto

# 'NESTE JULGAMENTO NUNCA SE ESTABELECEU A BARREIRA ENTRE CRIME E IDEOLOGIA'

«No decurso deste julgamento nunca se soube quando se estava a tratar de ideologia ou de crime. Nunca se estabeleceu a barreira. O que é, na acusação, ideologia ou crime?» — perguntou ontem, no decorrer de mais uma sessão do julgamento de Monsanto, o advogado Manuel Coelho dos Santos, defensor do réu Pinto Lacerda, cuja absolvição pediu.

Falando de improviso, este advogado do Porto, com mais de 35 anos de profissão e muita experiência de Tribunais Plenaes no tempo do fascismo, pôs o dedo em muitas das feridas deste caso publicamente conhecido como «Caso FUP/FP-25».

«Os documentos do processo são molhados de papéis. Não se fez a análise nem a selecção indispensáveis» — afirmou Manuel Coelho dos Santos antes de acrescentar:

«São documentos de natureza política que não se podem ler nem interpretar como uma escritura, como qualquer contrato. (...) Os factos políticos são sempre empolados e os projectos, os desejos (dos ora réus) são tratados como realidade».

Acusando o Procurador da República de «abusivamente» referir factos que não estão na pronuncia, aquele advogado deu também grande relevo, na sua intervenção, ao papel dos «arrepentidos».

nomeadamente a Macedo Correia.

O papel desempenhado por essa gente na instrução do processo foi, considerou, «incongruente» e «contraditório com os valores do Estado democrático».

«O delator é o homem que por definição não pode merecer confiança» — acrescentou ainda, passando depois a citar uma entrevista que Macedo Correia deu em tempos ao «Comércio do Porto» e onde tal arrependido se vangloriava de o processo das FP-25 estar fundamentalmente baseado nas suas declarações dadas a falta de investigação existente...

«Na verdade o processo está fundamentalmente baseado nas

declarações dos arrependidos» — sublinhou Manuel Coelho dos Santos, para lembrar de seguida que «ao fim de alguns anos já se reconhece em Itália a prática de graves erros judiciais baseados nas declarações dos arrependidos».

Porém, nós por aqui demoramos muito tempo a apreender. Mesmo com os erros dos outros.

Classificando Macedo Correia de «mitomano e megalomano» e os «arrepentidos» em geral como revelando «falta de dignidade moral», aquele advogado alertaria ainda para o facto de sermos «um povo de delatores», referindo que os informadores da ex-pide/DGS «eram-no por

gosto e não pelos 200 ou 300 escudos que recebiam».

Na sessão de ontem terminaram ainda as suas alegações finais mais quatro advogados: A.J. Coelho dos Santos, Pimenta de Aguiar, José Manuel Teixeira e José Roque. Todos pediram a absolvição dos seus constituintes, com excepção de Pimenta de Aguiar, defensor officioso do «arrepentidíssimo» Macedo Correia: como a acusação já o fizera, este advogado limitou-se a pedir «isenção de pena» para o seu constituinte. Atendendo, claro, aos «bons serviços» prestados ao longo de todo o processo.

O julgamento prossegue esta tarde ainda com alegações de advogados de defesa.



## Maria da Graça ouvida cinco horas com o subinspector Meireles

Maria da Graça Bastos Lopes, a falsa economista considerada peça fundamental no processo relacionado com a corrupção na Polícia Judiciária do Porto, foi ontem ouvida durante cinco horas pelo juiz-instrutor, dr. Tavares, tendo sido acareada com o subinspector Fernando Meireles, um dos quatro elementos da PJ já detidos, enquanto Júlio Regadas continua em fuga. Findo o interrogatório, Maria da Graça foi considerada arguida no processo, onde até agora tinha a qualidade bem menos grave de declarante.

Ao abandonar o edifício n.º 12 da Rua de S. Bento da Vitória, onde funcionam o Tribunal de Instrução Criminal e a Polícia Judiciária, Maria da Graça disse que logo que tiver uma oportunidade «tornará pública, através da Comunicação Social, toda a verdade».

Dada a fase já bastante adiantada em que se encontra a instrução do processo tudo indica que o mesmo venha a transitar ainda esta semana para a delegada do Ministério Público, a fim de que seja formalizada a respectiva acusação, após o que será marcado o julgamento.

1987 será "o grande ano"

# A PSP "está numa fase crucial de transformação"

— segundo Eurico de Melo

O ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, afirmou no Porto que a Polícia de Segurança Pública «está numa fase crucial de transformação».

Anuindo a um convite do Comando Distrital do Porto da PSP, Eurico de Melo visitou ontem as instalações da instituição e, falando no salão nobre do comando, disse que «é urgente executar a transformação da Polícia, baseada em princípios dominantes e na legislação e regulamentação estabelecidas».

Definiu os «princípios dominantes» afirmando que a PSP «é uma força policial armada e com estrutura militarizada, que dis-

põe de quadros próprios e dos meios adequados à sua formação» e que «a legislação garante os direitos e regalias adquiridos aos oficiais do Exército que optem pela integração na PSP».

«O ano de 1987 — acrescentou Eurico de Melo — será o ano do início dessa transformação, que se pretende em íntima e imprescindível colaboração com a chefia militar do Exército e os oficiais do Exército que estão a prestar serviço na PSP».

O ministro da Administração Interna disse também que, «paralelamente com esta transformação estrutural, prosseguirão as medidas necessárias para dotar a

Polícia com instalações e equipamentos operacionais que aumentem a eficácia dos seus agentes».

A este propósito, referiu-se à informatização dos serviços, maiores e melhores condições de mobilidade e transmissões e novas instalações, projectadas e em execução para este ano.

Num breve contacto com os jornalistas e respondendo a uma pergunta, Eurico de Melo afirmou que «a criação no seio da PSP de uma associação sindical é uma hipótese que o Governo encara, desde que se faça a transformação da instituição, tendo em conta que a PSP é uma força

de estrutura militarizada».

Acrescentou que «a criação de uma associação deontológica, com determinados deveres e obrigações, não é assunto tabu para o Governo».

Interrogado sobre os recentes casos de corrupção na Polícia Judiciária, o ministro disse que «nem tudo pode ser perfeito em instituições com milhares de pessoas».

Acrescentou que «compete ao poder judicial decidir sobre as responsabilidades que estão a ser apuradas» e sublinhou que, «entretanto, deveremos deixar evoluir o processo».

O comandante distrital do Porto da PSP, Mário César Teixeira, manifestou ao ministro da Administração Interna, em nome dos agentes aposentados, a recente medida governamental que lhes atribui uma «compensação de aposentação».

Esta compensação garante aos aposentados da PSP a actualização permanente das pensões até à idade de 70 anos.

Eurico de Melo participou depois numa reunião de trabalho com os oficiais e graduados da instituição e visitou as prisões privativas e outras instalações da PSP.

Camisaria

Moderna

Rossio, 110 Lisboa

SALDA!

Restos das colecções a preços muito reduzidos

A PARTIR DE 13/JAN.

Aberto à hora do almoço

ATENÇÃO CACÉM

CONCESSIONÁRIO RENAULT

VESAUTO

AUTOMÓVEIS E REPARAÇÕES, LDA.

INAUGURA NO PRÓXIMO DIA 19/1/87 UM NOVO STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS DE:

- AUTOMÓVEIS NOVOS
- PEÇAS E ACESSÓRIOS

na

Avenida dos Bons Amigos, 39 — CACÉM — Tels. 924 45 29 e 924 91 09

VISITE-NOS! VEJA A NOSSA GAMA DE NOVOS MODELOS

Coronel Alvarenga substituído na presidência do tribunal

# JULGAMENTO "DOS COMANDOS" VOLTA COM 3 NOVOS JUÍZES

Manuel Geraldo

No Tribunal Militar de Santa Clara iniciou-se ontem, à tarde, a repetição do julgamento dos dezanove ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora (eram vinte antes da morte por ataque cardíaco do 1.º sargento Branca), acusados de, em 30 de Julho de 1975, terem procurado afastar o coronel Jaime Neves da liderança da unidade, substituindo-o pelo coronel Leal de Almeida.

A sessão de ontem foi marcada por um facto que já prevíamos em artigo publicado na passada sexta-feira: a substituição de todos os juizes, com excepção do juiz-auditor que integravam o 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), durante a «1.ª edição» do pleito em que todos os réus foram absolvidos, com base na Lei da Amnistia, num acórdão depois anulado pelo Supremo Tribunal Militar (STM), a partir do polémico recurso apresentado pelo comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão.

Presidida pelo coronel de Cavalaria na reserva, Xavier Coelho, que substituiu o coronel Clodomiro Alvarenga, e tendo como promotor de Justiça (acusador público) o coronel Cabedo, em substituição do coronel Cepeda, a sessão de ontem foi preenchida por diligências meramente burocráticas, já que dos doze réus questionados apenas um deles desejou prestar declarações (o cabo Adamastor), não tendo no entanto avançado com novos pormenores. Não compareceram em tribunal três dos arguidos (furriéis Tomé e Monteiro, ausentes em França, e furriel Magalhães, detido na Penitenciária de Lisboa, na qualidade de réu no processo das «FP-25»). De todos eles apenas dois ainda permanecem no activo (capitão Patrocínio, a prestar serviço no Regimento de Lanceiros, e alferes Baptista, colocado no Regimento de Comandos).

Jaime Neves:  
«Corrê-los à bofetada»

Para os observadores, a repetição deste julgamento criou desde já um facto inédito nos Tribunais



O ex-alferes Fernando Fontinha, um dos réus no processo, (à direita na «foto»), ontem fotografado à saída de Santa Clara, em cuja sala de audiências os repórteres-fotográficos foram uma vez mais impedidos de exercer as suas funções

Militares ao substituir os juizes que integraram o colectivo que absolveu todos os réus, sobretudo no que se refere ao afastamento do promotor de Justiça coronel Cepeda, forçado a apresentar recurso do acórdão devido à iniciativa tomada pelo general Ricardo Durão.

Mas, ao apresentar recurso, o coronel Cepeda nem sequer fez alegações, tal era a pouca convicção com que acatara a decisão do governador militar de Lisboa de fazer subir o processo ao STM.

Ora, segundo o n.º 2 do Artigo 432.º do Código de Justiça Militar, a falta de alegações implica que o recurso fique «deserto», não podendo assim subir ao tribunal superior. Mas tal não aconteceu porque este n.º 2 não é aplicável aos recursos interpostos pelo promotor de Justiça, quando recorra obrigatoriamente, pressionado pelo seu superior hierárquico, num posicionamento que coloca a Justiça Militar portuguesa à margem de todos os países civilizados. Sobre tudo agora que entramos na Europa e temos um Presidente da República civil.

De referir ainda em relação a este processo, a prova feita em tribunal durante o 1.º julgamento de que os réus não exerceram violência física e psíquica, que pudesse integrar a ideia de sevícias, no decorrer da acção que levou ao afastamento temporário de Jaime Neves. Anulando assim a principal reserva que o STM colocou para aplicar a Lei da Amnistia. Para tanto basta recordar a afirmação do próprio Jaime Neves:

«Se quisesse tomar aquilo nem sequer precisava de armas, bastava corrê-los à bofetada». Ou a frase proferida pelo tenente-coronel Lobato Faria, à data 2.º comandante da unidade: «Aliás, o alferes Fontinha (um dos réus) não estava habituado a pegar em armas, pois estava lá para a Secção de Justiça».

Um último ponto: não se confirmou a presença, em Santa Clara, de juizes do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, tudo indicando que os mesmos irão deslocar-se a Portugal para assistirem como observadores à última fase do julgamento, cuja próxima sessão terá lugar na segunda-feira, dia 19 do corrente, a partir das 14 horas.

## Escola de Belmonte

paralisou  
por falta de aquecimento

No distrito de Castelo Branco, alunos da Escola Secundária de Aldeia do Souto, nas proximidades de Belmonte, recusaram-se ontem a assistir às aulas, devido à falta de aquecimento. Os alunos que iniciaram o movimento de protesto disseram que, sem aquecedores, não existiam condições para aulas, tendo-se agregado à volta dessa atitude jovens do décimo, do nono e oitavo anos.

Quando os alunos ameaçaram partir vidros, o conselho directivo da escola chamou as forças da Guarda Nacional Republicana, que estiveram no estabelecimento entre as 13 e as 15 horas. Os jovens que se recusaram a assistir às aulas tiveram falta e foram impedidos de usar a cantina da escola para o almoço, tendo as aulas sido retomadas depois da retirada da GNR.

## Intoxicação

vitimou

casal em Vila Verde

Um casal foi ontem encontrado sem vida na garagem de uma residência em Escariz, no concelho de Vila Verde, tudo indicando ter sido vitimado por intoxicação, motivada pela combustão de oxigénio, já que o aquecimento do automóvel ali estacionado se encontrava a funcionar. Amaro Fernandes, madeireiro, de 34 anos, e a sua mulher Maria Belzinda da Fonseca Gonçalves Fernandes, doméstica, de 32 anos, tinham a seu cargo a vigilância da residência, propriedade de familiares emigrantes.

## Evasão de capitais em Espanha

# Português caucionado em dez milhões de pesetas

A caução de dez milhões de pesetas imposta a Pedro Menano Castelo Branco parece indicar que a acusação que pesa sobre o director do escritório de representação de um banco de capitais portugueses não é excessivamente grave, consideram círculos financeiros madrilenos.

Noutros casos de delitos monetários, aos quais os tribunais associam quase sempre uma estranha figura jurídica denominada «escândalo social» ou «alarme social», as cauções costumam ser muito mais elevadas e estão sempre em proporção directa com o valor total da importância evadida.

Fontes geralmente bem informadas da capital espanhola admi-

tem que o valor da evasão de capitais, segundo a brigada de delitos monetários do Banco de Espanha, é muito inferior ao que se divulgou.

No entanto, recusaram-se a dar o valor exacto da importância denunciada pelo Banco de Espanha.

Esta afirmação concorda com a reduzida fiança imposta a Pedro Castelo Branco, considerado pela Polícia como um dos principais responsáveis pela operação de fuga de capitais, o que ainda não foi demonstrado judicialmente.

Neste estranho assunto, rodeado por um impenetrável silêncio a nível policial e judicial, há outros processados, todos eles em liberdade com caução.

A brigada de delitos monetários continua a investigar os documentos da representação em Madrid do banco envolvido.

Em fontes próximas da defesa dos processados afirma-se que a Polícia ainda não encontrou nenhum elemento que permita formular a existência de uma rede de evasão de capitais.

Outras fontes, porém, reconhecem que pelo menos há algumas irregularidades documentais que poderiam justificar a intervenção das autoridades monetárias, preocupadas pelo crescente aumento de delitos deste tipo em toda a Espanha, sobretudo na Catalunha e zonas da costa do Mediterrâneo.

## Morreu atropelada mas o filho salvou-se

Uma mulher de 42 anos, Isaura dos Santos Correia Venâncio, natural de Vila da Feira e residente em Celorico da Beira, faleceu ontem à noite atropelada por um camião em Santa Lúcia, no concelho de

Coimbra. O acidente ocorreu quando a vítima atravessava inadvertidamente a Estrada Nacional N.º 1, levando um filho pela mão, o qual nada sofreu.

Mário  
Castrim



**E** stávamos vendo o Telejornal, na sexta-feira. Qualquer conotação com o azar é pura coincidência. Mas de facto, a pouca sorte que têm certas sextas-feiras! Bom. Então soubemos que o Sporting de Braga contratara mais dois jogadores brasileiros para o seu plantão. Aqui, a discussão generalizou-se. Uns a favor da invasão dos brasis, outros contra.

Eu era a favor. Que o luso-brasileirismo tem suas consequências; que bem somos ou não somos irmãos; e que acima de tudo importa a qualidade. Pois se o Bambo de Iguaçu é melhor que o Zeca de Pedrógão, santa a paciência! Avançaram com números na verdade de estarrecer. Os contratos sucediam-se a uma cadência de paranóia.

Contaram-se de cinco e seis brasileiros em certos grupos. Ainda mais, noutros. Inclusive, há já por aí quem jogue, ou venha em breve a jogar, sem um único jogador português.

Resposta minha: pois claro, a culpa é nossa de sermos uns azelhas. Negrinho nasceu no ventre de uma bola a saltar no gramado.

Eu a continuar: vejam lá se repórteres brasileiros vêm substituir o Carlos Miranda, o Vítor Santos, o Carlos Pinhão, o Alfredo Farinha, o Neves de Sousa, etc. É o vens! Então lembraram-me que nos puséssemos a pau. O Esteves Cardoso já fora substituído pelo Carlos Drumond de Andrade, no Expresso; Fernando Sabino fora contratado por Paulouro para tomar o lugar de Artur Portela; João Rodolfo do Prado põe em risco o lugar de Correia da Fonseca no Diário; consta que Raquel Queirós vai desalojar o Baptista-Bastos do Jornal de Notícias...

— Pois sim! — respondo eu — o Brasil tem cronistas que faz favor! Mas cá no meco, não mexem! Pfff! Mal acabava eu de falar, telefonaram-me do Diário de Lisboa. Comunicavam-me que o Artigo de Fundo ia ao fundo e o espaço ficaria entregue ao Buben Ficara... Caramba, a coisa é mais grave do que eu pensava!

# VENTO "VARREU" LISBOA A QUASE 80 QUILOMETROS/HORA

Mar galgou a muralha da Estrada Marginal

**RAJADAS** de vento a 77 quilómetros por hora sopraram esta madrugada em Lisboa, causando pânico em alguns pontos da cidade, nomeadamente na faixa ribeirinha. Apesar da violência, o vento não provocou estragos de maior, de acordo com a informação prestada ao «DL» pelos BSB. Um seu porta-voz afirmou-nos que não se verificou «nada de anormal», e que as chamadas recebidas se destinaram a «trabalho de rotina». Em Bragança, os lobos desceram, pela primeira vez este ano, ao povoado, devorando gado caprino em duas aldeias. Caiu um forte nevão.

As rajadas que varreram Lisboa, esta madrugada, foram as mais fortes em todo o País, segundo fontes do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. Ainda o INMG, o estado do tempo tenderá a agravar-se. No entanto, a meio da manhã, não parecia, pelo menos em Lisboa, que tão escuras previsões se confirmassem. Para além do vento, na Grande Lisboa registou-se, ao princípio do dia, chuva e trovoadas. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, o estado do tempo deverá agravar-se nas próximas horas, através de chuvas, aguaceiros e trovoadas. O vento intensificar-se-á, ainda segundo o INMG.

Com o mau tempo, complicou-se o escoamento do tráfego nas grandes cidades, em particular em Lisboa e Porto. Por causa da chuva que nas últimas horas desabou sobre as duas metrópoles, esta manhã o trânsito processou-se, sobretudo nos

acessos e saídas das duas cidades, com alguns problemas. Mas foi, em especial, na estrada marginal de Cascais que maiores dificuldades se puseram aos automobilistas, com as ondas a galgarem a muralha protectora entre a Curva dos Pinheiros e Caxias, atrasando e congestionando o movimento automóvel.

No Interior e no Norte do País, o mau tempo causou não apenas estragos, como dificultou as ligações rodoviárias. Assim, as estradas, na serra da Estrela, para o Sabugueiro e a Torre encontram-se «cortadas» ao trânsito, ao passo que nas de Braga se marchava, esta manhã, com especiais precauções.

## Mar destrói cais da Calheta

O temporal também se fez sentir com forte incidência nos Açores, vincadamente nas ilhas de S. Jorge e S. Miguel (Ponta Delgada).

Na ilha de S. Jorge, o cais da Calheta foi parcialmente destruído devido à acção do mar, avaliando-se em milhares de contos os prejuízos verificados. As obras do cais, iniciadas em Agosto, foram orçadas, primeiramente, em 60 mil contos, tendo havido um aumento posterior de 15 mil contos para a construção de tetrápodes que não estavam previstas.

A população da Calheta, e sobretudo os marítimos, tem-se manifestado contra a maneira como se processaram as obras, uma vez que lançaram pedra e burlalhau para o mar, sem antes construir um muro de protecção com blocos.

A forte ventania registada domingo à tarde e ontem de madrugada nos Açores provocou estragos na rede eléctrica e o derrube de árvores em estradas que ficaram temporariamente obstruídas.

A ventania que chegou a atingir, em rajada, uma intensidade máxima de 110 quilómetros horários, obrigou a Transportadora Aérea Regional (SATA) a cancelar os seus voos entre as ilhas, programados para domingo à tarde.

Além de ventos fortes, registaram-se, no arquipélago, chuvas intensas e um brusco abaixamento de temperaturas que provocou a queda de granizo.

Um informador do Centro Meteorológico do Aeroporto de Ponta Delgada disse que,

durante a madrugada a temperatura na ilha de S. Miguel desceu a seis graus, valor muito baixo para a região.

## Nevão «veste» Bragança

O forte nevão que ontem caiu sobre a região de Bragança independentemente dos seus efeitos imediatos, provocou outros que, embora secundários, são também importantes.

A consequência secundária mais evidente foi o facto das alcaiteias de lobos que, acoados pela fome derivada ao nevão, desceram ao povoado, às aldeias mais próximas do seu refúgio, atacando o gado. Um dos principais reflexos da queda desse nevão foi o corte de várias estradas: Torre D. Chama, Quintanilha, Vinhais, Parada e Roças.

A neve, que tem caído durante a manhã com abundância, começou de madrugada e levou os lobos a descer aos povoados.

Na localidade de Rebordãos, a cerca de dez quilómetros de Bragança, por exemplo, os lobos mataram e feriram onze cabeças de gado caprino.

O nevão, o primeiro da época, provocou também o corte do trânsito em quatro estradas: Bragança-Vinhais, Bragança-Roças, Bragança-Quintanilha e Bragança-Parada.



A pequena embarcação «Carminda de Oliveira» naufragada na foz do rio Douro

## Barra do Douro mata mais quatro pescadores

Um morto e três desaparecidos é o balanço, trágico naturalmente, de mais um naufrágio na barra do Douro. Tratava-se de quatro homens da pesca artesanal, que dela viviam (mais os seus familiares), ontem de manhã, uma vez mais, em busca do pão. Eram pouco menos de oito horas e, mesmo junto à barra, a ondulação, que primava pela violência, era forte. Estava-se na baixa-mar, a corrente «puxava para fora», como se costuma dizer. O naufrágio ocorreu: o «Carminda Oliveira», o pequeno barco em que seguiam, não resistiu. À entrada da barra do Douro...

E aqui começam as divergências, mesmo na hora de dor e do luto: a capitania do Porto do Douro, que accionou todos os dispositivos ao seu dispor para os salvar, iniciando desde logo as buscas; o Sindicato dos Pescadores do Porto/Afurada, depois de lamentar mais «quatro pescadores mortos», pergunta se serão precisas mais para que se faça o desassoreamento da barra do Douro.

«Como é possível falar em navegabilidade do Douro com uma barra assim?», questiona ainda o mesmo Sindicato. Uma outra questão deixa a pairar: «Para além dos possíveis telegramas ou telefonemas de condolências, que medidas irá tomar o Governo

para que não se repitam mais desastres?».

O Sindicato dos Pescadores do Porto/Afurada exige o desassoreamento da barra do Douro, porque, observa noutro passo, aquilo «não é uma barra, é uma ratoeira de morte».

As divergências entre o Sindicato e a Capitania do Porto do Douro são mais fundas, relacionando-se, também, com a prestação de socorros. Enquanto — como acima se diz —, a Capitania garante que iniciou de imediato as buscas, depois do alarme dado pelo Instituto de Socorros a Náufragos, a estrutura representativa dos pescadores contrapõe que «só horas depois do acidente é que os serviços de socorro saíram para o mar».

Um morto (cujo corpo foi já dado à costa, em Gondarém) e três desaparecidos, inevitavelmente tragados também pelas ondas, é o balanço de mais um naufrágio na barra do Douro. Os seus nomes: Francisco Baptista Marques (morto), de 46 anos, que era o arrais do «Carminda Oliveira»; e os desaparecidos, António Manuel Costa Marques (solteiro, de 20 anos), que era filho do arrais; Emílio Gomes Remelgado, casado, de 48 anos (da Alfurada); e Manuel Francisco de Oliveira Marques, também casado e da Afurada, de 26 anos, sobrinho do anterior.

## Inscrições nas paredes custam até 200 contos

A pintura de inscrições em imóveis públicos ou particulares na área do concelho de Lisboa, quando não autorizada expressamente e por escrito pelos respectivos proprietários será punida com uma coima que pode atingir os 200 contos, segundo uma deliberação camarária ontem tomada com a oposição dos vereadores da APU.

Nos termos da proposta agora aprovada, o infractor será intimado a proceder, em determinado prazo, a iniciar a reposição do imóvel no estado em que se encontrava antes da contra-ordenação, podendo a Câmara, caso os trabalhos de reposição não sejam iniciados, no prazo de cinco dias, substituir-se-lhe, debitando ao agente infractor a respectiva conta.

Segundo um comunicado camarário, para esta deliberação foi tomada em conta o factor de degradação da propriedade, quer seja pública ou privada, «que constitui a prática de pintar inscrições nas paredes dos edifícios, a qual se repercute na degradação do aspecto da cidade, tornando-se numa fonte intolerável de poluição visual».

A iniciativa foi do vereador do pelouro de salubridade, Pinto Machado. Mas foi ainda aprovada uma outra proposta, subscrita pelos vereadores do PSD, que estabelece num dos seus pontos, aprovado por unanimidade, que «não é permitida a afixação de caracteres, painéis e faixas, nem a realização de inscrições e pinturas murais em monumentos nacionais, nos edifícios religiosos, nos sinais de trânsito e nas placas de sinalização rodoviária e em todos os imóveis classificados».

Esta medida deverá entrar em vigor 60 dias após a sua publicação, sendo antecedida e acompanhada por uma campanha de sensibilização para a necessidade de os munícipes colaborar em no melhoramento das condições ambientais da sua cidade, conforme proposta subscrita pelos vereadores do Partido Socialista e aprovada por maioria, com a abstenção da APU.

Para facilitar a existência de locais para afixação de cartazes em locais adequados, será entretanto estudada a criação de suportes para facilitar a fixação de propaganda política.

Na mesma reunião foi aprovado um acordo de geminação com o município de Rabat, visando a troca de conhecimentos em diversos domínios, como a administração local, protecção do ambiente, urbanismo, intercâmbios culturais, artísticos e desportivos. Entretanto, durante a visita que o Primeiro-Ministro de Marrocos faz a Portugal, deslocando-se à Câmara de Lisboa, ser-lhe-á entregue a chave de Honra da Cidade.

# SALDOS

NOS GRANDES ARMAZENS ESPANHOIS

## MADRID

VIAGEM DOS SALDOS, DE 15 A 17 E 29 A 31 DE JANEIRO — ALOJAMENTO EM HOTEL \*\*\*\*  
**9900\$00**

## SEVILHA

VIAGEM DOS SALDOS, DE 16 A 18 E 23 A 25 DE JANEIRO — ALOJAMENTO EM HOTEL \*\*\*  
**9900\$00**

## BADAJOZ

A VIAGEM DOS SALDOS — 4.ª FEIRAS E SÁBADOS  
**1000\$00**

### FALLAS DE VALÈNCIA

A MAIOR FESTA DE ESPANHA  
3 VIAGENS • DE 12 A 21 DE MARÇO  
POR ANDORRA E BARCELONA 89 900\$  
DE 18 A 21 DE MARÇO, POR MADRID 46 900\$  
DE 17 A 21 DE MARÇO 32 900\$  
**HOTEL EXCELSIOR — INGLÊS**  
NO CENTRO DA CIDADE

★ INSCRIÇÕES LIMITADAS ★

### HOLANDA FLORIDA

FESTA DAS TULIPAS EM FLOR  
DE 1 A 16 DE MAIO — VISITANDO: SALAMANCA • VALLADOLID • BURGOS • BORDÉUS • ANGOULÈME • CHARTRES • PARIS • BRUXELAS • HAIA • AMSTERDÃO • ROTTERDÃO • COLÓNIA • LUXEMBURGO • BRIVE • ANDORRA • MADRID, etc.  
**139 900\$00**

**CONCEDEMOS TRATAMENTO VIP A TODOS OS NOSSOS CLIENTES**

## LUSANOVA - TOURS

GROSSISTA N.º 435 83  
MARCAÇÕES E RESERVAS NO SEU AGENTE DE VIAGENS

# AUMENTADAS AS DOTAÇÕES DESTINADAS A SUBSÍDIO DE PAPEL

— anunciou Marques Mendes

**E**M cerimónia concorrida ontem efectuada no Palácio Foz, Marques Mendes, secretário de Estado do ministro adjunto e para os Assuntos Parlamentares, anunciou que vão ser aumentadas as dotações destinadas a subsídio de papel, o qual passará a ser concedido aos jornais de uma só vez. Na entrega de um subsídio a fundo perdido, Marques Mendes dirigia-se aos representantes de 38 jornais regionais.

Marques Mendes referiu que, a par da manutenção do porte-pago, o Orçamento do Estado para 1987 contempla pela primeira vez dotações para acções de formação profissional no âmbito da Imprensa Regional, às quais poderão ter acesso as associações ou empresas.

A propósito da atribuição de cem mil contos a Fundo Perdido, o secretário de Estado afirmou que vão intensificar-se este ano os projectos que contemplem um maior número de empresas a serem servidas.

Este ano, acentuou, vai continuar-se o esquema iniciado o ano passado de descontos de 30 por cento nas despesas de telecomunicações que as empresas realizem, podendo os jornais regionais celebrarem condições e preços especiais, contratos com a nova agência noticiosa nacional (Lusa).

A par destas medidas para este ano, que, afirmou, «são o início de uma nova era no tratamento a dar e na dignidade a conferir à Imprensa Regional», o Governo aprovará nos primeiros meses deste ano, através de diploma legal, o Estatuto da Imprensa Regional, cujo projecto já foi entregue às associações.

Precisamente começando aqui, especificou o secretário de Estado que a partir de 1987 «serão aumentadas as dotações destinadas ao subsídio de papel, o qual vai ser reformulado nos seus objectivos e critérios de atribuição» — e passará «a ser concedido aos jornais de uma vez só (em vez de 4 prestações anuais como acontece actualmente), assim se evitando (...) uma excessiva e desnecessária burocracia.»

Por outro lado, a par da manutenção do porte-pago, apoio indispensável, o Orçamento de



Na assinatura dos apoios à Imprensa regional

Estado para 1987 contempla, «pela primeira vez», significativas dotações para acções e cursos de formação profissional no âmbito da Imprensa Regional, «às quais (lembrou) poderão ter acesso as associações ou empresas respectivas.

Ao mesmo tempo, o secretário de Estado chamou ainda a aten-

ção para «o esforço de financiamento na instalação de parques gráficos para a Imprensa Regional (pela primeira vez iniciado em 1986)», esforço que se vai intensificar no ano corrente, «privilegiando-se os projectos que contemplem um maior número de empresas a serem servidas.»

Entretanto, enquanto se continuará a implementar, em 1987, o esquema pela primeira vez iniciado em 1986 de descontos de 30% nas despesas de telecomunicações que as empresas de telecomunicações realizem, «os jornais regionais que pretendam poderão celebrar igualmente contratos em condições e preços especiais, com a nova agência noticiosa.»

A par destas medidas, já de si muito importantes, pretendemos (disse o secretário de Estado) que «1987 seja o início de uma nova era no tratamento a dar e na dignidade a conferir à Imprensa Regional, aos que nela trabalham e às suas Associações representativas.»

Para tanto, é intenção do Governo fazer aprovar no princípio deste ano, através de diploma legal adequado, o Estatuto da Imprensa Regional e de todos quantos nela trabalham, «cujo projecto, já elaborado, já foi entregue às Associações (...), após uma discussão ampla e participada, para que possa ser melhorado, enriquecido e valorizado.»

Concretamente, os subsídios agora concedidos rondam os cem mil contos e beneficiam as seguintes entidades

(enaltecidas pelo Primeiro Ministro, presente na cerimónia, com as seguintes palavras: «A Imprensa Regional é o bastião da liberdade»): «Diário de Aveiro», «Jornal de Esporão», «Diário de Coimbra», «Domingo», «A Comarca de Arganil», «Jornal do Alentejo», «Gazeta das Caldas», «Jornal das Pataias», «O Alentejo», «Badaladas», «Jornal da Costa do Sol», «A Ordem», «Jornal de Amarante», «Jornal de Abrantes», «O Riachense», «Cidade de Tomar», «O Setubalense», «Aurora do Lima», «O Vianense», «Jornal da Beira», «Notícias de Viseu», «Diário de Viseu», «Notícias da Beira», «Notícias de Vouzela», «Notícias de Chaves», «Jornal do Desporto», «Açoreano Oriental», «Açores», «Diário Insular» e, ainda, nove jornais associados na Empresa Coop — Cooperativa de Prestação de Serviços.

Ao acto estiveram presentes representantes da Associação da Imprensa Diária e Não Diária, Instituto de Imprensa Regional, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, Associações dos Jornalistas de Viseu e Associações de Imprensa Regional do Algarve, Viseu e Aveiro.

## PCP exige urgente entrada em funcionamento do Hospital do Restelo

O anúncio da escritura pública do Hospital S. Francisco Xavier, Restelo, por ocasião da cerimónia de posse da sua Comissão Instaladora a que preside o prof. Aires Sousa, está a suscitar reacções em diversos meios, em particular por parte da oposição ao Governo que, de resto, só agora toma posição. No entanto, em menos de um ano, a ministra da Saúde atraiu as atenções sobre o Hospital do Restelo. Nesse mesmo período de tempo avançou com a construção dos Hospitais Oriental e Ocidental de Lisboa.

O Partido Comunista veio ontem a público pedir a «urgente entrada em funcionamento» do Hospital do Restelo, bem como início da construção dos Hospitais da Zona Ocidental e Oriental de Lisboa. Fontes contactadas pelo «DL» garantem-nos que o accionamento de tais medidas e a sua entrada em funcionamento, caso a adjudicação de ambos se operasse de imediato, distariam entre si em cerca de cinco anos. Isto é: Beleza

fala de obras (e de saúde que nos falta) que, na melhor das hipóteses, só em 1992 poderão estar prontas.

O SIP do PCP lembra em comunicado que «as promessas eleitorais de resolver os problemas das urgências hospitalares «na área metropolitana de Lisboa, em dois meses, foram esquecidas».

Aquela estrutura comunista acusa que «ao contrário das declarações da ministra da Saúde, no final da semana passada, é no Governo PSD que reside o principal obstáculo à construção dos novos Hospitais da Zona Oriental e Ocidental de Lisboa».

Para o PCP é «quase certo» que a abertura do Hospital do Restelo «se não verificará durante o ano em curso». Aliás, não será o único caso, uma vez que o Hospital do Barreiro, apesar da sua Comissão Instaladora dever terminar a sua missão em Março deste ano, deverá continuar a sua missão até Dezembro pelo menos.

## Grande Lisboa agita-se

# Docentes contra o Ministério da Educação

Os professores do ensino preparatório e secundário em formação, colocados na área do SPGL, recorrerão a formas de luta se até ao final do mês corrente o Ministério da Educação não de solução aos problemas existentes.

A decisão foi tomada no Encontro Regional de Professores Efectivos e Provisórios promovido pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, no passado sábado, em que os docentes responsabilizaram o MEC «por todos os prejuízos decorrentes da incompetência manifestada pelas diferentes estruturas do ministério no desenvolvimento anárquico do processo de formação em serviço».

Desmentiram que o processo de formação seja menos lento que o anterior, e que os custos financeiros sejam inferiores aos gastos anteriores; denunciaram a existência de uma estrutura pesadíssima e descoordenada em que se movimenta todo o processo.

Os participantes no encontro salientaram como mais importantes os seguintes problemas: atrasos no início da formação,

sendo os mais significativos relativos aos formandos dependentes do CIFOP da Universidade de Évora; falta de docentes acompanhantes da prática pedagógica; colocação de professores em formação em grupos para os quais não possuem habilitação própria; insuficiência das ajudas de custo para os professores em formação; necessidade de discussão com os interessados e exigência de negociação com as organizações sindicais da chamada «creditação de competência» como forma de garantir que a sua aplicação obedeça a critérios transparentes, rigorosos e objectivos; assunção da coordenação nacional do processo de formação por parte do MEC e garantia e equidade no desenvolvimento e conclusão de cada programa de formação; anulação da exigência da prova final por ser contrária ao processo de avaliação contínua que se deseja e porque é considerada obsoleta, desajustada e desnecessária; e finalmente exigência de disposições legais que lhes permitam concorrer ao próximo concurso

de professores efectivos, sem prejuízo para terceiros em sem que tal implique mudança da escola superior de educação.

## Problemas graves no ensino primário

Amanhã, às 10 horas, realiza-se na Casa da Imprensa a Assembleia dos Delegados Sindicais do Ensino Primário da Grande Lisboa. Os delegados deverão analisar a situação dos docentes daquele grau de ensino e perspectivar a acção dos professores, tendo como vectores essenciais a negociação do estatuto da carreira docente e a implementação da Lei de Bases, nomeadamente no que respeita à legislação da gestão democrática para a educação pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico.

Entre os problemas mais graves que afectam os docentes do 1.º ciclo do ensino básico (ex-ensino primário), é o não pagamento pelo MEC de vencimentos a algumas centenas de professores que começaram a trabalhar, pela

primeira vez, em Outubro.

Também aos professores do ex-ensino primário reformados não foram concedidas as duas últimas fases da carreira docente, o que os coloca numa situação salarial altamente gravosa. Idêntica situação afecta os professores que, estando no activo, pretendem aposentar-se. Se o fizerem agora, não ascendem ao topo da carreira.

Outros problemas graves deste grau de ensino é o desemprego. Cerca de um milhão de professores do 1.º ciclo do ensino básico não obtiveram ainda colocação e mais de 12 000 professores deste sector não ingressam no quadro geral, continuando anos a fio na situação de não efectivos sem acesso à carreira.

Relativamente ao concurso ao quadro geral, prevê-se que não serão colocados a concurso mais de 450 lugares para 12 000 candidatos.

Quanto ao concurso para os professores não efectivos vai ser aprovado pelo Conselho de Ministros um novo decreto-lei que o irá regulamentar.

Enquanto se reajusta o Sistema Monetário Europeu

# BAIXA O DÓLAR E SOBE O PETRÓLEO

COMO primeira consequência do realinhamento do sistema monetário europeu (SME), decidido no fim-de-semana pelos ministros das Finanças dos doze, o dólar começou a descer na generalidade das praças atingindo em Francoforte (RFA) a sua mais baixa cotação desde há mais de seis anos.

Em contrapartida, o petróleo está a subir de preço, ultrapassando já a meta a que se propôs a OPEP, quando decidiu restringir a produção para fazer diminuir a oferta mundial e estabilizar os preços em torno dos 18 dólares/barril.

Assim, na sequência do realinhamento do SME, o dólar desceu, sensivelmente, nos mercados europeus, indicando fontes da Bolsa de Francoforte que o realinhamento retirou alguma incerteza ao mercado e permitiu-lhe concentrar-se na fraqueza fundamental do dólar.

Os ministros das Finanças da CEE decidiram revalorizar o marco alemão-federal e o florim em três por cento e os francos belga e luxemburguês em dois por cento, enquanto o franco francês e outras moedas do SME se mantiveram inalteráveis.

O dólar fechou em Zurique a 1.5875 francos suíços, contra 1.6112 no encerramento de sexta-feira, em Francoforte a 1.8965 francos (1.9189) e em Paris a 6.3212 francos (6.3850).

O valor do fecho em Francoforte foi o mais baixo para a

moeda norte-americana desde 20 de Novembro de 1980 (1.9050).

A libra encerrou em Londres a 1.49 dólares, contra 1.4780 no fecho de sexta-feira.

Em Tóquio, o dólar fechou a 158.05 ienes, contra 158.35.

Em Madrid, o dólar desceu aos níveis mais baixos desde 1983, valendo 130.6 pesetas o que significou uma perda de 1.29 pesetas por dólar, segundo informação do banco de Espanha.

Quanto ao marco alemão, a cotação média ficou fixada no mercado de divisas da capital espanhola em 68.533 pesetas, com uma ligeira descida em relação à última sessão, em que foi de 68.692 pesetas.

A oscilação em relação ao franco francês, também foi mínima.

Em relação à moeda portuguesa, a cotação estabelecida ontem pelo Banco de Espanha, em divisas, foi de 89.996 pesetas para a compra de cem escudos e de 90.222 pesetas para a venda.

Na sessão de sexta-feira, estas cotações foram de 90.388 pesetas e 90.614 pesetas, respectivamente, o que supõe uma li-

geira baixa do escudo.

Entretanto os preços do petróleo ultrapassaram ontem a barreira dos 19 dólares por barril, pela primeira vez em quase um ano, sintoma da confiança do mercado em que a OPEP mantinha o seu acordo de cortes na produção.

Analistas na Europa disseram, também, que o tempo muito frio no velho continente, que faz aumentar a procura do óleo para aquecimento, também contribuiu para a subida dos preços.

Em Nova Iorque, o preço do West Texas Intermediate, uma espécie de padrão do mercado petrolífero norte-americano, subiu 43 céntimos (para entrega em Fevereiro), para 19.20 dólares.

Fontes do mercado dizem existir confiança no êxito, a curto prazo, do acordo que os países da OPEP estabeleceram o mês passado em Genebra, prevendo um corte global de 7.25 por cento na produção do cartel e o regresso a preços fixos a partir de 1 de Fevereiro.

Alguns analistas creem que o preço do barril de «crude» poderá chegar aos 20 dólares nessa data.

## Gasolina mais cara na Inglaterra

Como consequência do recente acordo da OPEP para fazer subir os preços do petróleo, a Esso anunciou um primeiro aumento dos preços da gasolina na Grã-Bretanha, subida que

deverá estender-se rapidamente ao conjunto do mercado.

Várias companhias como a British Petroleum e a Texaco já anunciaram que estão a ser estudadas decisões idênticas.

A Esso aumentou os preços da gasolina super em 3,5 por cento, para um total de 175.5 pence o galão (4.5 litros).

No Japão, duas companhias decidiram aceitar a proposta de preços fixos estabelecida pela organização dos Países Produtores de Petróleo.

De acordo com o jornal, a Mitsubishi vai comprar 100 mil barris diários a Kyodo Oil outros 50 mil à Arábia Saudita a 17.52 dólares o barril.

As entregas começaram em Fevereiro e decorrerão durante um período de cinco meses. O Japão importa cerca de 1,2 mil milhões de barris de petróleo por ano, 70 por cento dos quais da OPEP.

Ao contrário, quatro grandes companhias petrolíferas norte-americanas recusaram-se a assinar contratos de compras a preços e quantidades fixos para o período de Fevereiro a Junho.

Segundo a MEES, considerada como próxima dos meios sauditas do petróleo, a Exxon, Mobil, Texaco e Chevron preferiram manter a possibilidade de determinar mês a mês o volume das suas encomendas enquanto o mercado do petróleo não estiver estabilizado.

Para sexta-feira

## Greve na Carris a confirmar hoje

Os trabalhadores da Carris, enquadrados pelo Sitra, um sindicato da UGT, mantêm a convocatória de uma greve de 24 horas para a próxima sexta-feira, dependendo a sua confirmação de um plenário a realizar ainda hoje.

Com efeito, o Sitra convocou um plenário de trabalhadores para as 20 horas, na estação da Musgueira, para apresentar os resultados da última reunião com a Administração. A derradeira proposta da Carris não ultrapassa os 11,5 por cento de aumentos salariais. Quer os trabalhadores enquadrados no Sitra, quer os abrangidos pela FSTRU (uma estrutura intermédia da CGTP), exigem aumentos superiores sendo, assim, de todo provável que a greve venha a ser confirmada para ser aplicada no dia 16, durante 24 horas.

O sindicato da UGT tem defendido um aumento de 18 por cento mas na última reunião com o Conselho de Gerência baixou as suas reivindicações para 15.

## Pão mais caro nos Açores

O preço do pão vai aumentar no Açores, em função da subida das matérias-primas no mercado nacional, segundo informaram fontes oficiais daquela Região Autónoma.

Os novos preços serão decididos na reunião de quinta-feira do Executivo regional, recusando-se o respectivo departamento a informar quais as variações de preços que vão ser propostas.

O aumento do preço do pão em vigor no Continente, desde o início de Janeiro, não foi extensivo aos Açores, que têm uma política autónoma na matéria.

## Transaccionados na Bolsa de Lisboa

### 1,2 milhões de contos em títulos

A Bolsa de Lisboa voltou a conhecer enorme animação no conjunto da semana passada tendo sido transaccionados 400 mil títulos no valor global de 1,2 milhões de contos.

As mudanças de titularidade de papéis foi mais sentida no mercado não oficial de títulos, de que foram vendidos 764 mil contos.

## Bispo de Setúbal fala sobre a pobreza

«A pobreza em Portugal» é o tema de uma conferência que se realiza na próxima sexta-feira na Universidade Católica de Lisboa. Os oradores convidados são o Bispo de Setúbal, o eng. Bruto da Costa, a dr.ª Manuela Silva e o dr. Vítor Melícias e a conferência decorre no Anfiteatro 3 daquela Universidade, pelas 17 horas. Paralelamente deverá realizar-se uma exposição de fotografias de estudantes alusivas ao tema da pobreza.

## Parry Son encerrada: desemprego para 400

O Governo, indirectamente através dos representantes dos seus interesses na empresa, e os accionistas Lisnave e IPE mandaram encerrar o estaleiro naval mais antigo do País, a H. Parry Son, lançando no desemprego mais de 400 trabalhadores.

O processo é já antigo e teve, agora, o seu desfecho, segundo informação prestada pelas Organizações Representativas dos Trabalhadores (ORT's) que consideram a decisão de encerramento como «um crime contra os trabalhadores e contra a economia nacional».

Um comunicado subscrito pelas ORT's da Parry Son acrescenta que o encerramento «foi premeditado consoante os objectivos capitalistas dos Mellos», dado considerarem a empresa viável.

Os 400 trabalhadores, que vão para o desemprego, tinham 18 meses de salários em atraso. Além disso, há uns 300 reformados que ficaram, assim, privados dos seus complementos de reforma.

## Défice do orçamento agrícola agravado na Comunidade

Outra das consequências do realinhamento das paridades no interior do SME vai ser o aumento directo do défice do Orçamento Agrícola da Comunidade para 1987, segundo informa, de Bruxelas, o correspondente da agência Lusa, António Esteves Martins.

Os números definitivos ainda não foram tornados públicos, mas sabe-se que os custos suplementares deste realinhamento serão de cerca de 400 milhões de ECU's, que a Comunidade Europeia deverá pagar a título de montantes compensatórios.

Este número é sensivelmente metade das despesas provocadas pelo último realinhamento do sistema monetário que em Abril do ano passado tinha conduzido a uma diferença de seis pontos entre o marco e o franco francês.

Fontes comunitárias referem que o realinhamento se traduziu numa despesa de cerca de 800 milhões de ECU's, em montantes compensatórios. Este último reajustamento poderá custar cerca de metade desta soma.

No entanto, e mesmo considerando que o realinhamento do SME irá provocar uma despesa

suplementar no Orçamento Agrícola, a Comissão Europeia aguarda que a reunião do Comité Agromonetário, prevista para quarta-feira, refira com exactidão os números que deverão ser utilizados para compensar os agricultores cujas exportações ou importações serão afectadas pelo reajustamento monetário.

Tudo depende, agora, do Parlamento Europeu que aceitou a proposta da Comissão Europeia para pôr termo ao conflito orçamental antes do realinhamento e, portanto, antes deste aumento inesperado do défice orçamental.

Aliás o «sim» do Parlamento dependia, em grande parte, da forma como o Conselho de Ministros pretende gerir as despesas agrícolas este ano.

Para tentar conciliar as duas partes a Comissão tinha, de acordo com o Conselho, apresentado ao Parlamento economias importantes no sector agrícola.

Cerca de 948 milhões de ECU's tinham desta forma sido registados como economias efectuadas no domínio agrícola depois do acordo dos ministros da

Agricultura em relação à produção de leite e de carne bovina.

## CEE vem estudar modernização da indústria

Uma missão das Comunidades Europeias iniciou hoje, em Lisboa, os trabalhos preparatórios do programa específico para a modernização da indústria portuguesa.

A missão é integrada por 10 peritos da Comunidade, especializados em política de desenvolvimento regional, cooperação industrial, inovação tecnológica, pequenas e médias empresas, formação e recursos humanos e intervenção do Banco Europeu de Investimento.

A organização desta missão — que surge no seguimento de contactos entre o Primeiro-Ministro Cavaco Silva e o presidente da Comissão das Comunidades Europeias, Jacques Delors — foi coordenada em Portugal pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Indústria e Comércio, do Plano e da Administração do Território, das Finanças e do Trabalho e Segurança Social.

Estes trabalhos deverão terminar no dia 16 de Janeiro.

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| (Por Unidade)                        |         |         |
|--------------------------------------|---------|---------|
| COTAÇÕES DE NOTAS                    | COMPRA  | VENDA   |
| ÁFRICA DO SUL (rand) .....           | 45\$90  | 51\$90  |
| ALEMANHA FED. (marco) .....          | 75\$15  | 76\$35  |
| AUSTRIA (xelim) .....                | 10\$65  | 10\$85  |
| BÉLGICA (franco) .....               | 3\$414  | 3\$664  |
| BRASIL (cruzado) .....               | 3\$800  | 6\$300  |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) .... | 104\$35 | 106\$85 |
| (notas de 5 a 1000) .....            | 104\$85 | 107\$35 |
| DINAMARCA (coroa) .....              | 19\$80  | 20\$20  |
| ESPAÑA (peseta) .....                | 1\$068  | 1\$188  |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) .....   | 142\$90 | 146\$40 |
| (notas de 5 a 1000) .....            | 143\$40 | 146\$90 |
| FINLÂNDIA (marka) .....              | 30\$35  | 30\$95  |
| FRANÇA (franco) .....                | 22\$60  | 23\$30  |
| HOLANDA (florim) .....               | 66\$60  | 67\$70  |
| IRLANDA (libra) .....                | 203\$90 | 207\$90 |
| ITÁLIA (lira) .....                  | \$097   | \$112   |
| JAPÃO (iene) .....                   | \$866   | \$921   |
| NORUEGA (coroa) .....                | 19\$60  | 20\$10  |
| REINO UNIDO (libra) .....            | 213\$10 | 217\$60 |
| SUÉCIA (coroa) .....                 | 21\$30  | 21\$80  |
| SUIÇA (franco) .....                 | 89\$95  | 91\$45  |
| VENEZUELA (bolívar) .....            | 5\$75   | 6\$75   |

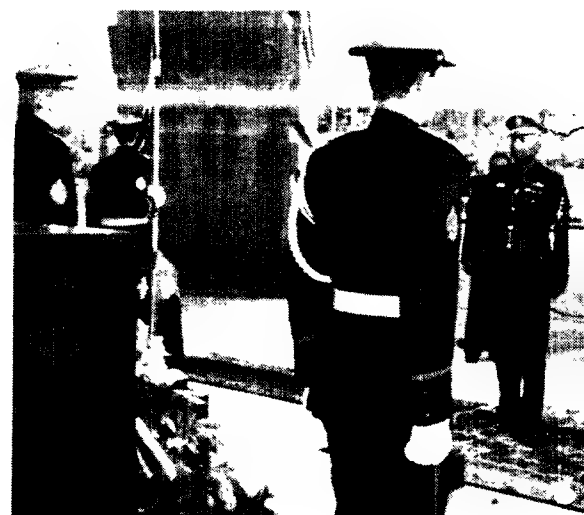
### OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



**M**ilhares de parisienses responderam ao apelo de partidos centristas e de extrema-dierita, manifestando-se contra as greves que atingiram os transportes e a companhia de electricidade, enquanto os ferroviários prevêm para hoje o regresso ao trabalho. Na foto, membros da Frente Nacional de Jean Marie La Pen são impedidos pela policia de marcharem para a Praça da Opera num protesto contra as greves.

**T**rés presos considerados de alta perigosidade solicitaram ontem ao presidente José Sarney e ao Congresso brasileiro que aprovessem a pena de morte para pôr fim à sua reclusão. Os signatários da carta-André William Pinho, Salvador Dias Garrido e Paulo Ranger de Faria- condenados a penas de 20 a 30 anos de prisão por assaltos e violações, exigiram às autoridades a autorização imediata da pena de morte, como protesto contra as «péssimas condições de vida em que se encontram os presos nas cadeias do Brasil». A carta dos três detidos foi enviada ao Supremo Tribunal Federal de Brasília e várias cópias ao Supremo Tribunal da República, organismos de direitos humanos e autoridades policiais.



**O** primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzal ofereceu-se ontem para promover a paz no Médio Oriente ao chefe de governo do Cairo que a Espanha e o efectivo na concretização de uma solução» para a visita de Gonzalez ao mundo árabe desde que a Es, diplomáticos com Israel há um ano.

## Baía Guanabara em riscos de desaparecer

A baía de Guanabara, a maior da costa brasileira, actualmente contaminada por milhões de toneladas de desperdícios descarregados nas suas águas, corre o perigo de desaparecer, anunciou a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente.

O técnico Breno Marcondes, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, advertiu que «no prazo de 20 anos, a baía de Guanabara com uma área de 412 quilómetros quadrados, converter-se-á num grande pântano e no prazo de 40 anos estará completamente seca».

Nas margens da baía residem actualmente cerca de 10 milhões de pessoas que lançam nas suas águas cerca de 80 por cento dos resíduos que produzem. A baía chegou há dez anos ao limite da sua capacidade de autodepuração pelo que, desde essa altura, não consegue absorver o crescente volume de resíduos atirados para as águas, acrescentaram os investigadores.

Nenhuma das 5.000 indústrias que existem nas suas margens foi obrigada a instalar equipamentos para evitar a contaminação ou para tratamento de resíduos industriais, de modo que o volume de detritos lançados na água da baía está a contribuir para que esta se transforme num pântano.

O professor Elmo da Silva Amador, do Instituto de Geociências da Universidade do Rio de Janeiro, advertiu que, a continuar esta situação, a única solução viável para a baía no século XXI será a sua terraplanagem total e ocupação urbana, «um dos maiores crimes ecológicos da História».

## Atentado de Bolonha no processo Gelli

O julgamento do primeiro processo da loja P-2 deverá começar no próximo dia 19, em Bolonha, e entre os crimes que nele figuram conta-se o do massacre na estação central daquela cidade que causou 85 mortos e mais de 200 feridos.

Fontes judiciais disseram que em meados de Fevereiro comparecerão no banco dos réus os supostos responsáveis pelo atentado registado no dia 2 de Agosto de 1980.

O principal réu é Licio Gelli, chefe da loja secreta, que será julgado à revelia, supondo-se que se encontre actualmente no Paraguai.

Na lista dos réus figuram outros membros da loja P-2, militantes neo-fascistas de Roma e Veneza, e alguns ex-membros dos serviços secretos que trabalhavam com a organização de Gelli e que são apresentados no documento da acusação como o seu braço armado.

Quase seis anos e meio depois, os juizes de Bolonha, divulgaram as suas teses sobre o atentado: a bomba colocada na estação foi obra de um grupo neofascista dirigido por Valerio Gustav Fioravante.

## Ex-ministro dirige orquestra chinesa

O antigo primeiro-ministro britânico Edward Heath deverá dirigir uma orquestra chinesa num concerto de caridade a realizar no próximo dia 18 de Abril, em Pequim.

Em conferência de imprensa realizada ontem, Deng Pufang, filho do líder chinês Deng Xiaoping e director do Fundo de Segurança Social da China, disse que os lucros do concerto revertem a favor da construção de um centro de reabilitação em Yantai.

Os organizadores do concerto referiram ainda que Heath, um assíduo visitante da China, aceitou um convite que lhe fora formulado pelo Instituto Popular chinês para Questões Externas para visitar a China em Abril e participar no concerto.

# URSS ENTRA NA ERA DO ROCK

Anna Christensen

UPI/Lusa

**N**ão há muito tempo, as autoridades soviéticas acusavam o rock de arruinar a juventude, o «heavy Metal» era fascista, o jazz propaganda. Mas os tempos estão a mudar... Na última semana, um músico soviético de rock, de cabelo comprido e barba, deu a primeira conferência de imprensa de sempre em Moscovo sobre os problemas do rock nos dias de hoje.

A abrir disse que o «Djazz», o «Tveest», a «Novaya Volnenyie (New Wave) e até o «Kheevy Metal» têm o seu lugar na sociedade soviética.

Alexei Kozlov, 50 anos, saxofonista, líder do grupo jazz-rock «Arsenal», acompanhado por vídeos dos seus espectáculos, explicou aos jornalistas como as autoridades do seu país sancionaram oficialmente o rock depois de décadas de luta.

O ballet veio de França, a ópera de Itália, mas todas estas manifestações artísticas são hoje em dia universalmente aceites e ninguém se lembra já de onde provêm.

A música rock, disse, é europeia, mas o jazz apresenta problemas especiais que só os norte-americanos, especialmente os negros, sabem resolver.

«A influência ocidental já não é questão», afirmou, citando um artigo da revista «Novos Tempos» sobre a legitimização do rock.

A mudança da posição oficial soviética em relação ao rock deriva do novo estilo imprimido por Gorbachev no Kremlin, mas Alexei Kozlov acusa a música do seu país de não ser ainda suficientemente «aberta».

### Imprensa e música

Citando Gorbachev, Kozlov empregou amígdas as expressões «glasnost» (abertura) e «perestroika» (reestruturação) para invectivar os seus companheiros de ofício.

«Gostaria de ver os nossos jovens músicos de rock a

compôr com mais liberdade», disse. «É estranho que

haja agora um paradoxo na nossa música rock. A nossa imprensa ultrapassou a própria música».

«Não passa um dia sem um informação «estranha» nos nossos jornais. Ontem mesmo havia um artigo sobre a droga», justificou.

«Por isso gostaria de ver a nossa música rock ao mesmo nível de abertura da imprensa. Normalmente cantam sobre nada. Deixaram-se ficar por trás. Agora as letras

devem falar do que se passa nos nossos dias».

### «Heavy Metal»

Kozlov, que em 1973 formou os «Arsenal» à imagem dos norte-americanos «Chicago», falou ainda longa e entusiasticamente sobre as diferentes vias da música moderna e o seu lugar na sociedade soviética.

Disse que o «Heavy Me-



Não há muito tempo, as autoridades soviéticas acusavam o rock de arruinar a juventude, mas os tempos estão a mudar.

# Frio já matou 125 pessoas na Europa

A maior vaga de frio deste século na Europa e Ásia Ocidental já matou pelo menos 125 pessoas, vítimas de avalanches de neve, ventos ciclónicos, ataques de coração, frio e acidentes causados pelo mau tempo. Se o Norte e o Centro da Europa são as regiões mais fustigadas, a verdade é que o mau tempo chegou também ao Sul do velho continente, não poupando sequer as praias habitualmente solarentas do Mediterrâneo.

Temperaturas mais baixas que no Pólo Norte fizeram-se ontem sentir na maior parte da Europa Ocidental. Segundo os meteorologistas, o frio vem da Sibéria e poderá continuar por uma série de dias ainda.

Em Leninegrado, na União Soviética, a temperatura atingiu os 45 graus centígrados negativos, a mais baixa desde há 244 anos. As piores avalanches de neve nos últimos 50 anos destruíram três aldeias na República soviética da Geórgia, matando 29 pessoas. Ainda na URSS centenas de alunos em férias ficaram bloqueados pela neve nas estâncias dos montes Cáucaso.

Na Turquia, a neve matou 13 pessoas numa aldeia remota, que continua isolada.

Na Polónia morreram até agora três pessoas devido ao frio e à neve, ao mesmo tempo que o fornecimento de energia eléctrica está ameaçado por dificuldades na

utilização do carvão nas centrais eléctricas.

## Big Ben congelou

Londres viveu ontem o dia mais frio desde que estes dados começaram a ser registados, sendo a temperatura máxima de cinco graus negativos. O frio gelou o mecanismo do relógio Big Ben, transformando as famosas badaladas em pequenos ruídos.

Em França, pelo menos duas pessoas morreram com ataques de coração quando apesar do frio resolveram fazer «jogging». O governo francês ordenou que as estações de metropolitano do país ficassem abertas durante a noite, de modo a que as pessoas sem casa aí se acolhessem. No sul da França e no Mónaco, as praias ficaram cobertas de neve e o frio tem obrigado as autoridades a desligar as centrais nucleares, o que provocou faltas de energia no Ocidente de França e em Paris, onde a tempera-

tura era de 13 graus negativos.

Em Bruxelas, a temperatura baixou ontem até 15 graus negativos e prevê-se, para os próximos dias, até 25 negativos nas Ardenas, no leste montanhoso do país.

A situação é ainda mais grave na Alemanha Federal e na Áustria, com temperaturas de 32 graus negativos, acompanhadas de fortes nevões, que paralizaram quase por completo as comunicações. Nas zonas industriais da Alemanha Federal, o gelo provocou acidentes e gigantescos engarrafamentos.

O mau tempo chegou, entretanto, a Espanha e a outros países do Sul da Europa. Na Grécia, três pescadores morreram afogados e no norte do país registaram-se forte nevões. Cem aldeias ficaram isoladas. Na Itália, verificaram-se ventos ciclónicos. No Golfo de Nápoles, três pescadores morreram arrastados por uma onda e centenas de pequenas embarcações de pesca afundaram-se.

Enquanto mais de meia Europa está com temperaturas negativas, existem porém cidades onde os termómetros ainda vão subindo até 14 graus positivos como é o caso do Porto e Évora. Ou até mesmo mais, como Beja (15), Lisboa (16) e Faro (17).

## Estado de saúde de Khomeini paralisa governo de Teerão

O estado de saúde do dirigente religioso iraniano ayatollah Ruhollah Khomeini está a deteriorar-se rapidamente, provocando uma paralisação no Governo de Teerão, revelou a cadeia norte-americana de televisão ABC.

Fontes iranianas citadas pela ABC disseram que Khomeini, com 86 anos, está a perder o uso das pernas, vê mal e não consegue controlar as funções do corpo.

Outras fontes disseram que Khomeini, apesar do seu estado, consegue ainda manter várias horas de actividade diariamente e continua capaz de tomar decisões.

De qualquer modo, diz a ABC, «os íntimos esperam que a morte ocorra dentro de dias ou semanas». «Devido ao



avanço da doença, o regime atingiu um estado de quase paralisação».

Entretanto a guerra Irão/Iraque prossegue. Hoje Teerão anunciou ter lançado um míssil terra-terra contra uma área comercial em Bagdad e o Iraque anunciou ter recuperado a maior parte da terra conqui-

stada pelo Irão na sua mais recente ofensiva.

Segundo a agência noticiosa iraniana, o míssil foi lançado em retaliação pelos ataques aéreos iraquianos, confirmados por Bagdad.

O Irão disse ainda que as suas tropas, que na sexta-feira atravessaram a fronteira com o Iraque, em Shalamcheh, continuavam a avançar em direcção a alvos pré-determinados e por entre combates violentos.

Por seu turno, o ministro iraquiano de Defesa, general Adnan Kheirallah, disse a jornalistas que os iranianos estão «mergulhados na zona de morte» dos terceiro e sétimo corpos do exército do Iraque, anunciando terem já sido aniquiladas, desde sexta-feira, mais de 14 divisões iranianas.

## Movimento revolucionário tenta boicotar cimeira

O «Movimento Revolucionário Islâmico», na clandestinidade, apelou hoje a todos os chefes de Estado islâmicos para que boicotem uma próxima cimeira das nações muçulmanas no Koweit e ameçaram os líderes que a ela assistirem.

A cimeira da Organização da Conferência Islâmica, de que fazem parte 45 nações, está prevista para o próximo dia 26 no Koweit. O Irão está a ameaçar boicotar a reunião se esta se realizar no Koweit, porque este país apoia o seu adversário na guerra da Golfo

Pérsico, o Iraque.

O comunicado exorta todos «os reis e chefes de Estado islâmicos, sejam ou não respeitáveis» a reconsiderar a participação na aquela cimeira e ameaça: «Prometemos que não vos fazemos esperar e que o Koweit será o túmulo de muitos de vós».

De referir que o MRI reivindicou a 24 de Dezembro a autoria do desvio de um avião iraquiano, que explodiu no deserto da Arábia Saudita, provocando a morte de 67 pessoas.

24 HORAS



## Viúva de Mao Tse-Tung

O Ministério chinês da Segurança Pública desmentiu hoje notícias de que Chiang Ching, a viúva de Mao Tsé-Tung, sofria de cancro de laringe e esteja em perigo de vida num hospital de Pequim. A notícia sobre a doença de Ching tinha sido ontem divulgada por um semanário chinês. A viúva de Mao Tsé-Tung foi condenada à morte em 1981 por ter dirigido o «bando dos quatro». Em 1983, a pena foi-lhe comutada em prisão perpétua.

## Shultz contra sanções

O secretário norte-americano de Estado George Shultz, pronunciou-se ontem contra a aplicação de sanções «mais duras» ao regime da África do Sul. Em entrevista concedida no Quénia, uma das etapas da sua viagem por seis países africanos, Shultz reafirmou a posição dos Estados Unidos de que as sanções prejudicam a população negra da África do Sul.

## Contactos sobre as Malvinas

Funcionários argentinos confirmaram a existência de contactos «indirectos» entre Londres e Buenos Aires para tentar reduzir a possibilidade de conflitos devido à zona de protecção de pesca de 150 milhas marítimas à volta das ilhas Malvinas, imposta em Outubro pelo governo britânico e que deverá entrar em vigor no próximo mês. O ministro britânico da Defesa encontra-se desde ontem nas Malvinas.

## Encerrado jornal das Filipinas

O governo de Corazon Aquino anunciou que vai encerrar um dos maiores jornais das Filipinas, numa decisão denunciada pelos seus trabalhadores como «um assalto à liberdade de imprensa». Segundo o governo, o encerramento do «Philippines Daily Express» terá lugar no fim do mês. O proprietário do jornal é um dos principais associados do ex-presidente Ferdinand Marcos.

## Remodelações no PC Chinês?

A crise política provocada na China pelas recentes manifestações de estudantes pode provocar a queda do actual secretário-geral do PC chinês, comentaram fontes diplomáticas ocidentais em Pequim. Hu Yaobang anulou a entrevista prevista para ontem com o secretário-geral do Partido Liberal Democrático Japonês, alegando «cansaço».

Yaobang foi visto em público, pela última vez, a 28 de Dezembro, quando recebeu a visita do líder do Partido Socialista francês.

## Manifestação contra euromísseis

Cerca de vinte juizes e funcionários alemães de ambos os sexos foram ontem detidos em Mutlangen pela polícia, após o primeiro bloqueio protagonizado pelos funcionários da justiça contra os euromísseis norte-americanos estacionados em solo da Alemanha Federal. Suportando temperaturas de 20 graus negativos, os manifestantes bloquearam durante duas horas os acessos por estrada à base norte-americana de Mugkangen.



## Exemplo perpetuado



Os dirigentes do FC Porto quiseram, de forma louvável, perpetuar o nome do nosso malogrado companheiro de ofício Manuel Fernandes, ao proceder à colocação de uma foto do «Manel» nas instalações das Antas quando no exercício da profissão, que tanto prestigiou, entrevistava o presidente Jorge Nuno Pinto da Costa. «Do homem e do profissional que foi Manuel Fernandes, guardamos na nossa memória colectiva o seu exemplo. Janeiro de 87». Esta a legenda evocativa que evidencia a grandeza de um homem que ainda teve tempo para criar tanta amizade e semear tanto prestígio. Dele ficou o exemplo e a saudade.

## O testemunho da intranquilidade



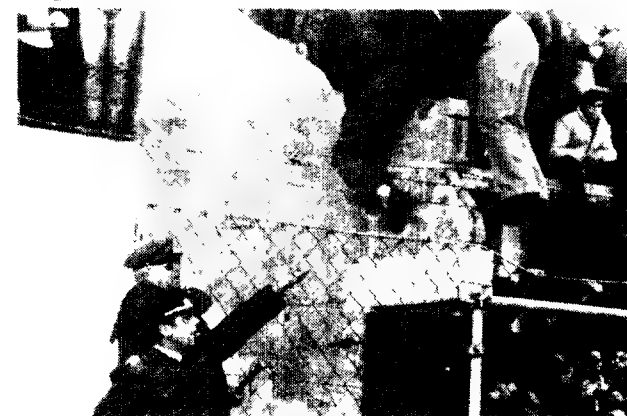
Ao ser chamado a render João Alves no comando do futebol boavistense, José Torres entra no Bessa com alguma intranquilidade e no final do encontro frente ao Farense esse sentimento ficaria redobrado, já que os seus comandados consentiram que os «brasileiros de Faro» amealhassem o primeiro ponto fora do S. Luís. Torres tem agora 15 dias para corrigir hiatos e mobilizar a confiança até à deslocação a Portimão no dia 25 do corrente.

## Mascote ao alto



Os futebolistas do Varzim não dispensam a presença da sua mascote, e, no final do prélio frente ao líder do campeonato, ergueram-na bem ao alto num gesto de satisfação por mais um bom resultado. Em «casa» mandam eles (seis vitórias e dois empates) e na tabela geral, tem por companheiros de «sector» o «lendário» Belenenses e o «sensacional» Desportivo de Chaves somando 19 pontos (menos dois do que o 4.º classificado (Sporting). E não cremos que «aquilo» seja obra da mascote.

## Alpinistas na Póvoa



Há casos em que um indivíduo tem que recorrer ao engenho a à argúcia para conseguir atingir objectivos pontuais. É o caso destes dois adeptos do futebol que, desprezando o risco de levar umas pancadinhas com determinado «utensílio» que faz parte do espólio policial, mostraram as suas aptidões de alpinistas para melhor assistirem ao Varzim-Benfica.

## Desencanto poisa em Alvalade

# EQUIPA SEM FIO DE JOGO TÉCNICO NO FIO DA NAVALHA

A razão de descontentamento dos adeptos sportinguistas é fácil de identificar: quando no dia 24 de Agosto se deu início ao campeonato n.º 53, o Sporting figurava (como sempre) entre os candidatos ao título e decorridas 17 rondas esse sonho está desfeito, já que ocupa o modesto 4.º lugar distanciado 7 pontos do Benfica, 6 do V. Guimarães, e 5 do FC Porto; em 17 jogos consentiu cinco derrotas e três empates correspondendo aos 13 pontos cedidos; se, no seu reduto, apenas consentiu um «nulo» (no passado domingo perante o Rio Ave), nos encontros realizados fora de «casa» baqueou no Restelo, Chaves, Guimarães, Antas e na Madeira, tendo ainda ficado pelo empate no Bessa e em Vila do Conde.

E perante esta situação é natural que os associados e demais simpatizantes «leoninos» venham manifestando vigorosa contestação contra Manuel José, sabendo do reforço tido pelos dirigentes, em reforçar o plantel com futebolistas de elevada bítola técnica, como são os casos de Zinho, Negrete, João Luís, Marlon, Mário, Silvinho e Houtmam. Perante o «0-0» do passado domingo logo seguido de duas derrotas (Guimarães e Chaves), os sportinguistas até terão passado ao esquecimento o gozo tido no dia 14 de Dezembro quando «cilindraram» os seus rivais da Luz por histórica marca de 7-1.

Os apupos escutados por Manuel José no passado domingo constituíram motivo bastante para os dirigentes do executivo reunirem para analisar a situação e, segundo informações que nos chegam, existe quem defenda urgente «mexida» nos comandos técnicos, com Manuel José a ser coadjuvado no «fio da navalha» por não se ver qualquer «fio de jogo».

### Álvaro entre os «seabrinhas»?

Segundo consta, o dr. Rui Seabra estará na disposição de convocar o benfiquista Álvaro para os treinos que irão anteceder o encontro (de preparação) com a Bélgica marcado para o dia 4 de Fevereiro. Trata-se da primeira convocação do único «arrepentido», depois de haver anunciado a sua disponibilidade para regressar à selecção, «mandando às urtigas» o pacto colectivo estabelecido pelos 22 «mexicanos».

### Adão e Celestino no hospital

O boavistense Adão foi ontem operado no Hospital de Santa Maria (Porto) pelo dr. Espregueira Mendes, enquanto o flaviense Celestino já se encontra

no quarto n.º 17 do mesmo estabelecimento hospitalar pronto para a intervenção do mesmo clínico marcada para amanhã.

Adão foi operado ao tendão de Aquiles e Celestino (que acusa o bracarense Nelito de ter sido maldoso na jogada em que saiu lesionado) será submetido a operação semelhante a Jaime Pacheco (lesão dos ligamentos cruzados do joelho direito). Os diagnósticos apontam para a pa-

ragem de 3 meses (Adão) e cinco (Celestino).

### Guina no Belenenses

Segundo o presidente do CF Belenenses, o futebolista brasileiro Guina, ao serviço do Múrcia (Espanha), já terá assinado contrato com a colectividade do Restelo. Ao mesmo tempo prosseguem as negociações com Alemão, constando também que Dudu possa reingressar em Belém.

### Confirmado: Portugal-Bélgica será em Braga

A Federação Portuguesa de Futebol decidiu marcar definitivamente para o Estádio Primeiro de Maio, em Braga, o encontro Portugal - Bélgica, de preparação para o «Europeu».

O jogo, que serve de preparação para o encontro oficial com a Itália, disputa-se às 20 horas de 4 de Fevereiro, mais cedo que o habitual, a fim de possibilitar a sua transmissão em directo para a

Televisão belga, sendo de admitir que, à semelhança do recente encontro com a Grécia, a RTP nos ofereça um «brinde».

### Seleccção búlgara no Algarve

O Olhanense vai aproveitar o estágio que a selecção búlgara de futebol efectua no Algarve para disputar quinta-feira, no seu estádio, um jogo particular.

### Selacção da Guiné em bom ritmo

A selecção da Guiné-Bissau, orientada pelo técnico português Manuel de Oliveira, venceu a equipa do Udib por 1-0 em jogo-treino de preparação para a taça «Amílcar Cabral», a disputar em Fevereiro, em Conacri.

A selecção guineense continua a ter dificuldades no entrosamento da defesa, mas Manuel de Oliveira disse que «está já a responder positivamente».



## SPORT LISBOA E BENFICA - ROYAL SPORTING CLUB ANDERLECHT

JOGO PARTICULAR  
14 DE JANEIRO DE 1987  
ÀS 21.00 HORAS

NO ESTÁDIO DO BENFICA

### PREÇO DE BILHETES

|                                            |           |
|--------------------------------------------|-----------|
| BANCADA POENTE CENTRAL COBERTA .....       | 1 500\$00 |
| BANCADA POENTE/NORTE LATERAL COBERTA ..... | 900\$00   |
| BANCADA POENTE/SUL LATERAL COBERTA .....   | 900\$00   |
| BANCADA POENTE CENTRAL DESCOBERTA .....    | 1 200\$00 |
| BANCADA TOPO NORTE COBERTA .....           | 700\$00   |
| BANCADA TOPO SUL COBERTA .....             | 700\$00   |
| CAMAROTES TOPO NORTE (por pessoa) .....    | 800\$00   |
| CAMAROTES TOPO SUL (por pessoa) .....      | 800\$00   |
| SUPERIOR CENTRAL NASCENTE E POENTE .....   | 600\$00   |
| SUPERIOR SUL (3.º ANEL) .....              | 500\$00   |
| GERAL (3.º ANEL NORTE) .....               | 350\$00   |
| SENHAS DE CAMAROTE .....                   | 1 200\$00 |
| BILHETES DE SÓCIO .....                    | 300\$00   |

Os bilhetes estão à venda na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica (Rua Jardim do Regedor, 9-1.º), das 9.30 às 12.00 e das 14.00 às 20.00 horas, e nas bilheteiras do Pavilhão Polivalente N.º 2, na Luz, das 9.00 às 20.00 horas, a partir de 12 do corrente.

No dia do jogo as bilheteiras da Secretaria encerrarão às 18.00 horas.

Chama-se a atenção do público para o facto de, naquele dia, só se encontram abertas, no Estádio, as bilheteiras do exterior.

Nota: Os cobradores do Benfica estarão no Estádio, no dia do jogo, a partir das 15.00.

### Isabel Maria Curates Moita Geóloga

Faleceu ontem. O funeral realiza-se amanhã às 10h da Igreja de St.º António do Estoril para o cemitério da Galiza (S. João do Estoril).



Com Ingrid Bergman — «Casablanca»

## HUMPHREY BOGART (2)

# Uma pessoa amável, modesta e grata

Ellen Shelton

**H**UMPHREY Bogart ascendeu ao mundo do teatro sem saber particularmente muito acerca do assunto. No início, e graças a um amigo, trabalhou como aprendiz de gerente devido aos inúmeros fracassos para encontrar um emprego mais respeitável. Em pouco tempo, subiu ao palco, no entanto, o percurso até ao êxito foi longo e doloroso.

**B**OGART consolidou-se como actor durante os anos de maior esplendor da Broadway, no entanto, quando a partir da inauguração do cinema sonoro em Outubro de 1927, Hollywood começou a pedir novos intérpretes, ele manter-se-ia relegado por vários anos.

## A floresta petrificada

Os principais actores que deram vida ao «gangster» do cinema foram James Cagney, Edward G. Robinson e George Raft, os quais também se tinham iniciado no teatro nova-iorquino. Bogart, embora não tivesse sido excluído, só era chamado para desempenhar papéis pouco relevantes chegando ao décimo lugar na distribuição.

Até conseguir o seu papel no filme **A Floresta Petrificada** (1935), que aliás alterou radicalmente a sua carreira cinematográfica, Bogart passara 14 anos a fazer teatro que nunca o levava a parte alguma. Contudo, o actor, que era já um perito e conhecia muito bem a sua profissão, aproveitou a oportunidade dada pelo cinema, chegando a rodar sete filmes num único ano.

«Quando o mau da fita — confessou a certa altura Humphrey Bogart aos seus amigos — cheio de crimes e amargura, passa a mão pelas suas feridas e fala da morte com voz grave, o público é seu, pertence-lhe inteiramente.»

O que mais atraiu em Bogart talvez tenha sido o facto de, na realidade, por trás do seu apurmo, frieza e desprezo notórios, existir uma pessoa amável, modesta e grata. Claro que não era qualquer um que podia transpor a barreira e conhecer o mito («Eu sou a única causa que me interessa», afirmou Bogart em **Casablanca**), mas só a cómica ocorrência de baptizar a sua filha com o nome de um actor seu amigo, o retrata perfeitamente.

**«Pode ser que goste de álcool, mas ao menos sei fazer o meu trabalho»**

A única filha de Bogart, o qual antes tivera um filho a que dera o nome de Stephen Humphrey, foi baptizada Leslie Howard em homenagem ao grande actor inglês pela ajuda que este lhe havia dado. Eles tinham actuado juntos na peça teatral **A Floresta Petrificada**, e quando a Warner adquiriu os direitos cinematográficos, contratou apenas



Bogart, Audrey Hepburn e William Holden — «Sabrina»

Leslie Howard, sendo o papel de Bogart atribuído a Edward G. Robinson. Ao tomar conhecimento do sucedido, Howard enviou um telegrama à produtora, ultimando a que não contassem com ele se Bogart não fosse contratado; desta forma, foi possível curar o actor de uma bebedeira de vários dias.

«Pode ser que goste de álcool — afirmou Bogart em plena fama — mas ao menos sei fazer o meu trabalho. Se cheguei a algum sítio não foi por ter uma cara bonita nem por manter relações diplomáticas.»

Poucas coisas irritavam tanto Bogart como ter de repetir inúmeras vezes a mesma cena por causa de colegas inexperientes. Tal sucedeu quando trabalhou com Audrey Hepburn em **Sabrina** (1954). Bogart estava exasperado e não colaborava demasiado perante a inse-

gurança daquela bailarina que um ano antes triunfara no cinema.

Pouco tempo após ter concluído as filmagens, um jornalista perguntou ao grande actor: «o que acha dessa rapariga de sonho?» Sem dissimular o evidente mau humor, Bogart respondeu: «Não é má, se é que te agrada repetir a mesma cena trinta vezes.»

## Os protestos contra a produtora

A sua atitude rebelde e antiautoritária apontava para todas as direcções. Os executivos de Warner eram, frequentemente, o motivo da ira de Bogart, sobretudo devido aos papéis que lhe atribuíam. Humphrey Bogart estava preparado para fazer comédia, género em que se havia especializado numa série de peças que representara na

Broadway nos anos 20, contudo, os produtores encarregavam-se de lhe atribuir uma determinada linha interpretativa por motivos exclusivamente comerciais.

Os conflitos das estrelas com a Warner eram frequentes, mas enquanto que os outros adoptavam formas de protesto legais, ou faziam declarações à imprensa, Bogie pendia para formas de protesto menos ortodoxas. Certa vez, quando se achava em pleno apogeu, Bogie deambulou pelos estúdios durante uma hora, montado numa bicicleta com um pijama aos farrapos.

Outra forma de protesto era a de não cumprir com as exigências que a Warner lhe tinha feito acerca da sua calvície prematura. A súbita perda de cabelo que Bogart sofreu após passar a barreira dos 40 anos, causara sérias preocupa-

ções à produtora, daí que esta lhe ordenasse para que, sempre que se apresentasse em público, usasse um chinó. Não é sequer necessário referir que o actor, com o ar cansado e desiludido como era seu estilo, também aparecia em público com a cabeça descoberta revelando o que lhe estava a acontecer.

Em 1941, John Huston resgatou Humphrey Bogart — **O Falcão de Malta e A Rainha Africana** — da mediocridade a que a Warner o havia submetido. Dez anos mais tarde, o resgate voltou a repetir-se pois apesar de a sua própria companhia, **Santana Productions**, o ter feito milionário, Bogie atastou-se dela por considerar que não lhe tinha oferecido nada artisticamente valorizante.

**Amanhã: quatro esposas, todas actrizes**

|              | T. 7 h | Min. | Prec As 6 h.   |
|--------------|--------|------|----------------|
| Bragança     | 4      | 0    | 0,0 Chuva      |
| V. Castelo   | 9      | 9    | 0,0 Chuva      |
| Vila Real    | 5      | 5    | 0,0 Aguaceiros |
| P. Dourado   | 9      | 9    | 0,0 Chuva      |
| Coimbra      | 10     | 8    | 0,0 Aguaceiros |
| C. Carvoeiro | 11     | 10   | 0,0 Muito nub  |
| C. Branco    |        | -    | 0,0            |
| Portalegre   | 6      | 6    | 0,0 Nevoeiro   |
| Leiria       | 11     | 10   | 0,0 Chuva      |
| Évora        | 9      | 8    | 0,0 Muito nub  |
| Beja         | 9      | 8    | 0,0 Muito nub  |
| Faro         | 15     | 10   | 0,0 Muito nub  |
| Sagres       | 15     | 12   | 0,0 Muito nub. |
| P. Delgadão  | 12     | 11   | 0,0 Muito nub  |
| Funchal      | 15     | 15   | 0,0 Muito nub  |

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 13, Porto 12, Faro 15, Ponta Delgada 16, Funchal 18.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

## NA EUROPA

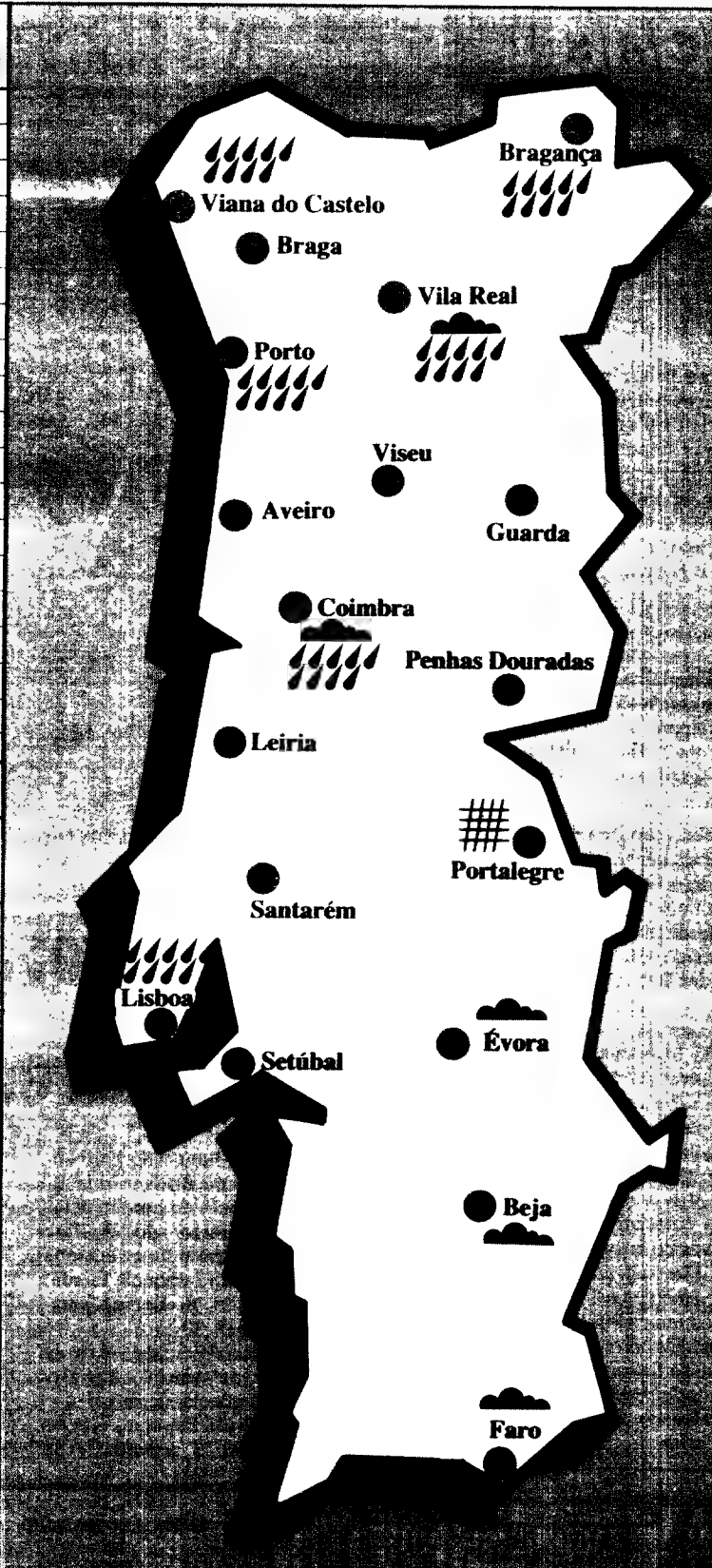
|           | T. 7 h | Min. | As 13 h.   |
|-----------|--------|------|------------|
| Madrid    | 4      | 2    | Chuvoso    |
| Londres   | -9     | -9   | Muito nub  |
| Paris     | -12    | -12  | Limpo      |
| Bruxelas  | -13    | -14  | Neve       |
| Amsterd.  | -8     | -8   | Neve       |
| Genebra   | -12    | -13  | Neve       |
| Roma      | 6      | 6    | Chuva      |
| Oslo      | -15    | -21  | Limpo      |
| Copenhaga | -12    | -13  | Temp. Neve |
| Estocolmo | -22    | -2   | Limpo      |
| Berlim    | -20    | -20  | Neblina    |
| Viena     | -21    | -21  | Neblina    |
| Berna     | -17    | -17  | Neblina    |
| Paris     | 9      | 8    | Pouco nub  |
| Bruxelas  | -19    | -2   | Neve forte |

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

## NOMUNDO

|           | Min. | Máx. | As 13 h. |
|-----------|------|------|----------|
| Oslo      | 17   | 27   | Nublado  |
| Estocolmo | 14   | 25   | Limpo    |
| Bruxelas  | 10   | 27   | Nublado  |
| Paris     | -5   | -2   | Nevoeiro |
| Bruxelas  | 11   | 19   | Nublado  |
| Amsterd.  | 3    | 5    | Limpo    |
| Genebra   | 22   | 37   | Limpo    |
| Roma      | 5    | 9    | Nublado  |
| Madrid    | 19   | 30   | Nublado  |
| Lisboa    | 0    | 4    | Nublado  |

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



## TEMPO

### HOJE

#### No continente:

Céu muito nublado, apresentando abertas a partir da tarde. Vento forte de sudoeste, por vezes com rajadas e rodando para noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva e aguaceiros. Queda de neve nas terras altas. Possibilidade de trovoadas, pequena descida de temperatura.

#### Estado do mar:

**Costa Ocidental:** Mar grosso a alteroso. Ondulação noroeste 4 a 5 metros.

**Costa Sul:** Mar cavado a grosso. Ondulação sudoeste, 3 a 5 metros.

#### Nos Açores:

Céu muito nublado ou encoberto. Vento de noroeste muito fresco ou forte rodando para sudoeste. Períodos de chuva.

**Estado do mar:** Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros.

#### Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste, soprando por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros e pequena descida da temperatura.

**Estado do mar:** Mar cavado. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros sendo de sudoeste de um a dois metros na costa Sul.

### AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste. Aguaceiros, em especial nas regiões do Norte e que serão de neve nas terras altas, descidas de temperatura.

### DEPOIS

Céu pouco nublado tornando-se muito nublado nas regiões do Centro e Sul onde ocorrerão períodos de chuva. Vento geralmente fraco.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

# O SENTIDO DO TACTO

Portugal, Alves Pires

São umas quantas medalhas de **Hélder Batista**, lá, nas vitrines e uma vontade enorme de as pegar, de as acariciar, de as sentir em peso, em volume. Os modelados suaves ou as incisões nítidas, o peso que supomos, todo um conjunto de sensações que sabemos que elas nos têm para dar. O sentir

táctil, aquele sentir que em arte nos é sistematicamente negado, aqui sabemos que ele é possível. E é verdade: o tacto é banido das sensações possíveis do objecto artístico. O contacto físico é-nos sonogado. Privam-nos de sentir com a pele. Por educação ou hábito, mesmo nas peças que são nossas não

tocamos.

Com as medalhas, não. Elas estão à distância da mão. E então estas, se são convidativas! Tal como as vi, a luz escorrega por imperceptíveis relevos, que se afirmam e se quebram repentinamente e tudo se joga entre superfícies duma grande sensualidade e quebras ou mudanças de planos que estruturam e definem o conjunto.

A luz escorrega pelas superfícies, fica presa e ressalta nos relevos. E tudo se organiza perfeito dentro da forma circular da medalha. Mesmo o prosaico carril de comboio atravessa o círculo como se sempre o tivesse feito e declara a força da luz-sombra-luz-sombra como sendo essa a realidade mais imperativa.

As medalhas são sempre medalhas para. Simplesmente, não senti a necessidade de o saber. Não sei o que comemoram ou o que anunciam. Não precisei. Bastaram-me enquanto tal.

Doutro modo se deve falar dos relevos de **Hélder Batista**. Quase se poderia dizer que são irmãos das suas medalhas, mas a escala, a matéria, a policromia tudo mudaram. Muitos deles ainda se inscrevem num limite definido. Alguns deles, em fotografia aproximam-se das suas medalhas, mas só em fotografia. Na realidade corporizam-se de modo bem diferente, ganhando os planos uma aparente casualidade que colocam estas obras nos gestos breves do artista que eterniza o momento. Eles sugerem objectos, tapados ou emergentes, duma massa (com ritmos marcados) que se contrai ou distende. Eles dizem que era assim e que assim se fossilizou o momento.

Trabalhos de Hélder Batista a ver na Livraria do Estado, Rua Marquês Sá da Bandeira, 16-A.



## Welfare State: conferências em Lisboa

Por iniciativa da Fundação Gulbenkian e com o apoio do British Council, começa hoje um ciclo de conferências por John Fox, director do Welfare State, as quais decorrem hoje, amanhã e depois no Auditório 3 daquela Fundação (entrada pela Av. de Berna), sempre com início às 18,30.

O título genérico do ciclo é «Arte da Celebração e Transformação Social». A primeira conferência desenvolve o tema «Mito e Cultura Popular — Perspectiva Histórica»; a segunda «Um

Modelo de Teatro Celebrativo nos Anos 80» e a última, «Anos 2000 — Proposta para uma Nova Cultura Popular».

Estas conferências destinam-se a elucidar o público português sobre os motivos intrínsecos da filosofia e prática da companhia inglesa de teatro Welfare State, que realizará em Portugal, em Março e Abril, o «Atelier da Primavera», com artistas portugueses, tendo em vista o lançamento de novas formas de teatro popular no nosso país. O acesso às conferências é livre.

## A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA  
RESERVAS: 686300

UMA PEÇA SOBRE A  
POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE  
TEM DE SER  
ENGARÇADA!

## OS POLÍCIAS

3.º MÊS

Atenção: Só até dia 31 de Janeiro impreterivelmente

com  
António Gomes, João Azevedo  
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a 5.ª h. - 21.30 h  
5.ª h., Dom. - 16 h

1.ª e 4.ª Feir. — Descontos de 50% para jovens e estudantes.  
Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: **HELDER COSTA**

«O diabinho da mão furada» estreia em Março no Teatro Nacional D. Maria II (Sala Experimental)

## COMUNA

TEATRO DE PESQUISA  
PRAÇA DE ESPANHA • T. 728 88 18

TEXTO DE ROGER VITRAC  
M/12 A



APOIO - F. GULBENKIAN - A. FRANÇAISE

BRAZ E BRAZ • SECLA - FAIANÇA • R. COMERCIAL

HOJE  
21,30 h

DOMINGO  
17 h

\*VEJA  
TEATRO  
A PREÇOS  
REDUZIDOS  
\*TERÇA  
\*QUARTA  
\*E QUINTA  
PREÇO  
UNICO:  
\* 200.00

SUB SEC

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

## TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

11.º Juízo  
1.ª Secção  
Proc.º 335/A/85  
Exec. Sentença

O Doutor Manuel Nunes Ferreira,  
Juiz do 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que pela 1.ª Secção do Tribunal de Trabalho de Lisboa correm termos uns autos de execução de sentença em que é exequente José Manuel Castro da Silva, residente na Travessa do Chafariz, Lote 9-2.º Dt.º Retaguarda — Sacavém, e executado Jorge Cardoso — Sociedade de Equipamentos Electromecânicos, Lda., com sede na Rua da Guiné — Prior Velho, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, fôr o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzirem os seus direitos nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código Processo Civil. Lisboa, 19 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito  
(Assinatura Illegível)  
O Escrivão  
(Assinatura Illegível)

«DL» 13/1/87 — 1.ª Pub.

## TRIBUNAL DO TRABALHO DE TOMAR ANÚNCIO

Execução de sentença n.º 31/86  
Exequente: Arminda de Jesus Maurício Lopes, residente em Cova da Trilva — Fátima.

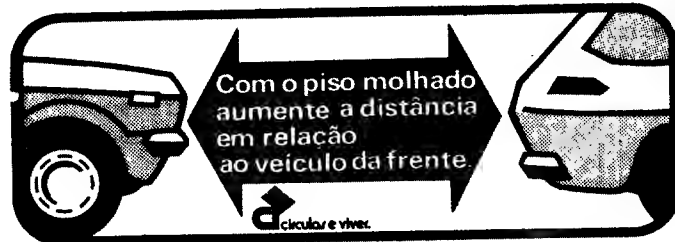
Executados: Durinda Martins da Cruz Arcaño e marido Jorge Canas Arcaño, residentes na Rua D.ª Estefânia, n.º 121-A em Lisboa.

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio.

Tomar, 5 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito  
a) José da Conceição Afonso  
O Escrivão Adjunto  
a) Manuel Loureiro Pereira

«DL» — 13/1/87 — 1.ª Pub.





«Chili-Chala, o Mágico», do húngaro Gyorgy Palásthy (1969)

Em Tomar, com início dia 26

## Festival de Cinema para a Infância e Juventude

«**S**INCERO grito de cólera contra os horrores da guerra, cujas primeiras vítimas são as crianças» — estas são as palavras escolhidas por Georges Sadoul, na sua História do Cinematográfico, para se referir ao filme «Em Qualquer Parte da Europa», realizado em 1947 por Géza Radványi e que abrirá a Retrospectiva do Cinema húngaro, a apresentar no 8.º Festival Internacional de Cinema para a Infância e Juventude de Tomar, que se vai realizar de 26 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 1987.

De um país muito semelhante ao nosso, quanto à sua extensão geográfica e número de habitantes, irão ser apresentadas quinze longas metragens, produzidas entre 1947 e 1985, dirigidas às crianças e adolescentes, e que nos irão revelar uma faceta do cinema húngaro ainda desconhecida entre nós.

Para além do filme de Radványi, poderemos acompanhar a pesquisa e o esforço desenvolvidos pelos cineastas húngaros, com o objectivo de captar as audiências juvenis. De László Ránódy serão dadas a conhecer quatro películas, produzidas entre 1960 e 1980: «Sê Bom Até à Morte», «O Papagaio de Papel Dourado», «Filha de Ninguém» e «Eu Sonho com Cores». De János Rózsa serão exibidos «Caretas» (1965), «País de Domingo» (1979) e «Masquete» (1981).

«Chá-Cha» (1981), a primeira longa metragem de János Kovács, uti-

liza a sátira social para uma abordagem, ao mesmo tempo terna e jocosa da juventude, na Hungria dos anos sessenta.

A diversidade de opções estéticas e formais, a que os realizadores húngaros têm recorrido para chegar junto dos mais novos, estão bem patentes nos restantes filmes desta retrospectiva. «Chili-Chala, o Mágico» e «Família Estovada», ambos de Gyorgy Palásthy ou «O Regador Cor de Laranja», de Kezdi Kovacs, debruçam-se sobre o imaginário infantil, com humor e alegria; «Aventura de Patos» de András Sólyom, que nos transporta ao maravilhoso dos contos de fadas; «Mathieu, o Astucioso» de Attila Dargay, um clássico do desenho animado para crianças e, a finalizar, «Amor Até à Primeira Ferida» de Gyorgy Dobray e Péter Horváth, que aborda os problemas de um jovem, quando deixa a adolescência para entrar no mundo dos adultos.

Com paz, festa e folclore

## Jovens soviéticos 2 dias em Lisboa

Nos próximos dias 19 e 20 passa por Lisboa o navio soviético «Latvia» trazendo a bordo um numeroso grupo de jovens de diversas regiões da União Soviética — operários, empregados, engenheiros, médicos, estudantes, desportistas, professores, etc., de Moscovo, Leninegrado, Kalinin, Ucrânia, Moldávia, região de Orlov, Turquemenia, região de Kirov, Casaquistão, região de Kuibichev.

Entre os jovens da URSS encontra-se o grupo de danças e cantares da Escola Técnica da região de Kirov «DIMKA». Este grupo folclórico, que já se exibiu em vários países (França, Jugoslávia, Argélia, Inglaterra, RFA, RDPC Coreia, entre outros) poderá ser visto numa festa de confraternização entre os jovens

soviéticos e portugueses, que terá lugar na Casa do Alentejo, às 21 horas do dia 19 de Janeiro, promovida pelo Departamento Juvenil da Associação Portugal-URSS.

Haverá música russa, bielorrussa, moldava, ucraniana e doutros povos da URSS e, como não pode deixar de ser, numa confraternização entre jovens dos dois países, música e canções de Portugal.

Numa época em que se torna cada vez mais necessária a aproximação e a compreensão entre os povos para construir um mundo de paz, os jovens portugueses não deixarão de se associar à saudação amiga aos passageiros do Congresso da Paz vindo da URSS. A entrada é livre.

## LETRA RASGADA

# RETRATO DO ARTISTA EM JOVEM EFEBO

Ernesto Sampaio

Quando baptizámos esta coluna com a expressão «Letra Corrida», não nos ocorreu que a mesma designação tem servido de antetítulo a pequenos apontamentos quinzenais assinados por Botelho da Silva no «Diário Popular». As nossas desculpas, portanto. Vamos re-baptizar a prosa e passar a chamar-lhe «Letra Rasgada», que é a letra grande e traçada com firmeza, na esperança de que esteja vaga a denominação escolhida.

Para reinaugurar esta secção, apaz-nos falar hoje de uma pequena obra-prima que passou, como é infelizmente natural, pouco menos que despercebida do nosso meio dito «literário». Trata-se de *O Retrato do Sr. W. H.*, de Oscar Wilde, há tempos publicado nas edições «& Etc.» com tradução e prefácio de André Fernandes.

Em Maio de 1895, Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados por crime sexual: tinha cometido a imprudência de escrever centenas de cartas inflamadas a lorde Alfredo Douglas, seu jovem amante. Os sentimentos do escritor para com o belo ingrato acabaram por desencadear as fúrias da justiça britânica, atizadas pelo cheiro a enxofre exalado por *O Retrato do Sr. W. H. Aterrador* pelo culto suspeito da beleza física, o puritanismo mais uma vez se refugia na estupidez para excluir e condenar.

A história do ignóbil processo tornará mais explícito o interesse deste documento que finalmente, após uma longa excomunhão, podemos ler na íntegra. «Perdido» quando do leilão que se seguiu à condenação de Wilde, o manuscrito de *O Retrato do Sr. W. H.* veio a ser encontrado e publicado discretamente nos Estados Unidos, corria os anos vinte.

O estranho destino do texto deve-se talvez à espécie de loucura mansa que o invade. Trata-se de um projecto insensato: as personagens, jovens cultos que passaram por Oxford e Cambridge, partem febrilmente à procura da identi-

dade, oculta sob as iniciais W. H., do desconhecido a quem foi dedicado esse longo cântico de amor que são os *Sonetos* de Shakespeare. Tanto afã só se explica, em boa verdade, pelo gosto de fazer sair da sombra um desses adoráveis Narcisos pestanudos...

Shakespeare tem sido glosado em todos os registos. Inventaram-lhe estados civis fantasistas, engolidos pelos pântanos insondáveis da história. Bem vistas as coisas, pode ter acontecido que um tal William Shakespeare tenha escrito as obras-primas de Shakespeare, e também se aceita que o sr. W. H. haja episodicamente afivelado as máscaras de Henry Wriothesley, William Hamond, Henry Willobie, William Herbert, sir William Harvey ou do próprio Shakespeare, que se teria designado sob o irónico pseudónimo de *William Himself*...

Ao pretender que Shakespeare dedicou os seus sonetos amorosos a um tal Willie Hughes, Wilde obedece às razões subterrâneas do artista e do amante: a sua análise maníaca, meticulosa, serve-lhe de pretexto para evocar as silhuetas graciosas dos adolescentes que interpretavam os papéis femininos na cena isabelina: «*Daqueles lábios tão bem pintados saíam o grito apaixonado de Julieta, o riso cristalino de Beatriz, as palavras floridas de Perdita e o canto alucinado de Ofélia.*»

É um facto o fascínio de Shakespeare pela ambiguidade dos sexos, que constitui um dos grandes mecanismos dramáticos das suas peças, onde são inúmeras as donzelas que se mascaram de pagens ou escudeiros.

A «teoria Willie Hughes» possui o mérito de estabelecer uma relação precisa entre a produção dramática e a poesia de Shakespeare. Se examinarmos os sonetos em pormenor, a sua lógica é inatacável, embora parta de uma hipótese absolutamente gratuita: nenhum documento da época menciona a existência de um actor chamado Willie Hughes. Mais grave ainda: o signatário da dedicatória nem sequer é Shakespeare, mas o seu editor, Thomas Thorpe. Toda esta arquitectura refinada assenta numa maravilhosa nuvem,



Oscar Wilde em 1875

como se o poeta pretendesse enganar-se a si próprio e Wilde consentisse nisso com tanto encanto que aos leitores só resta anuir à sua fantasia.

Sinuosa, a narrativa é um subtil jogo de espelhos. Os investigadores passam uns aos outros a «fé» em Willie Hughes como se se tratasse de um precioso e perigoso fardo. Para fornecer a prova mítica da existência do actor, uma das personagens, Cyril Graham, não hesita em mandar pintar um falso retrato que representa Hughes com a mão apoiada sobre um exemplar dos «Sonetos». Estes amantes entusiastas acham que a verdade só pode ter as feições da sua paixão. «*Ainda que falso, é verdadeiro...*»

O jogo prolonga-se na vida de forma perturbadora; conta-se que lorde Alfredo Douglas, o amante de Wilde, afirmava, alguns anos após a morte do escritor, ter descoberto nos arquivos de Canterbury a prova «irrefutável» da existência de Willie Hughes. Depois disto, é difícil negar a estranha semelhança de lorde Douglas com Cyril Graham, Dorian Gray ou mesmo Willie Hughes... Ao esboçar o retrato do sr. W. H., era a imagem de lorde Alfredo Douglas que Oscar Wilde tinha diante dos olhos.

Wilde, Shakespeare, dois extraordinários habitantes do país fora da lei dos amores proibidos.



Wilde com lord Chamberlain, numa gravura da época

## UMA COLECTIVA NO CASINO ESTORIL

Agora que «já gosta de exposições», sugerimos-lhe uma visita na Galeria de Arte do Casino Estoril, à colectiva de pintura com obras dos seguintes autores: Araújo Soares, Armando Anjos, Carlos Abecassis, Correia Pinto, Joseph Cave, Diane Gilhan, Eduardo Alarcão, Fernando Silva Ferreira, Gonzalez Bravo, Jaime Isidoro, Leopoldo Batalha, Maria Luísa Afonso, Paulo Ossião, Real Bordalo e Rui Pinto.

Esta exposição reúne autores de grande craveira e artistas plásticos mais jovens e menos divulgados num confronto que se deseja saudável dentro dos parâmetros da paisagem e da figuração portuguesa, respondendo, assim, à heterogeneidade do público visitante e enveredando, desta vez, por uma linguagem estética acessível sem perda da qualidade que tem sido timbre da Galeria de Arte do Casino Estoril.

Da pintura forte de um Joseph Cave ao lirismo das aquarelas de Jaime Isidoro passando pela novidade da Arte de Paulo Ossião, pelas formas muito pessoais de Eduardo Alarcão, pela austeridade de Real Bordalo, a força de Gonzalez Bravo, o rigor de Diane, a segurança e a qualidade técnica de Correia Pinto ou a vivacidade de Maria Luísa Afonso, Rui Pinto, Araújo Soares e Armando Anjos, de tudo se pode ver um pouco nesta exposição que, focando as mais diversas atitudes estéticas tem a preocupação de reunir com harmonia, algumas das principais vertentes da arte contemporânea que renunciou à rotura para dilatar, junto do observador, a comunicação plástica coerente com os seus autores.

Esta «mostra» poderá ser visitada das 15 às 24 horas de todos os dias, até 28 de Janeiro de 1987.



Aspecto da Lisboa Antiga, de Eduardo Alarcão, na colectiva do Casino Estoril



Uma paisagem de João Hogan, na Galeria de S. Francisco

### EXPOSIÇÕES

- Na Galeria Novo Século - R. do Século, 23 - de segunda a sábado, Joalheria de Ana Silva e Sousa.
- No Clube 50 - R. de S. Mamede ao Caldas - Pintura de Albertina Sousa de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.
- Também no Clube 50, Ana Galvão expõe gravura no mesmo horário.
- Na Galeria «A Janela Verde», na R. do Olivai, 9, uma colectiva até meio do mês.
- Na Galeria Anabel - R. da Emenda, 111-2º - uma exposição de João Hogan. De segunda a sábado das 14 às 19.
- No Hotel Diplomático, uma colectiva de terça a domingo das 12 às 14,30 e das 18 às 22 horas.
- Na Casa da Imprensa - R. da Horta Seca - Pintura de Hugo Ferrão. De segunda a sexta das 10 às 20.
- No Museu de Etnologia - Av. Ilha da Madeira ao Restelo - «Painted Words» - trabalhos dos índios da América do Norte e «Índios da Amazônia» - a colecção do Museu sobre a vida e os

utensílios dos habitantes desta zona da América do Sul.

- Na Altamira - R. Filipe Folque, 48-A - Pintura de João Oom de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.
- Na Galeria de S. Francisco - R. Ivens, 40 - uma exposição com obras de João Hogan, Gil Teixeira Lopes, António Carmo, Bual, Cargaleiro, Chichorro, Espiga Pinto e Guilherme Parente, entre outros. Até ao fim do mês, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
- Na Galeria Multiface Arte - R. Sousa Lopes, Lote RS loja 65 - uma exposição

com óleos, guaches, serigrafias, esculturas e múltiplos de Francisco d'Almada (Simões).

- Na Galeria da Bertrand do Chiado, Nadir Afonso expõe Pintura.

- Desde sábado, na Pousada do Castelo de Palmela, patente uma exposição de Pintura de Ana Branca. Até 10 de Fevereiro.

- No Atelier 15 - R. Freitas Gazul, 24-D - a exposição «Retratos» de Abílio José Santos, Alberto Pimenta, Ana Hatherley, E. M. de Melo e Castro e Fernando Aguiar. No próximo dia 17, pelas 17 horas, será feito o lançamento do livro «Memórias de Hibakusha» e outros poemas de Antero de Alda apresentado por E. M. de Melo e Castro. A exposição está patente de segunda a sexta das 28 às 22, sábados das 15 às 19.

- Na FIL continua patente a «Exposição Retrospectiva do Turismo Português», comemorativa do jubileu do turismo em Portugal, com o apoio da Companhia de Seguros Império. Esta exposição pretende recordar o Congresso Internacional de Turismo, realizado em Lisboa em 12 de Maio de 1911, reunião que é considerada primórdio da actual



Uma máscara ritual dos índios Tapirapé, no Museu de Etnologia

Organização Mundial de Turismo.

- Na galeria de arte do Casino Estoril, uma colectiva de Pintura até 28 de Janeiro, todos os dias das 15 às 24 horas.

- Na Galeria Altamira - R. Filipe Folque, 48-A - uma exposição de Pintura de João Oom. Vai estar patente até 4 de Fevereiro, das 10 às 19 (de segunda a sexta) e das 10 às 13 aos sábados.

- No Alibi Bar, na Rua Francisco José Mota em Setúbal, uma exposição de Fotografia de José Morujão. Até 16 do corrente.

los Paulo, Carmen Marques, Cecília Sousa, entre outros.

- No Nacional D. Maria II, «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) com encenação de Carlos Avilez e interpretação de Rui de Carvalho, Igor Sampaio,

Fernanda Borsatti, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, António Anjos e José João Duarte.

- Teatro da Trindade : a Cornucópia tem em cena «A Mulher do Campo» de

### CINEMAS

- Na Cinemateca Portuguesa - R. Barata Salgueiro, 39 - prossegue hoje o ciclo (ontem iniciado) denominado «X Centenário de Raoul Walsh» com a exibição, às 21,30, do filme «Vidas Noturnas» com George Raft, Ann Sheridan, Humphrey Bogart e Ida Lupino. Cópia legendada em português. Ainda na Cinemateca, às 18,30, uma sessão em colaboração com o Centro de Estudos Judiciários com a projecção do filme «Os Filhos da Noite» de Nicholas Ray.

- No Forum Picoas, no prosseguimento do ciclo «Três Grandes Actrizes: Marilyn Monroe, Jane Fonda e Vanessa Redgrave», pode ver às 19 e 22 horas o filme «Das 9 às 5» de Colin Higgins, com Jane Fonda.

- No Instituto Franco-Português - R. Luís Bivar, 91 - o filme «India Song» de Marguerite Duras, às 21 horas.

- No Quarteto (sala 3), quase em fim de carreira, o filme de Martin Scorsese «Nova Iorque Fora de Horas». Muita atenção leitor: se ainda não viu, não perca.



Jane Fonda, hoje no Forum Picoas, em «Das 9 às 5»

### TEATROS

- Na Barraca - R. Alexandre Herculano, 70, de terça a sábado às 21,30, sábados e domingos às 16, a peça de Mrozek «Os Polícias», encenação de Helder Costa, com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.
- Na Comuna, «Victor ou as Crianças no Poder, de Roger Vitrac. Encenação de João Mota, com Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Car-

William Wycherley. Encenação de Luís Miguel Cintra, com Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria.

- No Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Cruzeiro do Estoril, o teatro Experimental de Cascais apresenta «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez e interpretação de João Paulo, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves e Luiz Riso, entre outros.

**Alfas Triplex**

— T. 806496

**Alfa 1**

**A MISSÃO**  
(m. 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa 2**

**RATO BASÍLIO**  
(m. 6 anos)  
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

**Alfa 3**

**TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 4**

**A DIFÍCIL ARTE DE AMAR**  
(m. 12 anos)  
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa Club**

**RAN — OS SENHORES DA GUERRA**  
(m. 12 anos)  
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

**QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**E.T. — O EXTRA TERRESTRE**  
(para todos)  
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

**RAN — OS SENHORES DA GUERRA**  
(m. 12 anos)  
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

**RATO BASÍLIO**  
(m. 6 anos)  
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**HOWARD E O DESTINO DO MUNDO**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

**A MISSÃO**  
(m. 6 anos)  
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Apolo 70**

**POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER**  
(maiores 12 anos)  
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**Avila**

— T. 539930

**PEGGY LUE CASOU-SE**  
(m. 12 anos)  
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

**Avis**

— T. 547163

**LOUCURA SEXUAL**  
(Int. 18 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Berna**

— T. 776098

**E.T. — O EXTRA TERRESTRE**  
(para todos)  
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

**Capitolio**

— T. 372358

**PROSTITUIÇÃO E DROGA**  
(Int. m. 18 anos)  
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

**Castil**

T. 530194

**ANA E AS SUAS IRMÃS**  
(m. 12 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Cinebloco**

— T. 556824

**POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER**  
(m. 12 anos)  
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h  
**VIVA DJANGO**  
(m. 16 anos)  
(24.00 h)

**Cinebolso**

**SEXO À TARDE**  
(Int. 18 anos)  
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

**Cine Camões**

T. 324194

**A CÂMARA SECRETA**  
(n/acons. men. 13 anos)  
14.15, 16.30 e 21.30 h

**Cine 222**

— T. 579460

**OS AMIGOS DE ALEX**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Cine Portela**

— T. 2524761

**DUELO IMORTAL**  
(m. 12 anos)  
16.00 e 21.45 h

**GRANDE HONRA**  
(m. 12 anos)  
15.30 e 21.30 h

**City Cine**

— T. 549999

**EMMANUELLE 4**  
(Int. m. 18 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h  
**O ENCONTRO**  
(m. 16 anos)  
23.45 h

**Condes**

— T. 322523

**ALIENS — O REENCONTRO FINAL**  
(m. 16 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Eden**

— T. 320768

**PRISÃO DE MULHERES**  
(Int. men 18 anos)  
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

**Estudio**

— T. 555134

**OS CARRASCOS NUNCA MORREM!**  
(m. 12 anos)  
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

**Estudio ACS**

**UM HOMEM E UMA MULHER VINTE ANOS DEPOIS**  
(m. 12 anos)  
15.30 e 21.30 h

**Estudio 444**

— T. 768078

**À VOLTA DA MEIA-NOITE**  
(m. 12 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Fonte Nova**

— T. 7145109

**HIGHLANDER — DUELO IMORTAL**  
(m. 12 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**A DIFÍCIL ARTE DE AMAR**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

**RATO BASÍLIO**  
(m. 6 anos)  
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

**Forum Picoas**

— T. 541037

**Das 9 às 5**  
(n/acons. a m. 13 anos)  
19.00 e 22.00 h

**Gemini**

— T. 734009

**RATO BASÍLIO**  
(m. 6 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

**Hollywood**

— T. 802859

**ALIENS — O RECONTRO FINAL**  
(m. 16 anos)  
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

**ANA E AS SUAS IRMÃS**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

**Imperio**

**OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER**  
(m. 12 anos)  
15.15, 18.30 e 21.30 h

**Las Vegas**

— T. 631162

**ALIENS — O REENCONTRO FINAL**  
(m. 12 anos)  
15.15, 18.30 e 21.30 h

**AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Londres**

— T. 801313

**AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM**  
(m. 12 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**Mundial**

— T. 538743

**A MISSÃO**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

**RAN — OS SENHORES DA GUERRA**  
(m. 12 anos)  
15, 18 e 21 h

**Nimas**

— T. 574362

**LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Onicon**

— T. 326283

**OS DESTRUIDORES IMPLACÁVEIS**  
(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**Olimpia**

T. 325309

**O DEBOCHE TOTAL**  
A partir das 14 horas  
Sessões contínuas  
(Int. men. 18 anos)

**Pathe**

— 821933

**NOITES ESCALDANTES**  
(m. 18 anos)  
14.00 e 21.30 h

**Politeama**

T. 326305

**EMMANUELLE 4**  
(Int. 18 anos)  
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

**Quarteto**

T. 771378

**BETTY BLUE — 27.º 2 DE MANHÃ**  
(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h  
**QUERELLE — UM PACTO COM O DIABO**  
(m. 16 anos)  
23.45 h

**À VOLTA DA MEIA-NOITE**  
(m. 12 anos)  
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h  
**O ESTADO DE GUERRA**  
24 h

**NOVA IORQUE FORA DE HORAS**  
(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h  
**IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER**  
(m. 16 anos)  
23.30 h

**Sala 4**

**O PASSAGEIRO DA NOITE**  
(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h  
**007 — OPERAÇÃO TENTÁCULO**  
(m. 16 anos)  
23.30 h

**Roma**

T. 889192

**PRISÃO DE MULHERES**  
(m. 18 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Roxy**

T. 548560

**A ESPADA DOS VALENTES**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**S. Jorge**

T. 579144

**Sala 1**

**A MISSÃO**  
(m. 12 anos)  
15.30, 18.30 e 21.15 h

**Sala 2**

**E.T. — O EXTRA TERRESTRE**  
(m. 6 anos)  
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

**Sala 3**

**HOWARD O DESTINO DO MUNDO**  
(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.45 h

**7.ª Arte**

— T. 730715

**PEGGY LUE CASOU-SE**  
(m. 12 anos)  
14.45, 17, 19.00, 21.45 e 23.45 h

**Star**

— T. 804210

**NOVE SEMANAS E MEIA**  
(m. 12 anos)  
15, 18.15 e 21.30 h

**Terminal**

— T. 371573

**OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER**  
(m. 6 anos)  
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

**Tivoli**

— T. 570595

**RATO BASÍLIO**  
(falado em português)  
(m. 6 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**Urim**

T. 706666

**O CARRO DE COMBATE**  
(m. 12 anos)  
15.00, 17.30 e 21.45 h

**Voxmaria**

— T. 880808

**OFICIAL E CAVALHEIRO**  
(m. 6 anos)  
15.30, 18.15 e 21 h

**Xenon**

T. 368480

**AS AVENTURAS DE JACK BURTON**  
(m. 16 anos)  
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

**Zodiaco**

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos  
(m. 13 anos)  
15.15, 18.15 e 21.30 h

**Linha de Sintra**

**AMADORA — Cineteatro**  
«Kalidos — a lenda talismã», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**AMADORA — Cinestúdio**  
«Invasão U.S.A.», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

**AMADORA — Babilónia**  
«Lembras-te da última Noite», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (m. 6 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flores**  
«Um vagabundo na alta roda», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos)

**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby**  
«A Missão», às 21.30 h (m. 12 anos)

**SANTO ANTONIO DOS CAVALHEIROS — Cine St.º António**  
«Banana Joe», às 21.30 h (m. 16 anos)

**Linha de Cascais**

**ESTORIL — Casino Estoril**  
«Howard e o destino do mundo», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

**ALGES — Cinema 2000**  
«Jackals, o Mensageiro da vingança», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**OEIRAS — Alto da Barra**  
«Sala 1 — «Conan e os bárbaros», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

**Sala 2 — «Betty Blue — 37.º 2 da Manhã», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)**

**CARCAVELOS — Atlântida Cine**  
«A rapariga do vestido cor-de-rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**CASCAIS — Miramar**  
«Sala 1 — «As Aventuras de Jack Burton nas garras do mandarim», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)  
«Sala 2 — «Aliens — O reencontro final», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**CASCAIS — Oxford**  
«Um vagabundo na alta roda», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

**Outra Banda**

**ALMADA — Academia**  
«Duelo imortal», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ALMADA — Incrível Almadaense**  
«Silverado», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ALMADA — Cinestúdio**  
«Assalto ao Parque», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1**  
«A Missão», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

**Sala 2 — «FX — Efeitos mortais», às 16.15 e 21.45 h (m. 18 anos)**

**BARRÉIRO — Cinestúdio Barreirense**  
«O Extraterrestre», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

**LINDA-A-VELHA — Cine-tropical**  
«Nova Iorque fora de horas», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ODIVELAS — Cineodivel**  
«Aventura alucinante», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos)

**CRUZ DE PAU — Cinema Lord**  
«Nova Iorque fora de horas», às 16 e 21 h (m. 12 anos)



**Antena Um**

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

**Programa 2**

16.00: Sonoridades; 16.33: Música contemporânea; 17.00: Integrais; 17.38: Grandes intérpretes; 18.40: Música de bailado do nosso século; 20.40: Orquestras de câmara; 21.00: 6.º Festival Bach da Madeira; 21.42: Obras, para conjuntos instrumentais; 23.00: Intercâmbio musical; 00.05: Obras sinfónicas; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**

Onda Média (283, 290 e 397m)

4.00: Programa da tarde; 17.00: Feira Mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

**Voz do Alentejo**

13.00: Sopa dourada; 14.00: Peçanços em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

**Voz de Lisboa**

12.05: Espaço musical; 12.30: Bola branca; 13.00: Onda; 13.30: Encontro para dois; 14.00: Meia-tarde; 15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

**Voz do Porto**

12.00: Porto de partida; 12.30: Bola branca; 13.00: Alvo; 14.00: Espaço musical; 15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.



18.02 - Sumário  
18.07 - Brinca Brincando

«O Inverno Mágico de Roland» e «Feira de Bonecos»

18.50 - Par ou Impar  
19.15 - Boletim para a Agricultura

19.30 - Telejornal  
20.00 - Boletim Meteorológico  
20.05 - Palavras Cruzadas

2º Episódio: - Na clínica, Anabela, Fátima e Joana vivem momentos de grande angústia. Sofia e Marta na loja conferem as encomendas. Mário dá entrada na sala de operações. Em casa dos Salgados, enquanto esperam por Luís, Francisco anuncia à mãe e à irmã que pensa casar-se em breve. Mina desafia Rui à saída da Faculdade para irem estudar juntos, mas ele recusa, desculpando-se com a chegada do irmão. A família vai toda ao aeroporto, excepto Marta e Sofia, para esperarem João, mas vão ter uma grande desilusão pois João não chega. Nesse momento ele viaja numa carruagem de comboio, sorrindo para Lurdes, uma emigrante que viaja com ele.

20.45 - Primeira Página  
Com Dr. Miguel Cadilhe

21.40 - Dempsey e Makepeace

10º Episódio: - Depois de terem assaltado um armazém, três jovens negros apressam-se a carregar o material roubado para uma furgoneta. No entanto, são surpreendidos por membros de uma violenta seita coreana que trabalham para Merle, uma elegante mulher de negócios. Esta ficara muito preocupada quando se apercebera que dos artigos roubados constavam «T-shirts» que para ela tinham significado muito especial...

22.30 - 24 Horas  
23.00 - Remate



15.15 - Agora, Escolha!  
16.30 - Notícias  
16.35 - Trinta Minutos Com...  
17.05 - Countdown  
18.00 - Estádio  
19.00 - Nino Show  
20.00 - Notícias  
20.05 - 5ª Dimensão

66º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas

41º Episódio



No 2.º Canal,  
também  
às 20.05  
o 66.º  
episódio  
de «5.ª Dimensão»



No 1.º Canal, o 2.º episódio de «Palavras Cruzadas», às 20.05

21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - Cinema Dois

«Jonas que Terá 25 Anos no Ano 2.000»: - As histórias cruzadas de quatro casais mais ou menos nostálgicos do espírito libertário de Maio 68. Uma fábula sobre o conhecimento, a solidão e a sociedade vivida por uma geração que começa a olhar para os seus descendentes: como Jonas, que terá 25 anos no ano 2000.

Interpretes: - Jean-Luc Bideau, Myriam Mézière, Rufus, Myriam Boyer, entre outros.  
Realizador: - Alain Tanner

23.20 - E de Ler

AMANHÃ



18.02 - Sumário  
18.07 - Brinca Brincando  
18.50 - Par ou Impar  
19.30 - Telejornal  
20.00 - Boletim Meteorológico  
20.10 - Vamos Jogar no Totobola  
20.20 - Palavras Cruzadas  
20.55 - Lotação Esgotada  
22.45 - 24 Horas  
23.15 - Remate



15.00 - Agora, Escolha!  
16.30 - Trinta Minutos Com...  
17.00 - Countdown  
18.00 - Estádio  
19.00 - Music Box  
20.00 - Notícias  
20.05 - 5ª Dimensão  
20.30 - Uma Família às Direitas  
21.00 - Jornal das Nove  
21.30 - Manon  
23.20 - E de Ler

**AOS CONDUTORES**

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."

**PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA**

**GRUNDIG** seleccionou para si...

Par ou Impar

CinemaDois

**GRUNDIG PORTUGUESA**  
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua da Restauração, 117  
1200-1 Lisboa  
Tel. 214 41 41

«Dempsey e Makepeace»



PORTE  
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.**  
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**  
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40  
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3  
Endereço Telegráfico: **DIBOIA** — Telex: 12 363 LISBOA PORTUGAL  
Distribuição: **INTERPRESS** Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA  
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82



## ÚLTIMA HORA

Moçambique continua a achar que o Acordo de N'Komati é um instrumento válido para se chegar à paz na região. Isto mesmo foi reafirmado ao fim da manhã por Joaquim Chissano, ao discursar na sessão de abertura da segunda legislatura da Assembleia Popular de Moçambique. «Para isso basta que a África do Sul cumpra o acordo, deixando de apoiar os *bandidos armados*», afirmou. Referindo-se à situação de guerra no seu país, acrescentou ser necessário conduzi-la em paralelo com a recuperação económica.

### Salários em atraso no MAPA

## Tarefeiros não recebem desde há seis meses

Várias dezenas de trabalhadores da Secretaria Geral do Ministério da Agricultura sem vínculo à função pública, os chamados tarefeiros, estão desde junho do ano passado sem receberem os seus vencimentos. Alguns deles trabalham no MAPA há seis e sete anos e já em 1985 tinham estado quatro ou cinco meses sem serem pagos. A demora dos pagamentos deve-se a um atraso do Ministério das Finanças na emissão da autorização respectiva, e ao desinteresse do secretário geral, Manuel Domingues, pela situação dos trabalhadores.

Habitualmente o ministro das Finanças liberta as verbas necessárias ao pagamento dos tarefeiros de seis em seis meses, mas a última autorização caducou em Junho de 86. Nessa altura deveria ter sido assinado um novo despacho de autorização de pagamento, coisa que efectivamente não aconteceu.

O atraso na publicação do despacho não teve porém consequências de maior regularidade dos pagamentos dos tarefeiros dos outros serviços do MAPA, porque os seus responsáveis adiantaram para esse efeito verbas destinadas a fins menos urgentes.

No caso da secretaria geral - cujo director, Manuel Domingues, foi requisitado à TAP e recebe por isso três ou quatro vezes mais que os funcionários de idêntica categoria - isso não foi feito e já se passaram mais de seis meses desde que os tarefeiros receberam a última vez.

Segundo soube o «DL», o secretário geral cumprimentou pessoalmente todos os funcionários do seu serviço por ocasião do Natal e não teve uma única palavra de explicação para com os trabalhadores com salários em atraso.

Entretanto sabe-se que o ministro das Finanças assinou o despacho de autorização de pagamento em 24 de Dezembro, mas só com validade até 31 de dezembro. Devido à tramitação normal da contabilidade pública o despacho não se traduziu ainda em dinheiro, esperando os trabalhadores receber os seis meses que lhes são devidos nos próximos dias.

A situação de salários em atraso deverá no entanto surgir imediatamente, uma vez que aquela autorização cobre apenas os pagamentos referentes ao segundo semestre de 1986.

## Saco de granadas encontrado na Faculdade de Direito

Pessoal da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP deslocou-se esta manhã à Faculdade de Direito de Lisboa para analisar e recolher um saco de plástico com granadas ali abandonado.

Um informador da Brigada disse que o saco de plástico, com «algumas granadas defensivas e ofensivas», foi encontrado por uma funcionária da Faculdade.

## Morte atrasou Linha de Sintra

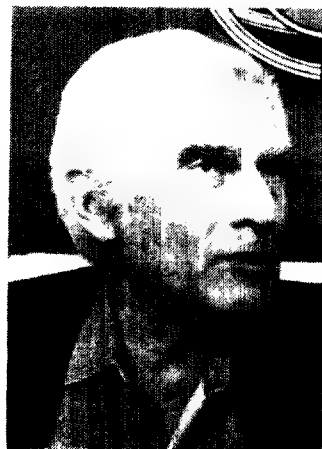
Um indivíduo ainda não identificado morreu, cerca das 6 e 40 desta manhã, trucidado por um comboio na Linha de Sintra, próximo da Reboleira, tendo provocado atrasos na circulação que variaram entre os nove e os 22 minutos e a supressão de quatro composições na via descendente, ou seja em direcção ao Rossio.

## Jovem recluso mata-se na Penitenciária

Um jovem de 17 anos, detido há três semanas no Estabelecimento Prisional de Lisboa (Penitenciária), pôs ontem termo à vida por enforcamento, utilizando os lençóis da cama.

Chamava-se Paulo Alexandre Nabais Mestre e andava em tratamento psiquiátrico, nada fazendo prever, porém, que viesse a atentar contra a sua vida. A Direcção-Geral dos Serviços Prisionais recusou-se a fornecer quaisquer elementos sobre a ocorrência.

## D/E/C/A/R/A/S/



**ALVARO CUNHAL**, secretário-geral do PCP, participa amanhã, pelas 18.30 horas, no anfiteatro 2 da Faculdade de Direito de Lisboa num colóquio-debate subordinado ao tema «Desenvolver Portugal - Ano 2000», numa iniciativa promovida pelo grupo de estudantes «Nova Intervenção».

**PAUL MCCARTNEY** tem novo single editado em Londres. Trata-se de «Only Love Remains», retirado do álbum «Press To Play». O ex-Beatle definiu o novo disco como uma canção de amor ao estilo que as pessoas consideram ser o seu próprio. O single foi estreado perante a rainha-mãe no «Royal Variety Show». O lado B apresenta um tema inédito em vinil, «Tough on a Tightrope».

**MARIO FIRMINO MIGUEL**, chefe do Estado-Maior do Exército, preside amanhã a uma sessão solene, pelas 15 horas, no Instituto de Odivelas, que assinala a passagem do 87º aniversário daquele Instituto. Fundado em 1900 pelo Infante D. Afonso de Bragança, o Insti-

tuto de Odivelas é um estabelecimento militar de ensino que tem por fim a educação de filhas de militares. Podem também ingressar nele filhas de elementos da GNR, GF, PSP, pessoal militarizado, bem como de civis.

**MANUEL PEREIRA** foi designado líder do grupo do PSD no Parlamento Europeu, pela comissão política nacional do seu partido, sucedendo no cargo a Rui Almeida Mendes, soube a agência Lusa. Mediante esta designação, Manuel Pereira ascende à vice-presidência do grupo liberal democrático e reformista em Estrasburgo. Eleito deputado à Assembleia da República pelo círculo de Coimbra, vinha já exercendo há cerca de um ano as funções de primeiro vice-presidente da comissão de política regional do Parlamento Europeu.

**MARIO SOARES** assiste no próximo dia 16 a uma homenagem ao falecido alcaide de Madrid, Enrique Tierno Galvan, que terá lugar na Universidade de Salamanca. Nesta cerimónia, que consiste no descerramento,

no recinto universitário, de uma lápide contendo o elogio de acção meritória de Tierno Galvan, participam igualmente professores catedráticos da Universidade de Salamanca e o actual reitor daquele estabelecimento de ensino superior de Espanha, Julio Feroso.

**D. MANUEL DA SILVA MARTINS**, bispo de Setúbal, afirmou que «num País que se diz maioritariamente católico, «lamento que os cristãos não apareçam - ou não se deixem ver - nos lugares de decisão». O bispo de Setúbal falava na tomada de posse da nova direcção da Caritas Diocesana realizada segunda-feira na sede da Instituição em Setúbal. D. Manuel da Silva Martins empossou Eugénio José Cruz Fonseca, o primeiro leigo na presidência da Caritas Diocesana, e exortou os elementos da nova direcção a colocarem-se «verdadeiramente ao serviço dos irmãos, quer pela ajuda e partilha fraterna em situações de carência, quer pela denúncia da situação existente na diocese, sendo voz dos que não têm voz».

## Alarme relativo a passaportes portugueses para chineses ricos

Um alarme internacional foi emitido em relação a passaportes portugueses vendidos a chineses ricos, principalmente na Formosa, que os usam para entrar em países da CEE pretendendo serem cidadãos portugueses de Macau, informa o jornal londrino «Guardian».

A correspondente em Lisboa do jornal, Jill Jolliffe, diz que o caso foi revelado quando Guilherme Girão, antigo cônsul de Portugal em Estugarda, foi preso em Setembro do ano passado depois de investigações que envolveram as Polícias portuguesa, alemã-federal e a Scotland Yard.

Girão, que foi demitido em 1982, diz o jornal, foi acusado de ter roubado dois mil passaportes do Consulado de Estugarda, em 1979.

A Polícia portuguesa diz que Girão tinha vendido os passaportes devidamente autenticados com um selo consular que ele tinha retido quando foi demitido.

A sua prisão salienta os receios de que com o regresso de Hong-Kong e Macau à soberania chinesa nos fins deste século e com a ambição chinesa de recuperar a Formosa mais tarde, as transacções em passaportes ilegais aumentem.

## Cônsul da Libéria no Porto suspeito de traficar diamantes

O Cônsul honorário da Libéria, no Porto, arquitecto Granhão Vila Real, sobre quem pendem graves acusações de estar envolvido em «actividades ilícitas» relacionadas com o tráfico de diamantes, acaba de ser proibido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de continuar a exercer o cargo.

O arquitecto Granhão Vila Real estava à frente daquela representação diplomática da Libéria desde 1 de Janeiro de 1985, tendo sido entretanto acusado de burlar vários «investidores» da empresa de que é proprietário, a Diacor, num processo muito semelhante ao utilizado por D. Branca.

Este caso já fora objecto de uma intervenção na Assembleia da República por parte de um deputado do PRD, no sentido de que fosse retirado o «agrement» a Granhão Vila Real.

# SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELÉF. 320271/320272. TELEX: 12363

## Monumental, a pintura nos bastidores

No Bairro Alto, uma antiga mercearia transformou-se num dos bares em voga. Noutro ponto da cidade, a transformação foi, contudo, mais radical: o espaço antes ocupado por diferentes viveres está hoje preenchido por quadros, o armazém por telas, cavaletes e pincéis. O nº 101 do Campo dos Mártires da Pátria passou a chamar-se Monumental e os seus «habitantes» são hoje pessoas que têm nas artes plásticas um denominador comum.

A reconversão da mercearia em atelier iniciou-se há pouco mais de um ano, quando um grupo de dez pessoas viu naquele espaço a solução para o seu problema do momento: um local para trabalhar o que, neste caso, se pode traduzir por pintar. A ampla loja que se estende para uma galeria em torno de um jardim interior despertou, entretanto, outros apetites e desde então foram já aí inauguradas quatro exposições e instalado um laboratório de fotografia.

Um atelier? Uma galeria? Um projecto de animação? As várias hipóteses de definição da Monumental levaram-nos até lá. Jaime Lebre, 31 anos, actualmente no 5º ano do curso de Pintura da ESBAL; João Queiroz, 29 anos, licenciado em Filosofia; José António, 35 anos, curso de Design do ARCO; e Manuel San Payo, 28 anos, curso de Pintura da ESBAL, foram os nossos interlocutores.

A inexistência de um projecto a longo prazo, de uma linha condutora, parece ser um ponto de honra do grupo. As ideias para o futuro da Monumental são muitas e por vezes díspares, mas todos eles preferem sublinhar que o seu objectivo número um é, para já, o de transformar o espaço de que dispõem e tirar partido dele. Com que fim?

Afirmam que se tivessem de valorizar um dos vectores da Monumental, este seria o de atelier ou seja, a ideia inicial de utilização do espaço enquanto local de trabalho. No entanto, não deixam de se sentir atraídos pela possibilidade de exporem os seus quadros sem a necessária passagem por «intermediários». Talvez por isso a sala antes ocupada pela mercearia foi a primeira parte a ser quase totalmente recuperada. Foi aí que estiveram já patentes quatro exposições: uma, experimental, de fotografias de Alvaro Rosendo, que mostrava o «antes» e o «depois» do edifício; e três de pintura da autoria de Manuel San Payo, João Queiroz, Jaime Lebre e Jorge Varanda (esta última ainda patente ao público).

Consideram que mesmo que a Monumental se constituísse em galeria seria sempre diferente das outras já existentes, uma vez que esse espaço seria influenciado por um «bastidor», o atelier. Salientam, no entanto, que a sua vocação é a pintura e não um trabalho de galerista, que exige uma formação específica e que acabaria por roubar



Forja e cadinho da alquímia da imagem numa antiga mercearia da cidade



Os artistas-animadores do novo espaço «Monumental» do Campo de Santana, ou dos Mártires da Pátria

o tempo de que dispõem para pintar.

Se esta é a actividade dominante na Monumental, existe aí quem faça outras coisas: fotografia, como o Alvaro Rosendo; ou música, como os Pesticida que aproveitam de vez em quando a boleia para os seus ensaios. A serigrafia, ainda muito artesanal, também tem ali um lugar e através dela os membros do grupo têm produzido os convites, cartazes e catálogos das exposições.

Sobre eles próprios dizem que não pensam em termos de grupo de acção, ideia que no seu entender pertence de certo modo ao passado.

Afirmam que hoje tudo se passa mais ao nível do indivíduo e que o facto de as pessoas se juntarem não quer dizer obrigatoriamente que tenham algo em comum. Para apoiarem esta ideia, dizem que ainda há pouco tempo seia impensável a existência de um grupo com características tão diversas como aquele que se reuniu em torno da Monumental. Mas as diferenças que opõem os seus elementos não são exclusivas, nem tão pouco complementares, acrescentam.

Na verdade, ao longo da conversa que travámos com os nossos interlocutores, constatámos que não

existe entre eles um espírito de escola, ou mesmo uma opinião comum sobre a actividade a que se dedicam, a pintura.

Dizem a este respeito, que hoje é impossível falar de escolas, uma vez que os estilos estão em constante mudança. A pintura acabou por ser tocada pelo «espírito» da época: movimento, momento, massificação e «interdisciplinaridade». Entre os nossos interlocutores há quem veja com agrado esta tendência e quem dela discorde. No entanto, todos afirmam que ela é um facto. O que chamam «retorno» à pintura dos anos 80 está

marcado por uma objectivação, por um dar «mais nas vistas» que se traduz, por exemplo, na profusão de cores e na utilização de grandes telas, bem como pela afirmação do momento aí expresso, em detrimento de uma atitude ou de uma qualquer bagagem que o precedam.

Por outro lado, a pintura ganhou um novo espaço nos media. Em várias revistas, o último trabalho do pintor X aparece em paralelo com o último disco do grupo Y, enquanto locais como discotecas se promovem através daquela arte. No entanto, todo este movimento é de certo modo estranho a Portugal.

Perguntamos-lhes se a nova lei do mecenato cultural poderia traduzir-se num impulso a pintores ou a espaços como o que eles próprios criaram. A posição geral é, contudo, de desconfiança. Reconhecem que, por exemplo, nos Estados Unidos, a arte pictórica dos anos 50 se deveu a uma lei do mecenato e que ainda recentemente a Alemanha Federal ganhou um museu, em Colónia, devido ao esforço de um mecenas. Por cá, dizem estar ainda todos na ressaca do quem tem sido o apoio do «mecenato» público e que o mecenato exige uma formação e uma vontade que não são para já visíveis entre os candidatos nacionais.

Estes dois vectores acabam também, no seu entender, por influenciar o mercado de arte. Apesar de existir uma nova geração de pintores com trabalhos de «grande qualidade», esta esbarra, por assim dizer, num «sa voir-faire» precário que é uma das características dominantes do meio, desde os galeristas aos coleccionadores, passando pelo próprio mundo editorial.

Clara Viana

### Calendário

Talvez no futuro, a Monumental se transforme num espaço «multi-media». Até lá, o trabalho produzido nos «bastidores» é pretexto para novas exposições:

Até dia 26, encontra-se patente uma exposição de pintura de Jaime Lebre e Jorge Varanda. Segue-se-lhe uma outra de Miguel Branco. Em meados de Fevereiro, pintura com Gonçalo Rui vo. Março marca a abertura da Monumental aos «outros», com uma exposição de design de Filipe Alarcão e de fotografia de Mariano Piçarra. Em Abril, espera-se uma exposição de pintura de Helena Pinto e em Maio de José António. Ainda neste mês, será a vez de São Cabrita com serigrafia e pintura. Em Junho, Alvaro Rosendo regressa com as suas fotografias.

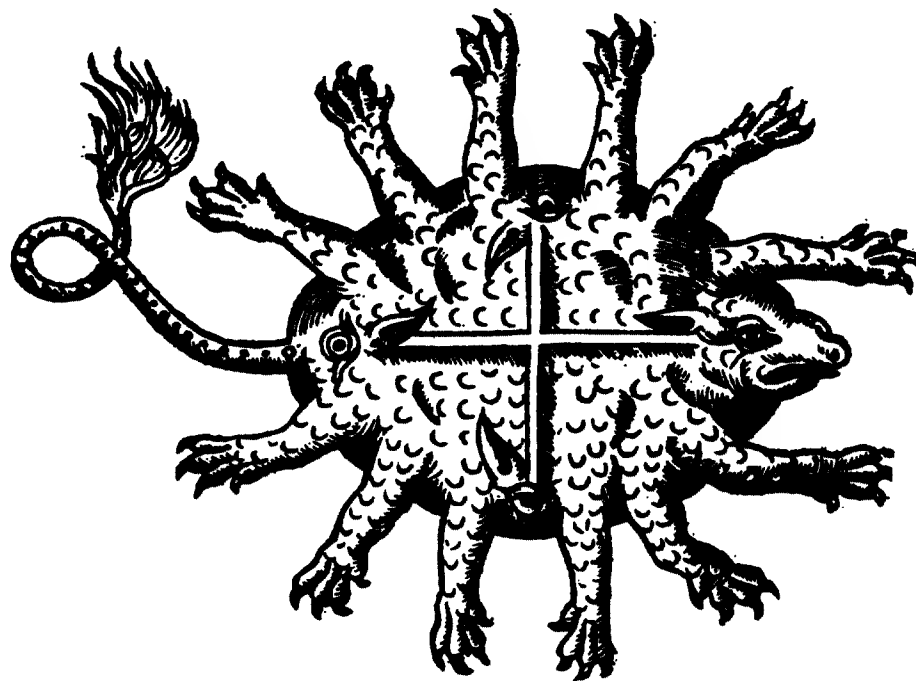
Os meses de Verão ainda estão em estudo, mas é provável que nessa altura a antiga mercearia seja totalmente preenchida por uma exposição de pequeno formato.



## Monstros V

Chaké Matossian

### O voluptuoso e o curioso



J. Á em St.º Agostinho a curiosidade transforma de algum modo o homem em monstro, pertencendo o carácter monstruoso muito mais ao espectador do que ao objecto. O monstruoso não pode ser dissociado do sentido primordial que é a vista, paradigma de todos os sentidos, origem da mais complexa das tentações: a curiosidade.

Complexa, diz St.º Agostinho, porque se torna difícil desenhar a fronteira entre curiosidade e conhecimento, uma vez que a concupiscência dos olhos está na origem de todo o saber: «o olhar é, entre os sentidos, o principal agente do conhecimento» (1). Este conhecimento revela-se máscara da concupiscência, «é uma vã curiosidade disfarçada com os nomes do conhecimento e da ciência», e todo o conhecimento fundado sobre os outros sentidos se refere ao oferecido pela vista. «Pois bem, o conjunto das experiências dos sentidos chama-se, como já se disse, concupiscência dos olhos; porque, se a vista é uma função em que os olhos ocupam o primeiro lugar, também nos outros sentidos lha atribuem por analogia, quando se aplicam a conhecer um objecto». St.º Agostinho relaciona o monstruoso nos sentidos com a curiosidade que opõe à voluptuosidade, um pouco à maneira como os enciclopedistas oporão admiração e espanto. «A voluptuosidade persegue o belo, o harmonioso... enquanto a curiosidade admite até impressões contrárias como objectos de experiência».

O curioso, longe de sofrer à vista do feio, é animado pela «paixão de experimentar e de conhecer», é atraído pelo que repugna: «que voluptuosidade haverá, de facto, em olhar, num cadáver destroçado, algo que causa horror? No entanto, haja algures um jazente e logo acor-

rerão em multidão para entristecerem, para empalidescerem».

Fascinados pelo horrível, pelo feio, os curiosos deparam-se-nos bem mais monstruosos que o objecto repugnante para o qual se precipitam. A curiosidade deve ser considerada uma doença adormecida em cada um, uma morbidez escondida, que é revelada pelos espectáculos que satisfazem esse terrível desejo: «É esse desejo insalubre (**morbo**

**cupiditatis**) que leva à exibição em espectáculos tudo quanto possa espantar» (2).

Aristóteles tinha anotado o prazer sentido face à representação de objectos que, como o cadáver, eram incómodos para a vista no seu estado original.

Há portanto razão para se estabelecer uma diferença entre o cadáver real (que provoca o horror) e a representação do cadáver, que oferece um certo prazer, o prazer do

(re)conhecimento: «Desde a infância os homens têm, inscritas na sua natureza, ao mesmo tempo uma tendência para representar... e uma tendência para encontrar prazer nas representações... Temos prazer em olhar as imagens mais cuidadas das coisas cuja vista nos é difícil na realidade, por exemplo as formas de animais perfeitamente ignóbeis ou de cadáveres» (3). (Aristóteles desenvolve a mesma ideia na sua **Retórica**).

Interrogando-se sobre o prazer dessa representação do horror, R. Dupont-Roc e J. Lallot notam que tal prazer vem do facto que «o quadro não é a réplica exacta do objecto... Pelo contrário o quadro, que abstrai do modelo a **forma própria**, solicita as faculdades de raciocínio e faculta, no reconhecimento, o prazer de descoberta que é simultaneamente prazer de espanto e prazer de aprender».

O artista põe em relevo a causa formal do objecto a partir da qual um raciocínio se efectua, imediatamente seguido de prazer. Por outro lado, Aristóteles mostra-nos que o filósofo deve experimentar prazer face a todas as formas que a natureza apresenta e, aqui, as formas não estão desprovidas de materialidade. O mínimo animal surge como maravilha porque estabelece a extraordinária organização da natureza e a contemplação deste encadeamento das causas dá-nos uma alegria inestimável: «não devemos, assim, ceder à repugnância infantil e desviar-nos do estudo do menor destes animais. Em todas as partes da Natureza há maravilhas» (4). A natureza, diversamente do artista, cria o belo porque a organização das partes da obra tem um **fim** e não se deve ao acaso: «não é o acaso, mas a finalidade que reina nas obras da natureza e a um alto grau; ora, a finalidade que rege a constituição ou a produção de um ser é precisamente o que dá lugar à beleza» (5).

#### Notas:

- (1) St.º Agostinho, **Confissões**, X, xxxv, 54;
- (2) Ibid. X, xxxv, 55.
- (3) Aristóteles, **Poética** 4, 1448b, Paris Seuil 1980 (trad. e notas de R. Dupont-Roc e J. Lallot).
- (4) **Retórica** I, 1371b.
- (5) Aristóteles, **Parties des animaux**, cap. V, Paris, Aubier.

### 1987=Mudança? Não, obrigado

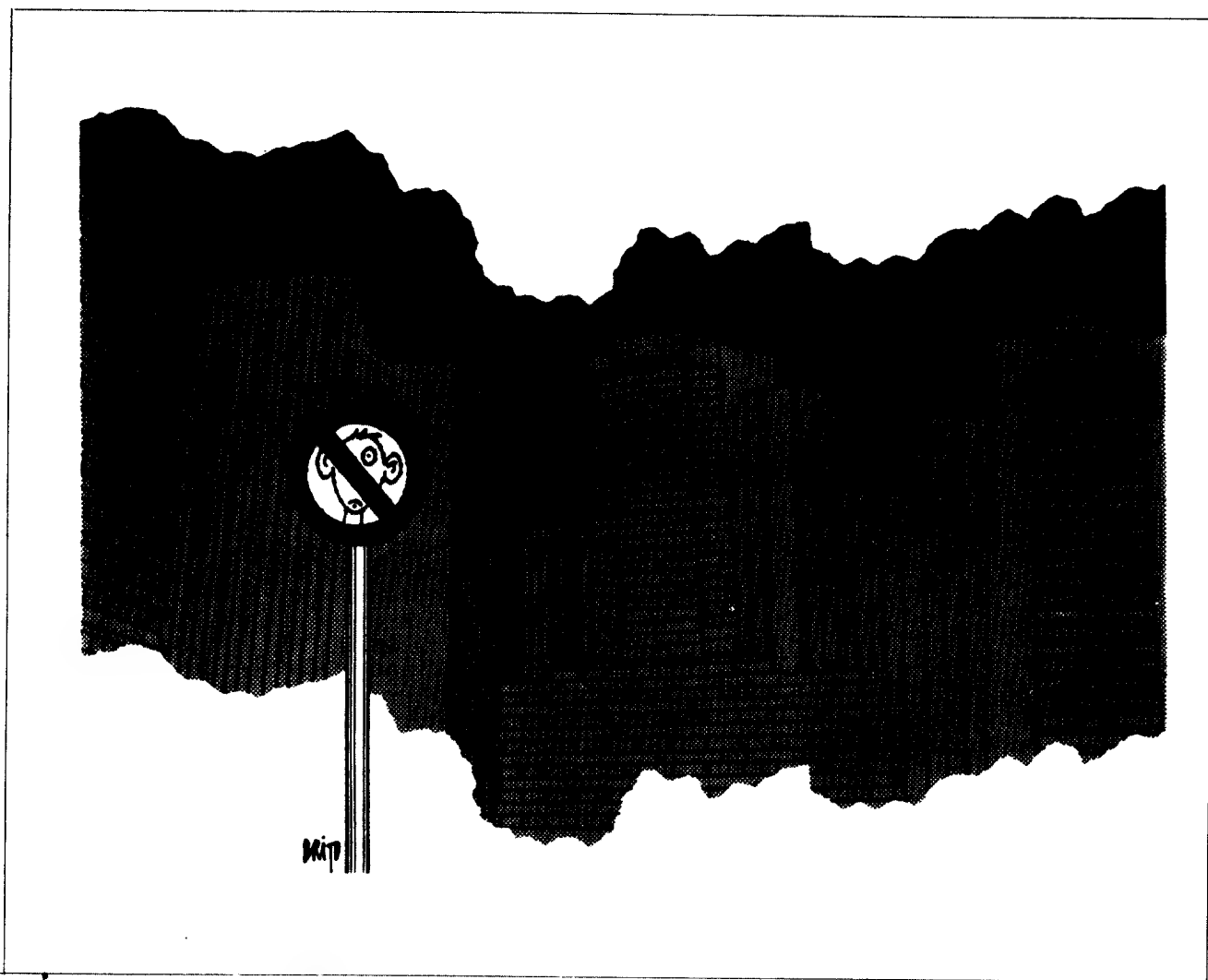
COMO toda a gente, tenho um medo danado da mudança. E tenho um medo danado de morrer. Será este ano, que agora vai começar? Meu Deus (penso) não quero morrer em 1987, é cedo de mais! E então, concebo um raciocínio estúpido: se calhar, se calhar o melhor ainda é ir já ter com a escuridão... antes que a escuridão venha ter comigo.

Tenho um medo danado de qualquer mudança, aliás. No entanto sei (magra consolação) que estou longe de ser o único. Por sinal, por signo, por símbolo, conheço um caso exemplar, o de um casal amigo meu, o Luís e a Luísa. Ele ama ela, ela a ele. Tudo bem. De há uns tempos para cá que têm a ideia de ir viver juntos. Um bonito sonho alimentado por um desejo comum. Ótimo. Até que, a semana passada, surgiu a oportunidade *real* de concretizarem esse sonho: encontraram na Graça uma casa para alugar! (Por vezes inté que o Pai Natal é um gajo porreiro.)

Luísa perdeu o apetite. Luís anda atreito a inexplicáveis depressões. Subitamente, Luísa começa a desconfiar que Luís já não goste dela. E Luís pressente que Luísa se está a desinteressar dele, mesmo que só a nível inconsciente. E ambos temem que o outro se apaixone por outro. Ora, como ambos têm um medo danado de serem rejeitados, começam a sentir um forte impulso para acabar já a sua história - acabar já, *antes que acabe mal*. Só que, e isso eles não percebem, «acabar já» é que é acabar mal. É evidente.

Tenho um medo danado da morte. Tanto, que inventei a esperança pateta numa outra vida. Numa outra vida noutro planeta, noutro mundo, ou até neste mesmo mundo. Não sei quando vou morrer (não falta muito, *nunca* falta muito), de maneira que, pelo sim pelo não, já escrevi as palavras para o epitáfio a pôr na cruz da minha campa: «Saí para almoçar. Volto já». Fé, é o que é preciso.

Rui Zink



## Impostos

# O Estado cobra mas não reparte

*O senhor Silva não queria acreditar. Tinha sido o médico a enfiá-lo na cama, um mês de sopas e descansos e agora a Previdência dizia nada a ter com isso, que não pagava a baixa, pois o senhor Silva não se encontrava nos seus ficheiros. Mas como se ele até tinha na mão os recibos dos descontos feitos? A resposta foi que possivelmente o patrão do senhor Silva não o teria inscrito na folha de férias onde constam os nomes dos empregados. «Mas então cabe ao Estado averiguar», gritou o senhor Silva. O funcionário deu-lhe razão, dispôs-se a averiguar, mas não podia pagar-lhe a baixa.*

O senhor Silva começou por louvar a doença, uma vez que de outro modo nunca chegaria a saber que o seu patrão não entregara os descontos que ele lhe depositara, cumprindo a lei, mês após mês. Um dia, com a idade para reforma ouvia um funcionário apático pedir-lhe desculpa, mas que não tinha direito a reforma dado que o senhor Silva não constava nos autos.

Assim, concluiu que nada há como reclamar, mas que também na da haveria se ele não reclamasse. Isso soube o senhor Silva quando falou com uma funcionária daqueles serviços da Previdência.

## Receita: fazer-se morto

O processo decorre da maneira que a seguir se dirá. Quando o empregador não apresenta a folha de férias com a relação dos seus empregados, os serviços recebem uma folha do computador a comunicar o facto. Em consequência, é expedida uma carta, chamando a atenção ao infractor, seca, mas com bons modos.

A espera pela reacção do infractor, se o serviço estiver em dia, leva dois ou três meses, passados os quais duas coisas podem acontecer: se o infractor se sente ameaçado e corrige o acto, tudo bem; se não, os serviços voltam a receber uma folha de computador, dizendo que o referido infractor deixa de o ser, uma vez que não tem pessoas ao serviço!

De imediato, se suspende a sua inscrição e o computador deixa de mandar a folhinha incómoda a lembrar que o tal suspeito não entrou a folha de férias!

## Chefias caducas

Ainda há pouco tempo, isto é, meio ano, o senhor Silva soube que o tratamento de processos era feito do seguinte modo: cada processo tinha seis algarismos, cabendo a cada funcionário uma determinada terminação. O processo era lento, mas não devido à distribuição dos diversos casos.

Ora, sucedeu que, por interesse das chefias, se achou mais interessante que a distribuição fosse a dois dígitos, criando uma certa perturbação entre os funcionários, uma vez que nada se dissera aos serviços de informática. Assim, os funcionários acabaram por separar à mão aquilo que o computador já arrumara.

O senhor Silva compreendeu mal e pensou que fosse uma anedota, mas não. Tratava-se de um caso verídico de 1986, um monumento ao espírito anti-rotineiro.

E, para pecado dos beneficiários, os casos não ficam por aqui.

## Reclamações sem efeito

Ficou provado que só por iniciativa do beneficiário se poderá alterar qualquer situação viciada. Resta saber se as reclamações surtem efeito. Neste momento, o senhor Silva entra em contacto com os serviços e queixa-se. Resposta: para proceder à reclamação terá de entregar recibos comprovativos de que descontou, as declarações do imposto profissional e uma carta explicando o caso.

Ora, a maior parte dos casos da irregularidades do lado das entidades patronais relacionam-se com a ausência completa de declarações dos assalariados, aceitação de descontos sem entrega dos respectivos recibos. A situação é pegar ou largar e geralmente pega-se. Portanto, do mesmo modo, sendo condição pedida por lei que a reclamação se faça da maneira indicada, grande parte dos beneficiários não podem sequer protestar!

Esta é a situação tendencialmente atendida pelo Decreto-Lei nº124/84 que declara que os beneficiários são obrigados a declararem-se como tal logo que entrem na empresa, caso contrário perderão todos os direitos (art.3 e 4º). A Segurança Social caberá a obrigação de ir receber as contribuições com os juros de mora (art.6º). Desde que preenchido o impresso de vínculo à empresa não haverá perda de direitos (art.11º), situação diferente da que existia antes da publicação deste decreto-lei, em que os beneficiários que «não tivessem descontado», apesar da entrega do vínculo à empresa, não poderiam auferir o subsídio de desemprego. Contudo, a dúvida continua a pôr-se em relação à declaração de vínculo cedida pela empresa.

Nestes casos, a solução dos problemas pode passar pela boa vontade de quem ouve o caso que, infringindo a lei, decide tomar a iniciativa de enviar os serviços externos.

## Serviços externos sem poder

Os serviços externos encarregam-se geralmente das questões ligadas à fiscalização de baixas e de declarações de desemprego eventualmente fraudulentas, bem como a acção que se exerce sobre as firmas. Porém, neste último caso, os serviços externos encontram-se sem possibilidade de actuar eficazmente.

Se a reclamação parte de um beneficiário que foi despedido, quando os serviços externos chegam à firma é-lhes declarado que nunca ninguém lá trabalhou com esse nome. E a partir daí, nada se poderá fazer.



Se, por alguma razão, ou porque os fiscalizadores são mais ríspidos, ou porque os patrões se amedrontaram, e a situação é clarificada, os serviços externos não podem multar: poderão ameaçar e levantar autos destinados à Inspeção Geral do Trabalho. Os autos seguirão para os tribunais responsáveis e a resolução dos tribunais é enviada à Segurança Social.

Daqui, pode acontecer que os patrões paguem o que devem e o beneficiário viu os seus esforços compensados; pode também acontecer que os patrões de novo se recusem a pagar, acto de que decorrerá eventualmente uma acção em tribunal por parte da Segurança Social. Isto se o trabalho estiver em dia...

Existe sempre a possibilidade de penhora, resultantes dessa dívida à Previdência, mas a lentidão permite a passagem do património do infractor a patacos, ficando apenas o direito da Previdência ao trespassse.

## Informática sem técnicos

A ajudar a esta situação, a terceira vaga da Previdência parece não ter passado da introdução de uns terminais e de uns técnicos de qualidade duvidosa. Uma vez que não existe qualquer estímulo na carreira

técnica, os técnicos competentes acabam por ser contratados por outras empresas.

Os serviços informáticos, com capacidade de processamento próprios dos circuitos electrónicos, chegam a demorar cinco meses nos casos relacionados com beneficiários e um ano quanto aos processos das firmas! Não falando dos numerosos enganos que obrigam, não tão poucas vezes como isso, à verificação manual do trabalho que a máquina fez!

Se a tudo o que se leu se misturar as pequenas tricas, envolvendo os chefes dos escalões intermédios da hierarquia que provocam a ausência de ligações entre secções como contribuintes (isto é, firmas) e subsídios de desemprego, facilmente se perceberá como funciona um Estado cuja obrigação era estar mais atento e não se restringir a colectar, omitindo por incompetência qualquer redistribuição.

João Almeida

Na quinta-feira

## Ler e Escrever

# Rosáceas e túmulos até dia 20 no Mosteiro de Alcobaça

«E as dezoito edículas as pétalas da rosa que sem cessar floresce à cabeceira da arca

tumular de pedro  
(...) essas pétalas rodam como roda a fortuna

a vida efémera

Ruy Belo,  
A Margem da Alegria

1. Primeiro, não é preciso ver os túmulos.

Como sucedia com os *Diários* (exp.<sup>o</sup> SNABA, 1985) a questão que, antes de mais, se coloca é uma questão de *levantamentos* (um inventário ou inventariação, obras de construção ou de translação, estudos de materiais e de terrenos) e de *estruturas*. Mas, mais de levantamentos do que de estruturas.

Aqui, estão, talvez apenas mais visíveis, os ossos — ou, dito de outro modo, eles dão-se, como efeito possível de ilusão, mais exuberantemente a ver (cf. *Diários*): as cicatrizes, arestas, as zonas de rompante e de rompimento (de reconstrução e ruptura) dessas mais *íntimas* estruturas (as costuras). Era já a questão que, de certo modo, colocavam as séries anteriores, ao adoptarem como tema (figural: motivo) — sem que isso, na altura, fosse talvez ainda muito perceptível — a questão dos *fundamentos*, a partir dos quais, em função de um *exterior* (dessa operação de reconhecimento — «levantamento» — de um conjunto de índices que se propõe como um «exterior»), um *íntimo* (algo sempre de obscuro, informe — Kant, «Das Unform») se configura (e não, tanto, «estrutura»). Refiro-me aos *Trabalhos do Sótão* (SNABA, 1981), é claro, à *Casa* (Galeria D. Notícias, 1981), mas também à série *romana* (Galeria J. Notícias, Porto, 1981), em que se tratava menos de um mito pessoal do que o íntimo — a ruína do colectivo que se propunha.

Ao fim e ao cabo, e simplificando muito, a questão que aqui se coloca é, de novo, a do jogo de relações entre o *visível* e o *invisível* — ou, dito de outro modo, todo o trabalho de *mostração* (de referência aos arcabouços: ao que foi soterrado pelas aparências exteriores, ao oculto) pode estar lá apenas para *invisibilizar* o mais aparente, a «evidência», e a forçar então o «real» a manifestar-se (mas como num *vólvio*, a partir do seu interior), como a sua forma mais despojada, precisamente porque a mais *final* e oculta.

Deste ponto de vista, a questão da *figuração* não se coloca, hoje, talvez muito diferentemente do modo como se punha na série dita de *Joana* (SNABA, 1978). Só que, aqui, o que se dá como *visível* é o que, na outra série, como jogo do claro/escuro (do contra-luz), mais se obscurece, ou seja, tanto se *interdiz* (diz-se, apenas, muito veladamente) como se *interdita* (cala-se, emudece, assumindo uma forma só aparentemente mais legível à superfície porque, no fundo, secretamente, se oculta).

O *mais visível*, assim, para nós, é o que aqui *mais* se oculta.

A questão da «estrutura» (ou da visibilidade: das referências arquitectónicas ao mosteiro e ao túmulo) é a dessa figurabilidade (os modos que essa presença encontra ainda para se manifestar) que regressa (se re-verte) para dentro e como um «fora» se *hetero* — (e não auto —) *indicia* (i.e., «oculta»). Se as referências estruturais vêm assim à superfície e se tornam ainda mais sensíveis (=visíveis) é porque elas não constituem os *suportes* de nada — o que pressuporia ainda a referência a uma estrutura orde-

nada, compacta e unitária — mas são apenas os *índices* alusivos (dados em superfícies de *tração* — e por isso mesmo menos «súgnicos» do que *transcritos*) que não só referem (re-ligam, indiciam) como manifestam, na carne — na materialidade da carne —, as marcas de *heterogeneidade* do processo pelo qual as Form(ul)as se reservam e se (ou a nós, nelas) desocupam.

Os índices (as marcas) estão no lugar da carne. Como as rosáceas (ou os vitrais), no lugar dos túmulos.

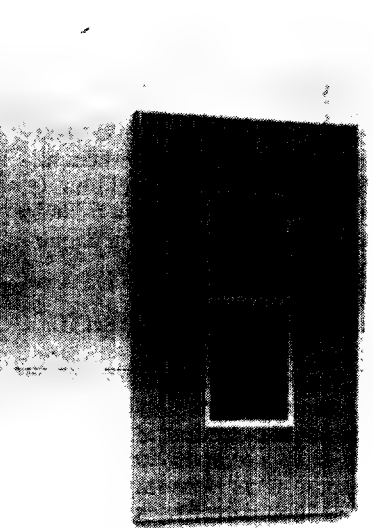
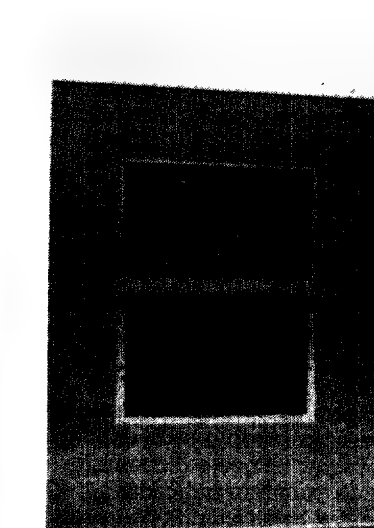
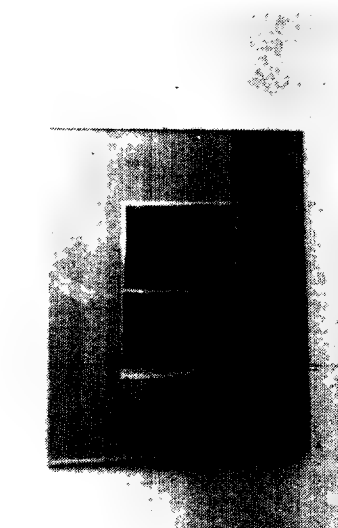
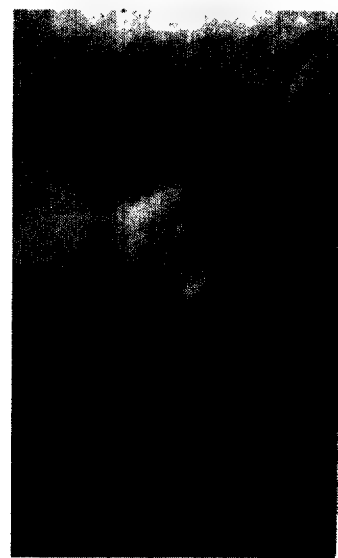
2. Daí que os tons escolhidos sejam os *castanhos* (ocres, mais ou menos diluídos, transparentes, ou misturados com tinta-da-china: aguados, puros). O castanho é a cor da carne (ou do barro) quando ela se reduz ao seu nódulo (ósseo: de ocre) mais duro (e escuro). Cor barrenta que é, ao mesmo tempo, a da desagregação da forma (do *informe*: mas no sentido em que que é a matéria que recusa a sedução da forma, da sua finitude) e a de um desejo de impossível (não do infinito, mas do próprio finito: como absoluto), de uma *transparência* que, através do jogo de alusões (de relações: ao modo como o chumbo entra nos vitrais, a armação na casa ou o osso na carne), remete para a própria plasticidade (celular ou plasmática, como magma ou carne) dos tecidos e das *texturas*. Celularmente, a cor é uma simplificação da carne: ou uma sua precipitação (uma sua súbita afluência aqui — ou vinda) ou um desequilíbrio (uma falta que também se marca subitamente como ausência ou o vazio de uma estrutura).

Levantar os ossos é revelar-lhes a carne. A sua ausência, encarnada. Como expor os arcabouços: mas, mais do que o plano utópico, da *história* que foi a casa. Mas sempre um desejo de encarnação do que só enquanto *não-forma* (nos «estrutura»).

O *castanho*, para mim, assim, é não só essa «promessa futura» como o ausente princípio (o efeito do osso) que nos obceca e estrutura.

As formas — já S. Bernardo (de Clairvaux, precisamente) o disse — (des-)iludem-nos. Induzem-nos em erro, a perder de vista essa constância (e consistência) viscosa em que se reserva a carne (Ame-se-a depois ou elabore-se, a partir dela, toda uma teoria negativa da culpabilidade e do pecado). Um princípio de encarnação só visível quando a forma (seja ela a cor ou a figura) se *descarna*. Quando a forma deixa de ser para a forma o último reduto — em que se conserva, ainda, essa economia (se bem que minimal) do sentido (melhor seria escrever, do «visível») e da figura. Aquém, ainda, desse limite, as coisas têm o seu rosto, nomeá-las ainda é possível, o Ser é um seu atributo; depois, e referimo-nos em particular ao *tríptico* e às duas *pinturas*, ultrapassado esse «limite» ou, o que talvez seja ainda preferível, colocados nós uém dessa linha/limite é a própria matéria, a carne, que se apresenta como «cosmos» e como *analogia* («teoria do mundo») se / e nos *configura*.

Deste ponto de vista, era aos *Diários* que, de novo, nos poderíamos aqui referir. Só que, o que nessa «série» se afirmava como uma dimensão *interticial* (daí também o carácter facilmente apreensível, «atmosférico», dessa pintura: o que tem tanto a ver com o modo como o todo, nela, se marca lacunamente, como com o seu carácter miniatural de *átomo*, ou caos, in-fundo, *explodido*, aqui surge *re-ligado*, remetendo-nos ou para um estado prévio (todos sabemos que não há estados prévios...), ainda não-organizado, de «plasmaticidade» (pelo que, a propósito ainda dos *Diários*, se poderia também escrever que é o *des-contínuo*



que força o contínuo), ou então para um estado «póstumo» (futuro) em que as próprias noções de forma e de figura (ou de limite) se fundem num nódulo de cor massivo e explosivo, *bruto*.

3. A *matéria* é a da cor da carne — que ante os nossos olhos se descarna. E que só então, enquanto *massa*, noutra unidade, se conjuga. Todos os tempos, compreende-se, aqui confluem: não há passado ou futuro — porque só no dia do Juízo Final tudo será compreensível, a *anima* desprender-se-á do corpo aparentemente, mas não porque se aboliram os corpos (ou para criar, como queriam os Cátaros, um «corpo transparente») mas, sim, porque se *extinguiam*, deixaram de fazer (produzir) sentido as diferenças (ou a sua fórmula reduzida: os túmulos). Para os amantes não há futuro porque foi no presente que eles já viveram (e disso se constituíram) o seu futuro.

E contudo, os amantes foram piedosos, na sua prova, já que dela nos deixaram ainda alguns sinais, resíduos: precisamente, os túmulos. Se há *passagem*, aqui, é no presente que ela se dá como futura. A passagem, a haver, é a da *pedra* (da referência figural ou arquitectónica: «dois poemas em pedra onde em quarenta e seis edículas... se narra... a dureza de pedro em sua figura de pedra», Ruy Belo, poema citado em epígrafe), ou a da sua presença *des-ocultada* pela «catástrofe» (de novo o momento de re-constituição, mas agora a partir de baixo: do não-figural, do *informe*, do que as formas nunca figuram: «Nessa rosácea que em círculos concêntricos/forma a fala de pedra da catástrofe», *idem*), agora, *ao real* e à *carne*, em que finalmente todos os limites se *con-jugam* («e a rosácea tumular tem afinal/ aquela rudeza do real mais do que do simbólico ou moral», *idem*).

Tudo se passa, portanto, em todos os sentidos. Do interior para o exterior — e no seu sentido contrário (Aliás, a partir de certo momento, todos os sentidos são os seus «contrários»). A *marca* das costuras (os andaimes, as armas, as lajes descobertas) está lá para *provar* que a questão da «forma» já não se põe, que ela foi *violentada* (Sim, como só no Juízo Final rebentará os túmulos). Com efeito, a questão que aqui se coloca não é a da Verosimilhança — do sentido, da forma ou sequer da marca reconhecível de um «estilo» — mas a da verdade ou do *verídico* do seu próprio percurso. Só quando se perde a orientação, ou a noção de espaço, a obra prescinde do seu orgulho especular, antropomórfico (do seu «egoísmo»), e se con-grega, solidariza, numa única *ligação* — e já não «forma» — com tudo. Momento que é o da *analogia*: ou, se se preferir, o dessa intenção antropológica última da obra, entendida já não como «representação» mas como *concentrado*, «analogum», do mundo.

4. Depois, então sim, pode-se aceder ao convite do autor e visitar os túmulos. Por si, claro, eles nada explicam; se se viu bem já se percebeu — ou sentiu — tudo. O Pintor, há que dizê-lo, foi o único que desde o início viu tudo. Dessa visão — como os amantes, em relação aos túmulos — deu-nos o que pode: fragmentos, resíduos (restos de matéria, mas ao mesmo tempo a mais resistente), vestígios (ocultos).

A questão que agora se (-nos) põe é outra. Participar num *rito*. Ou seja, participar noutra obra/empreendimento. Num projecto já não tanto arqueológico — mas *também* arqueológico: seja ele fazer o levantamento de uma civilização (série *romana*) ou de uma

memória (*Trabalhos do Sótão, Casa*) — como antropológico: um processo que nos poderá conduzir ao (re-)conhecimento final da matéria como um vulcão de magma explodindo ou deramando-se, silenciosamente disforme, *para fora* dos túmulos. Não falei em «ritual» — sempre uma reificação *segunda* dos processos e dos sentidos (questão sempre de habilidade ou de prestígio) —, mas de um *rit(m)o*. Perceber, por exemplo, como *por fora*, pelo exterior, *tudo se continua com tudo*: a casa da infância com o sótão, o mosteiro com o cemitério, ou os túmulos.

O Pintor, esse, escolheu o seu centro. E nele cravou a sua pintura.

Não para centrar o Mundo mas para que, enfim, pudesse vir o des-centrar de tudo.

Fernando Guerreiro

Nota — Carlos Natividade Correa, *Túmulos. 18 estudos e 5 pinturas*, participação integrada na exp.<sup>o</sup> *Seis artistas — ala sul do mosteiro de Alcobaça* (de 20-12-1986 a 20-1-1987). Com C.N.C. expõem António Trindade e José Aurélio *esculturas*, Ilídio Salteiro, Luciano António e José Paulo Ferro *pinturas*. As citações de Ruy Belo foram retiradas do extracto de *A Margem da Alegria* que C.N.C. policopiou propositadamente para acompanhar a sua participação nesta exp.<sup>o</sup>. Os motivos quer das pinturas quer dos estudos (tinta da china e lápis de aguarela) foram elaborados a partir dos motivos contidos — em particular nas edículas das rosáceas tumulares — nos túmulos de D. Pedro e de D. Inês, no mosteiro de Alcobaça. Os 6 autores (escultores e pintores) são originários da região de Alcobaça. A Exposição foi organizada pelo Museu de Alcobaça, anunciando-se como a 1.<sup>a</sup> de uma série de «Exposições temporárias».

## Fotografia 3 — Figuras do Espanto

# Da invenção do natural

A explicação do nome «desenho fotogénico» como «processo pelo qual os objectos podem ser levados a delinear-se a si mesmos sem a ajuda do lápis do artista» descreve, de um modo quase caricatural, o episódio fundador da invenção da fotografia por William Henry Fox-Talbot. Ocorrido nas (ainda hoje) belas margens do lago de Como em Itália, esse episódio teve qualquer coisa de um exercício de frustração: «... eu estava a divertir-me nas adoráveis margens do lago de Como em Itália, tirando esboços com a câmara lúcida de Wollaston, ou antes, deveria dizê-lo, tentando tirá-los: mas com o menor sucesso possível... Após vários ensaios infrutíferos pus de lado o instrumento e cheguei à conclusão de que o seu uso requeria um conhecimento prévio do desenho que infelizmente eu não tinha. Pensei então em tentar outra vez um método que tinha tentado muitos anos atrás. Este método era, prover-me de uma câmara obscura e fazer incidir a imagem dos objectos num pedaço de papel situado no seu foco-imagens de fadas, criações de um momento e destinadas a um desvanecimento veloz. Foi durante estes pensamentos que a ideia me ocorreu — quão encantador seria se fosse possível forçar estas imagens naturais a imprimirem-se a si mesmas duravelmente e a manterem-se fixas no papel.»<sup>(1)</sup> A câmara lúcida era um dos vários meios instrumentais pelos quais, quando a fotografia ainda não tinha aparecido, se procurava mecanizar e facilitar a prática do desenho; mas aqui era a humanidade mesma do desenhador aquilo que mais inapelavelmente poderia comprometer a restituição, pelo desenho, dos aspectos que se pretendiam representar. A perspectiva fora já, desde o Quattrocento, um método de desumanização parcial da pintura; é com ela que se enceta um processo de matematização do visível, e de ordenação da visão. É então que, pela primeira vez, olho e representação são colocados sob a alçada de leis que se preocupam quase nada com quem vê e desprezava igualmente a natureza daquilo que é visto. Situando-se inteiramente nesta linhagem que se inicia com a perspectiva a câmara obscura consegue, até certo ponto, através de uma mecanização do complexo olho-mão, retirar ao desenho parte dos aleas que teimosamente aí persistem em virtude da humanidade do desenhador. No entanto, e a prestarmos atenção às palavras de Talbot, duas coisas são evidentes: a primeira, que essa mecanização do desenho ainda não dispensava o desenhador do trabalho de desenhar; a segunda, que certos «desenhadores» havia que, nem com a ajuda da câmara lúcida, nem com o maior trabalho e com a mais tenaz das paciências haveriam alguma vez de conseguir desenhar satisfa-

toriamente. A ideia de Talbot, que podemos sem jogar com as palavras classificar de «luminosa», situava-se no cruzamento destas duas exigências, até então por resolver: conseguir uma representação satisfatória de um objecto ou cena com o mínimo de esforço, através de meios que exigissem do sujeito operador a menor competência possível. Deixemos por agora em suspenso uma investigação em torno daquilo que então se podia conceber como representação satisfatória, bem como dos choques que essas concepções sofreram com o aparecimento das técnicas fotográficas. Digamos antes que, face às exigências acima mencionadas, a ideia de Talbot (e, também, de Daguerre e de Herschel) continha uma aposta arrojada: fazer com que a natureza se fizesse de si mesma a desenhadora. Sabe-se que Talbot pôde levar a bom termo os seus projectos, e que

as «camerae obscurae», armadilhas com soluções químicas, se tornaram rapidamente no «vade-mecum» de eleição (se bem que por vezes ainda «boiteux») de uma multidão de desertados do desenho e da pintura. Como nos deixou escrito o próprio, «Existe, seguramente, uma via régia para o desenho, e um destes dias, quando mais conhecida e melhor explorada, ela será provavelmente muito frequentada. Já variados «amateurs» (em francês no texto) puseram de lado o lápis e armaram-se com soluções químicas e «camerae obscurae». Estes amadores, especialmente, e eles não são um punhado, que acham as regras da perspectiva difíceis de aprender e de aplicar — e que para além disso têm o infortúnio de serem preguiçosos — preferem utilizar um método que os dispensa de todas as maças». <sup>(2)</sup> Não nos interessa, por agora, passar para o lado dessa multidão de forreiros do

visível que cedo começaram a utilizar a câmara e os subterfúgios da química para poupar para o olhar as visibilidades evanescentes dos seus mais variados momentos. Isso seria condenar-nos a abandonar o período no qual, sendo o processo fotográfico uma descoberta em vias de se fazer, cada fotografia podia ainda ser ao mesmo tempo objecto de culto e de espanto.

Espantoso era aqui o próprio processo que forçava a natureza a dar de si mesma a imagem, o dispositivo que, por meio de um cúmulo de artificialidade, permitia a obtenção daquelas que eram tidas como as mais naturais de todas as imagens. A tal ponto que o espanto, em Talbot, face à magia natural das imagens fotogénicas, não tinha tanto que ver com uma incapacidade de reacção face ao objectivo do espanto, nem com um apetite devorador pela efígie representada, mas com a sua posição algo periférica

em relação ao dispositivo em que elas literalmente «se faziam»; daí uma certa **humildade** dos primeiros fotógrafos em relação ao seu papel na produção dos «efeitos fotogénicos», humildade essa aliás muito bem assinalada por Gail Buckland no que concerne William Henry Fox-Talbot: «Talbot apontava a câmara ou pousava a folha no papel, mas achava as suas acções pequenas quando comparadas com os feitos das leis da natureza que criavam realmente a fotografia».<sup>(3)</sup>

Pedro Miguel Frade

#### Notas:

(1) W.H.Fox-Talbot, *The Pencil of Nature*, Longmans, Brown, Green & Longmans, London 1844-46, introdução não paginada.

(2) Idem.

(3) Gail Buckland, *Fox-Talbot and the invention of Photography*, David R. Godine Publisher inc., Boston 1980, p.31.



## Agenda de um teatreiro em Paris

# Duzentos mil espectadores para «A Ópera...» de Brecht/Weill/Strechler

Um pequeno anúncio publicado recentemente no «Monde» informava que 80 000 espectadores já tinham visto L'Opéra des Quat'Sous («Ópera dos Três Vintns»), de Bertolt Brecht e Kurt Weill, é na encenação de Giorgio Strehler, que se estreou no Châtelet nos primeiros dias de Novembro. Aliás, quando dessa estreia, um jornal anunciava que estava prevista uma assistência de 200 000 espectadores até ao final da carreira do espectáculo, em Fevereiro. É muita gente para um espectáculo de teatro que não é propriamente uma revista ou um boulevard, mas um trabalho assinado por um dos intelectualmente mais prestigiados homens do teatro europeu.

Dir-se-á que comparados com as assistências que enchem os estádios ou com as massas de telespectadores, esses números não são significativos. Mas, de facto, em termos de teatro, 200 000 é muita gente. É mais uma prova de que o teatro está aí para durar.

Aliás, ao longo destas notas, tenho vindo a manifestar a minha admiração pela procura do espectáculo teatral, em Paris, procura que em certos casos é maior que a oferta. Um desses casos é precisamente o deste espectáculo, já que, quando lá estive, havia centenas de pessoas à procura de bilhetes que, geralmente, não encontravam. Não esqueçamos, entretanto, que Châtelet é um dos sítios mais procurados pelo público da província que se desloca a Paris em excursões.

**D**E qualquer maneira, devemos ter em conta que não é por acaso que o público procura o teatro na capital francesa. O público não cai do céu: é preciso procurá-lo. Ora, por exemplo, não se podia andar de «metro» em Paris sem deparar com anúncios que propunham o

acesso do público à informação teatral: durante meses esteve instalado numa das mais concorridas estações de «metro» e caminho-de-ferro (Montparnasse) um quiosque onde eram distribuídos prospectos referentes só às temporadas dos teatros dos subúrbios de Paris; além disso

são numerosos e imensos os cartazes dos espectáculos de teatro colados nos corredores e nos próprios cais das estações do «metro».

Realizações constantes, por outro lado, chamam a atenção do público para o espectáculo teatral. Quando chegámos a Paris encerrou-se uma exposição dedicada ao teatro contemporâneo, organizada pela Câmara Municipal, exposição que devia ter sido bastante importante, ajulgar pelo volume e preço do respectivo catálogo — 150 francos! No «foyer» inferior do Pompidou havia uma exposição-feira de obras dedicadas ao espectáculo, com maquetas de cenários, figurinos, fotos, etc., além de centenas de livros e revistas, peças, ensaios, histórias, álbuns de teatro, música, bailado, cinema, televisão, livros que nunca mais acabavam. Exposição sempre cheia de gente que olhava, folheava, comprava. Ainda no Pompidou, na respectiva biblioteca, a habitual exposição bibliográfica era dedicada à edição de obras dramáticas com uma amostra de livros sobretudo de dramaturgos novos.

Ainda integrado na exposição-feira realizou-se um ciclo de debates com a presença de numerosas individualidades conhecidas do teatro francês, debates que eram transmitidos pela France-Culture. Assistimos, precisamente, a parte do último desses debates.

8.11.86

Últimos dias, últimas energias, últimos livros, últimos espectáculos, últimos francos. Horas de corridas para vermos o que ainda não tinha-

mos visto, rever o que merecia ser revisto.

Ao fim da tarde, debate no Pompidou sobre a edição de obras de teatro e os seus problemas. Orientação de Bernard Dort com a presença, entre outros, do dramaturgo Jean-Pierre Sarrazac, de quem apresentei há meses aqui uma entrevista, do encenador e director do T.N.S. (Teatro Nacional de Estrasburgo), Jacques Lassalle, do director do Théâtre de la Ville, do director de uma colecção de peças de teatro; intervenções vivas de alguns dos muitos assistentes. Algumas ideias:

■ Grande quantidade de obras escritas e não publicadas (400/500 originais recebe por ano um editor especializado).

■ A representação das peças não faz aumentar substancialmente a venda das edições.

■ Há actualmente mais gente a ler teatro.

■ Há alguma resistência no reconhecimento do estatuto literário da obra teatral.

■ A presença do autor não influi, no encenador, em relação à aventura que é o levantamento de um espectáculo.

■ O autor vivo tende a escrever através de uma visão interior da representação, o que pode causar problemas.

■ Textos do passado e do presente têm o mesmo valor porque o que fazemos com eles é interrogar o que neles nos fala de hoje.

■ O público espera dos teatros nacionais as grandes obras e recusa o risco da criação, que, no entanto, deve ser compartilhado com ele (trata-se de uma aventura difícil).

■ O T.N.S. representou em três anos quinze autores franceses contemporâneos.

■ No Théâtre de la Ville as peças de autores contemporâneos provocam uma maior procura de assinaturas.

■ O público deseja saber a história que a peça conta.

■ Há desinteresse e atraso por parte da Imprensa no apoio a jovens companhias que produzem espectáculos interessantes.

O debate estava de facto vivo, mas começava a ser tarde, o espectáculo do Châtelet estava marcado para as 8 horas, foi por isso necessário deixá-lo a meio.

### Dois lugares no Châtelet

As complicações e o nervosismo do costume: controlo para um papel, bilhetes noutro lado, sempre com bichas, sempre à espera que os respectivos funcionários chegassem. Uma «segurança» muito apertada, na entrada, com agentes a passar pelos espectadores o aparelho detector de armas, outros a fechar as portas à chave. Felizmente, gente simpática. Tudo computadorizado, anúncios luminosos permanentes anunciando as horas do espectáculo e o tempo da representação. Um quiosque com venda de livros, programas e discos referentes ao espectáculo. Uma máquina este Châtelet...

Os lugares que nos cabem não são os ideais mas suficientes: uma espécie de segundo balcão de lado, mas com boa visibilidade. Os preços variam entre os 47 F e os 340 F, estamos na terceira categoria, mas só pagamos um bilhete



Strechler com Michael Heltav durante um ensaio no Châtelet



A Ópera de Strechler

Continuação da pág. 6

(195 F, cerca de 4500 escudos na época), já que conseguimos uma borla de crítico, graças à intervenção do nosso amigo Jean-Marie Amartin, do Théâtre en Europe, a quem estamos muito gratos não só pela borla mas sobretudo por nos ter conseguido lugares, o que era extremamente difícil. Sala imensa, cheia, absolutamente cheia; como sempre, muita gente nova.

### Terceira «Ópera» de Strehler

Um espectáculo que podemos considerar histórico: é a terceira vez que Strehler encena a obra de Brecht/Weill, mas nunca o fez com tantos meios de produção da responsabilidade do Théâtre en Europe.

No original a acção decorre em Londres, nos anos 20, já que Brecht se inspirou na obra de John Gay «*Ópera dos Mendigos*»; na sua primeira encenação, como a segunda em Milão, Giorgio Strehler colocou-a em Berlim, cidade nazificada pelo poder hitleriano, encenação que o próprio BB aplaudiu, e de tal maneira que escreveu a Strehler: «Gostaria de poder confiar-lhe as encenações das minhas peças para a Europa, umas após outras.» (1956). Na segunda encenação, em 1972, GS transplantou a obra para Nova Iorque, na crise dos anos 20, e aí voltou a colocá-la desta vez na Manhattan de 1910, porque «hoje é em Nova Iorque que se decide a economia ocidental», como ele explicou.

Para este trabalho, GS contou com o seu colaborador habitual, Ezio Frigerio, um dos grandes da cenografia europeia, que tem também trabalhado com Roger Planchon e a quem a revista «Théâtre en Europe» dedicou recentemente um substancial «dossier». Os figurinos, excelentes, têm também uma assinatura italiana: Franca Squarciapino.

Antes do mais, tenhamos em conta o que significou a estreia da *Ópera...* a 31 de Agosto de 1928 no *Theatre Am Schiffbauerdamm* de Berlim, estreia que provocou tanto barulho que BB e Kurt Weill nunca mais se livraram dele. Hoje a *Ópera dos Três Vinténs* é uma daquelas obras paradigmáticas que sinalizam a história do autor (para o caso, dois), de um teatro, o europeu, de uma teoria, a do teatro dialéctico. A obra foi objecto em Portugal de um espectáculo bem intencionado mas notoriamente insuficiente, do Teatro Experimental de

Cascais, encenação de Carlos Avilez («DL»/3-6-76). Diz-se que esta obra já foi representada na Europa mais de 10 000 vezes. Por mim, gostaria de a ver no S. Carlos criada pela equipa que produzia *Mahagonny*, dirigida pelo João Lourenço. Ainda a propósito da estreia mundial recordemos algumas palavras da grande cantora Lotte Lenne, mulher de Kurt Weill, que criou o papel de Jenny: «Durante os ensaios, havia sempre alguns desses 'tipos espertos', como lhes chamávamos, está a ver o que quero dizer, pessoas que têm a mania que sabem tudo. Um dos principais era o Fritz Kortner que dizia a Brecht e a Weill que seria 'wahnsinnig' — insensato — apresentar esta peça, que seria o maior escândalo teatral de todos os tempos. E, de facto, não esteve longe disso. Os ensaios, extremamente agitados, foram marcados por numerosas alterações na distribuição e Brecht modificou o texto até ao último minuto. Por exemplo, ensaiou-se a cena do bordel às cinco horas da tarde do próprio dia da estreia. No ensaio geral, havia quem dissesse para adiarmos a estreia, porque seria um desastre. No entanto, a estreia realizou-se na data marcada e quando o pano subiu reinou na assistência um silêncio total, gelo autêntico. (...) De repente uma corrente passou por entre os espectadores (na Canção dos Canhões) que se aperceberam de que qualquer coisa de novo estava a acontecer. A partir desse momento sentimo-nos no sétimo céu até ao fim do espectáculo.»

Ezio Frigerio criou uma Nova Iorque fantástica, ao mesmo tempo verdadeira e mágica, realista e teatral: enormes rodas com pequenas lâmpadas evocam as festas populares da época; um automóvel negro de luxo é a cama Rocco do casal Polly/Mackie; uma enorme vidraça ocupa a parte superior do proscénio enquadrando magnificamente a cena; os elementos cenográficos sobem e descem da teia num movimento mecânico impecável; ao fundo perfilam-se os volumes reconhecíveis de Nova Iorque: os arranha-céus degradados com as escadas de incêndio, sobre eles corre um jornal luminoso com os comentários de Brecht; a loja dos mendigos, o bordel, a prisão, a garagem, são, ao mesmo tempo, extraordinariamente realistas e duma fantástica teatralidade (digna dos espectáculos do Berliner Ensemble que vi). Direi, no entanto, que os cenários de Ezio Frigerio são prejudicados pelo facto de uma iluminação insuficiente, ao que suponho propositada, impediu a sua visão, aliás, contrariando o princípio

brechtiano que exigia claridade para a cena.

### O problema dos actores

No entanto, o principal problema com que GS deparou foi com o trabalho dos actores, em especial com a necessidade de conseguir uma unidade indispensável entre intérpretes oriundos de várias origens e marcados por diferentes técnicas de representar, unidade que não tinha conseguido, pelo menos nas primeiras representações. Há os franceses, aliás actores excelentes, como Yves Robert (Peachum) e Denise Gence (Celia Peachum), além de outros; há os alemães, como Michael Heltau (Mackie) e Barbara Sukova (Polly), esta uma das actrizes predilectas de Fassbinder e que obteve o prémio de interpretação feminina no último Festival de Veneza com «*Rosa Luxemburgo*»; há a italiana Milva, conhecida como cantora e intérprete de BB para GS, no papel de Jenny.

Pode pois dizer-se que o maior problema do espectáculo consiste no facto de cada intérprete puxar para seu lado, o que prejudica, talvez irremediavelmente, os resultados globais obtidos pelo encenador. Bons actores, como é o caso de Yves Robert e em especial de Denise Gence, uma das mais consideradas comediantes francesas, sente-se, no entanto, que estão sempre aquém das personagens que exigem uma outra energia, uma outra maneira de interpretar, mais próxima da técnica brechtiana. O mesmo não diremos de Barbara Sukowa (nem de Michael Heltau), certamente com uma outra preparação técnica e artística, que confirma neste espectáculo as suas notáveis capacidades interpretativas: a sua Polly é uma autêntica criação. O mesmo se poderá dizer de Milva embora a diferença entre a qualidade da sua voz e sobretudo o domínio da técnica de cantar as «songs» brechtianas tornem ainda mais extensa a diferença entre ela e os outros intérpretes. Aliás, bastaria que os intérpretes prestassem atenção à voz do próprio Brecht para entenderem o que há de peculiar nessas intervenções musicais. De facto, o espectáculo inicia-se com uma homenagem de GS a BB: no centro do palco vazio, um velho gramofone toca uma velha gravação de algumas canções da *Ópera...*, e entre os intérpretes está o próprio Brecht que canta «Mackie Messer» e «Canção da inadequação do esforço humano» (estou a ouvi-lo neste momento). Não sendo cantor, BB utiliza um tom entre o canto e a fala que exprime com muita força e, sobretudo com muita intencionalidade, o discurso que pretende transmitir.

Foi a Milva, para a ela voltarmos, que ficámos a dever o momento musical mais alto do espectáculo com a interpretação da célebre «song» «Jenny-Pirata», uma interpretação ao mesmo tempo beéla, comovente e despertadora de significados, tal como BB a quieria, interpretação delirante e justamente aplaudida.

### Uma parábola sobre o capitalismo

É conhecida a história que a *Ópera...* conta, história de várias personagens do «bas-fond» de Nova Iorque (neste caso). Peachum é o rei dos mendigos; ele transformou a mendicância numa profissão rendosa (para isso tem os seus escravos). A filha dele e da mulher, Celia Peachum, a Polly, prepara-se para fazer uma grande asneira: casar com o bandido Mackie com quem o pai está de relações cortadas. O casamento de Polly e Mackie celebra-se na garagem



Caro Strehler, Gostaria de lhe confiar todas as encenações das minhas peças na Europa, umas após outras.

Obrigado,  
Bertolt Brecht

transformada em casa, por um padre, membro da quadrilha, assistido um amigo de Mackie, Brown, o chefe da Polícia porque mendigos, gangsters, autoridades religiosas e policiais — é tudo a mesma enorme e querida família mesmo quando andam desavindos.

### Um duplo final

Peachum exige da Polícia a prisão de Mackie enquanto a mulher vai ao bordel preferido do genro para que as mulheres o denunciem à Polícia a troco de dólares, claro. É a própria Jenny, a preferida do gangster, que entrega o amante à polícia enquanto Polly toma conta dos «negócios» de Mackie. Brown, bem contra a vontade, nada pode fazer para salvá-lo. A filha dele, a querida Lucy, também respeitavelmente burguesa, a quem Mackie prometera casamento, encontra-se na prisão com Polly o que dá lugar a uma inevitável rixa. Mackie, com a ajuda de Lucy consegue evadir-se, deixando na cela o seu amigo Brown.

Reclamando o prémio que lhe fora prometido, Jenny revela a Peachum o lugar onde Mackie está escondido. Isto tudo enquanto Polly se revela uma gestora muito eficiente e das empresas criminosas do marido metendo na ordem os cúmplices que queriam dominá-la. Mackie acaba outra vez na cadeia e na força. Tal só não vai até às últimas consequências porque Peachum o impede dizendo que pretende demonstrar que, pelo menos no teatro, a piedade pode, ao menos uma vez, triunfar da justiça,

pondo um outro final à disposição do público. Como num melodrama, chega um arauto a cavalo anunciando que o condenado fora perdoado e reabilitado, final que Peachum comenta cantando que os arautos não costumam aparecer quando os explorados tentam devolver os golpes. GS tratou estas cenas finais como um melodrama cantado, com todos os estereótipos do género, cenas admiráveis. Por fim, os numerosos intérpretes e figurantes despedem-se das suas personagens e cantam o coro final que BB alterou no ensaio geral da encenação de Strehler em Milão, em 1956:

«Não castigueis o pobre que peca a pobreza acabará um dia.  
Cantemos, sim, contra as injustiças para que um dia triunfe a humanidade.»

Fizemos algumas reservas a este espectáculo. No entanto, a grandeza e a grandiosidade que o marcam, a beleza e a energia cénica que constantemente comunica; a invenção permanente de achados; a movimentação das massas; a gestualidade tão fortemente marcada; a qualidade e a coerência plásticas (embora prejudicadas pela luz, como disse); a qualidade musical, na interpretação da orquestra do Châtelet dirigida por Peter Fischer; o nível excepcional de algumas interpretações — todos estes elementos formam, na sua globalidade, um espectáculo extraordinário, um daqueles espectáculos que marcam a vida de um espectador de teatro.

Põe-se por vezes em causa a possibilidade da *Ópera dos Três Vinténs* manter ainda alguma capacidade crítica, de denúncia da exploração capitalista. No entanto, mesmo num espectáculo como este, tão sumptuoso, tão rico, aparentemente tão desmobilizador da carga política e ideológica do texto, não só é óbvio que essa carga se mantém viva como foi sublinhada pelo encenador. Provam-no, de resto, as reacções do público, ao aplaudir ou ao manifestar alguma ansiedade. Aliás, alguns dos sinais criados por Strehler, como na cena do cortejo dos mendigos em que surgem homens sem membros, mutilados da guerra, sacrificados pela Pátria, são disso convincente exemplo.

De facto, esta parábola brechtiana, nesta versão strehliana, mantém um grande poder corrosivo. E este espectáculo é, com algumas manchas, uma obra-prima.

(Estamos a chegar ao fim desta agenda. Para a semana vamos falar de um grande clássico, Molière, de um grande homem de teatro, Roger Planchon, e de um grande actor, Michel Serrault.)

Carlos Porto



Milva: maravilhosa Polly



A banda desenhada e a Ópera

*Entre os inúmeros casos de pequenos e médios feitiços da noite lisboeta, um exemplo revisto pelo autor e adaptado por forma a ser contável às crianças em serões de Inverno. A um passo da reportagem de choque e a outro do conto de encantar.*

# Lisboa fora de horas

**D**UAS da manhã. Sábado. Rua de São Bento, perto do Parlamento. Boite Lontra.

Já se sabe que está cheia, a deitar por fora. Vida nocturna, noctívagos. Um certo ambiente, de contornos diferentes, apercebe-se disso logo desde a primeira vez que se lá vai. Porquê?

À entrada, o porteiro, «Sô Zé», cobra 400 escudos. Dá direito a duas cervejas ou a um scotch, ou gin, ou vodka, ou absinto.

Franqueada a porta, dado o primeiro passo, pisamos um tapete, igual a enésimos tapetes do género. Começam aqui as diferenças, o «leit motiv» deste trabalho.

Um antigo empregado da Lontra revelou a várias pessoas que há tempos o dono da boite contratou três quimbandeiros para enfeitiçarem o tapete da entrada. Objectivo: depois de o pisarem os clientes ficavam possuídos pelo lugar e lá voltariam todos os dias. O repórter ouviu, registou.

A viagem continua. A companhia deixa a mala, à esquerda, o bengaleiro. Depois, um pequeno corredor, a cabine do disk-jockey, o Nando, também vocalista do conjunto privativo da casa a pista apinhada, um pequeno palco com os instrumentos à esoeira, um sítio na noite metropolitana, África como referencial primeiro, ponto de encontro para negros, brancos, mulatos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé, um Portugal europeu e curioso, enfeitiçado, será (?), por ritmos, rituais, ambiência vinda doutro continente.

Mesas à esquerda e à direita, um corredor até chegar lá ao fundo ao balcão. Muita gente, rostos indecifráveis, a bebida-rei é a cerveja. Aos encontrões a gente sente-se num banquinho cilíndrico, do tipo puff. E fica a observar.

## Perguntas perigosas

Será a vigésima vez que o repórter ali vai. Depois de ter registado a história do tapete enfeitiçado, tratou de confirmar. Chegou à conclusão que fazer perguntas envolvia alguns perigos. Não é ilegal contratar quimbandeiros para enfeitiçar um tapete. Mas é claro que o dono da boite não desejara que a história se saiba. Não convém para o negócio. Tornou-se óbvio que o melhor era contar simplesmente a história, descrevê-la na sua verosimilhança possível.

Afinal, não estamos em África, em Luanda, em rituais «voodoo», onde se começa por cortar a cabeça a uma galinha viva. E o galináceo depois corre em frente e para os lados, a jorrar sangue, até cair de vez, coração ainda palpitante, entre o círculo de indefectíveis. Mas estamos na Europa. A cultura é outra, as ciências são exactas. Que feitiço?

Passou só meia hora desde que entrámos. O conjunto toma posição no pequeno palco. É hora para temas de inspiração cabo-verdiana, guineense, angolana, brasileira. A gente dança com a parceira, o clima sobe



ao rubro, corpos colados, a voz do vocalista, assim:

«Deixa eu te amar faz de conta que sou o primeiro na beleza desse seu olhar eu quero estar o tempo inteiro».

Outra cerveja. No balcão estava o Mário Lindolfo, de cabelo aparado, ele, sim, enfeitiçado por uma nova namorada. O Mário e aquele seu ar de boémio inveterado, um olá, então, como vai isso?, afectivo quanto bastar.

A Lontra é sem dúvida, há anos, ponto de passagem de jornalistas veteranos, todos eles tendo em comum o gosto por uma certa marginalidade, adeptos da subversão simpática.

Já sentados, eis que passa, acabadinho de entrar, Eduardo Guerra Carneiro, jornalista e poeta, também ele «habitué» da Lontra, acenando a um lado e a outro, conhecido e reconhecido, lançou um «olá, puto», seguiu para o balcão, sem lhe passar pela cabeça a história do quimbanda.

Jornalistas vão lá todos os dias. Uns mais populares, outros desconhecidos. É nítido, que se sentem bem, entre uma cerveja e o ritmo africano da banda sonora, do conjunto da casa.

## O «Zeca Mulato»

Mais artistas. Pintores do Bairro Alto, a porteira do Frágil, enorme, toda vestida de negro, aparece todos os dias por volta das três da manhã, a conversar animadamente com Lia Gama, a saltitar ligeira em direcção à pista. Conhecem-se uns aos outros,

encontram-se ali quase todos os dias.

Mas também surge o Zequinha, ou «Zeca Mulato», angolano batido nos expedientes do Rossio, filho de um velho caçador profissional que percorreu as savanas africanas, hoje retirado, reformado, refugiado em três assoalhadas para o lado dos Olivais.

O Zeca está teso como sempre. Pago-lhe uma cerveja. Depois são histórias de aventuras com o velho Macedo. Diz: «A esta hora podia ser rico. Ter um carrão, um Porsche, uma alta casa, um menino rico, viver dos rendimentos. Mas...»

Recordam-se amigos que já morreram. Nos olhos do Zeca, a saudade, a nostalgia, o cadastro duma vida, uma juventude abortada.

Diz: «Gosto de vir aqui porque se ouve música da banda». Mais que o traficantezinho do Rossio é um homem desiludido.

Está chateado: «A maior parte dos artistas angolanos morreram na guerra: Urbano de Castro, David Zé...»

Pois. Conto-lhe a história dos quimbandeiros, do tapete enfeitiçado, à entrada. Ri-se: «Ai é?!»

São quatro da manhã. Os vapores da cerveja tornam a melodia mais sonante. O «reggae» de Bob Marley faz o resto.

E há prostitutas de todas as cores, proxenetas, intelectuais e bissexuais, até mungoloides, deficientes motores, de muletas, barba hirta, cabelo despenteado, cerveja na mão, dois dedos de conversa.

E há gente normal. Aliás, apesar da história do feitiço, do ambiente estranho, o lugar é apazível para quem goste.

## Até choram...

Não citámos o nome do ex-empregado da Lontra que se descaiu com a história dos três quimbandeiros que enfeitiçaram o tapete da entrada porque isso lhe poderia custar uma monumental tarefa. Para já, está proibido de lá entrar.

Todo o cliente que fizer muita confusão é posto na rua. Regressa no dia seguinte e pede, implora. Vimos alguém em situação semelhante que foi ao ponto de chorar. Lá o deixaram. Outro chamou a polícia para que lhe dessem uma satisfação.

E o ex-empregado disse-nos que isso acontece frequentes vezes. É peremptório: «Tudo por causa do feitiço do tapete. Quem o pisar uma vez, volta lá no dia seguinte, e no outro. E se não o deixam, chora. É verdade».

Mais: «O dono da Lontra, não se preocupa quando abre a porta às 22 horas, e a boite não enche logo. Passado uma hora aquilo está cheio. De segunda a domingo...»

Que dizer? Estranho, caricato, bizarro, inverosímil? Não sabemos. É fácil. No caso desta história entrar na rotativa, e se a ler, vá até lá e tome o pulso ao ambiente. Pensamos ser caso único em Lisboa. Pela parte que nos toca ficaram relatados os factos pelos factos, em narrativa à americana. Por entre uma história de feitiço ensaiámos o realismo possível. A técnica mais segura foi o discurso indirecto. Acima do sensacionalismo gratuito, interessou-nos relatar os contornos dum local bem «underground», para uns, saudavelmente decadente para outros.

Alexandre Correia

## Mensagens Pessoais

### Aviso aos leitores

**A**LGUNS leitores, compreensivelmente interessados em aproveitar a oportunidade que lhes é oferecida por esta secção de anúncios gratuitos do «Sete Ponto Sete», enviam-nos regularmente — em certos casos semanalmente — o mesmo texto para publicação. Trata-se, sobretudo, de pessoas que assim pretendem publicitar a sua actividade comercial ou industrial. Casos houve, recentemente, em que a renovação de pedidos de publicação do mesmo anúncio foram acompanhados pelo envio de cheques com diferentes quantias.

Estes factos levam-nos a recordar o seguinte:

«Mensagens Pessoais» é uma secção gratuita, não devendo os leitores enviar-nos qualquer importância acompanhando o pedido de publicação de anúncios.

A secção foi criada para permitir a todos a divulgação de informações curtas — compra, venda ou troca de objectos pessoais, propostas de viagens ou de actividades em comum. Não se destina a servir aqueles que, detentores de um pequeno comércio ou de outra actividade lucrativa e regular, desejam publicitá-la.

Por outro lado, é-nos impossível, geralmente, satisfazer segundos ou terceiros pedidos de publicação do mesmo anúncio sem prejudicar primeiras publicações de novos leitores que pretendem aproveitar o serviço que lhes oferecemos.

Somos, assim, obrigados a pedir a todos aqueles que repetem frequentemente o envio do mesmo anúncio que se abstenham de o fazer. O mesmo pedido dirigimos a aqueles que pretendem divulgar a sua actividade comercial ou industrial.

### Guarda-fato

Vendo guarda-fato de casal, uma cama de pessoa só, e seis cadeiras (mas posso vender só uma ou duas) em madeira de castanho, estofadas com molas, não estreadas.

Tel. 89 83 36

Maria Isabel Alves Pinto

R. Marquesa de Alorna, 4, Dt.º, Lisboa

### Casa: alugar ou comprar

Casal com duas crianças pretende alugar ou comprar casa com cinco assoalhadas num monte com vista praia ou rio, com quintal, na zona de Setúbal. Informar para:

Ermelinda Gonçalves

Lote 176-178, 3.º, Dt.º, Santa Apolónia

3000 Coimbra

### Terreno, vendo

Tojeira-Magoito (Sintra), 500m2, água e luz, bem situado. Trata telef. 923 00 42.

### Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.